Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Humanas e Letras

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

Doutorado em Psicologia Social

ATITUDES FRENTE ÀS VÍTIMAS DE ESTUPRO: O PAPEL DE VARIÁVEIS SOCIOCULTURAIS E SOCIOPSICOLÓGICAS

Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa

João Pessoa/PB
Junho/ 2017

Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Humanas e Letras

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

Doutorado em Psicologia Social

ATITUDES FRENTE ÀS VÍTIMAS DE ESTUPRO: O PAPEL DE VARIÁVEIS SOCIOCULTURAIS E SOCIOPSICOLÓGICAS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, pela discente Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa, sob orientação do Professor Doutor Valdiney Veloso Gouveia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Psicologia Social.

João Pessoa/PB
Junho 2017

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B238a Barbosa, Larisse Helena Gomes Macedo.
Atitudes Frente às Vítimas de Estupro: O Papel de Variáveis Socioculturais e Sociopsicológicas / Larisse Helena Gomes Macedo Barbosa. - João Pessoa, 2018.
186 f.

Orientação: Valdiney Veloso Gouveia.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Estupro, machismo, valores, honra, personalidade. I. Gouveia, Valdiney Veloso. II. Título.

UFPB/CCHLA

Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Humanas e Letras

Departamento de Picologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

Doutorado em Psicologia Social

A tese "**ATITUDES FRENTE ÀS VÍTIMAS DE ESTUPRO: O PAPEL DE VARIÁVEIS SOCIOCULTURAIS E SOCIOPSICOLÓGICAS**", elaborada por Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa, foi considerada aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Psicologia Social.

Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia (UFPB, *Orientador*)

Prof. Dr. Rebecca Alves Aguiar Athayde (FIP, *Membro Externo*)

Prof. Dr. Tatiana Cristina Vasconcelos (UEPB, *Membro Externo*)

Prof. Dr. Palloma Rodrigues de Andrade (UFPB, *Membro Interno*)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel (UFPB, *Membro Interno*)

Às mulheres da minha vida: minha mãe Rosemary e minha avó Helena

Haverá um dia em que você não haverá de ser feliz
Sentirá o ar sem se mexer
Sem desejar como antes sempre quis
Você vai rir, sem perceber
Felicidade é só questão de ser
Quando chover, deixar molhar
Pra receber o sol quando voltar
(…)
Tem vez que as coisas pesam mais
Do que a gente acha que pode aguentar
Nessa hora fique firme
Pois tudo isso logo vai passar

Você vai rir, sem perceber
Felicidade é só questão de ser
Quando chover, deixar molhar
Pra receber o sol quando voltar

(Felicidade, Marcelo Jeneci)

Agradecimentos

E com um grande prazer que escrevo essa parte tão importante da minha tese. E nesse espaço eu não quero agradecer só pelos dois anos de doutorado, quero agradecer pelos meus dez anos de vida acadêmica, tentando lembrar de todos que se fizeram presentes de alguma forma nessa caminhada.

E eu começo agradecendo a Deus que não me desamparou em nenhum momento. Quando eu achava que tudo tinha dado errado, Deus me mostrava que ele tinha feito o melhor para mim. Não importa as circunstâncias, as dificuldades que enfrentei, ou venho enfrentando, eu sempre vou ser grata ao meu Senhor. Ele continua sendo Deus, Ele continua sendo bom.

Outra pessoa que eu agradeço, não apenas pelos dez anos de UFPB, mas pela minha vida, e por tudo que fez por mim. É a minha mãezinha, Rosemary Gomes Macêdo, minha rainha, a melhor pessoa desse mundo. Meu amor, esse doutorado é mais seu do que meu, na verdade ele é todo seu. Eu te amo demais, e como disse no mestrado todas as minhas conquistas serão dedicadas a você, por ser essa, mulher, mãe e pastora tão competente, tão justa, tão maravilhosa, que se dedica tanto em tudo que faz, você reflete o amor de Deus por onde passa. Obrigada por tudo, te amo muito. Agradeço ao meu pai, Sergio Henrique Lêdo Barbosa, por ser um pai provedor e incentivador, sei que o senhor torce muito por mim. Aos meus irmãos Luana Maria e Sergio Filho, meus primeiros amigos, sempre me esforcei para ser um exemplo, amo vocês!

Outro ser humano fantástico que Deus colocou na minha vida foi minha vovó, Helena Gomes Macêdo. Carrego o nome dela com um orgulho tão grande, e uma vontade de ser pelo menos um pouquinho da mulher forte e guerreira que ela é. Minha rainha, obrigada por sempre estar disponível para mim, por sempre se fazer presente nos momentos mais difíceis, por todas as ligações, preocupações e orações. Você não concluiu os estudos, mas mesmo assim me ensinou o valor dele, e me incentivou para que eu conseguisse passar por cada

etapa. Agradeço a Deus pela sua vida. “Só entre nós”, você é amor da minha vida! Dedico esse trabalho a você também. Aos meus tios, por todo o amor, cuidado e cumplicidade, eu sou um pouquinho de cada um de vocês: Rosinete Burity, Roseane Macêdo, Ricardo Macêdo, Rita Montenegro, Rosilene Soares e Flavio Soares, amo vocês.

Agradeço ao meu orientador de doutorado, o professor Valdiney, que há nove anos tenho o prazer de trabalhar e aprender. Eu agradeço ao senhor, professor, por tudo que me ensinou nesses nove anos, a sua influência na minha vida é enorme. Obrigada por ter confiado que eu conseguiria trabalhar e fazer o doutorado, pelas broncas quando eu não tava me dedicando como deveria, por ter me motivado a defender a tese antes da sua viagem. Sem o seu apoio eu não estaria concluindo esse ciclo. Te agradeço pelos nove anos de BNCS, pelos nove anos de aprendizado, pelos nove anos de ensinamentos que transcendem a academia. Espero que eu sempre possa mostrar minha gratidão ao senhor, para que não fique apenas em palavras, mas em gestos.

Sou muito, mais muito grata mesmo ao BNCS, família que eu me orgulho muito em fazer parte. Cada um com suas peculiaridades me fazem aprender e ser uma pessoa mais feliz diariamente. Bruna, Katia, Layrtthon e Rebecca, minha mesa “pra lá” de feliz, não importa a distância, vocês podem contar sempre comigo. Obrigada por toda ajuda e conselhos! Bruna, a dona das histórias mais loucas e divertidas, impossível não morrer de saudade de tu, criatura. Katia me ajudou em muitos desesperos. Sempre tão assertiva. Que bom ter divido tantos momentos contigo! LC sempre tão simpático e democrático tem um coração enorme, que ele insiste em esconder. Rebecca, tão carinhosa e especial na minha vida, um exemplo de ser humano e profissional, uma honra ter você fazendo parte da minha banca. Agradeço a Isabel pelo apoio e pela ajuda na revisão final da tese.

Sou grata a Ana Karla, Rafaella, Roosevelt, Leogildo e Renan. Foram anos de convivência e aprendizado. Lembro com carinho de todos os momentos vividos, por muitas

vezes idealizamos essa etapa das nossas vidas... estamos ficando velhos! À geração antiga: Viviany, Deliane, Marina, Valeschka, Diogenes, Walberto, Carlos Eduardo, sou feliz pela oportunidade de ter convivido com vocês, tenho uma grande admiração pelos pesquisadores e profissionais que vocês são.

À nova geração, Maria Gabriela e Alessandro, obrigada pela leitura atenta e por me ajudarem na coleta, vocês são pessoas iluminadas. Tátila, Thiago (Fofo), Anderson, Camila, Olindina, Flávia, Cida, Alex, Diego, Bárbara, Nicole, Tailson e Ítalo, obrigada pela ajuda, sempre que precisei de socorro, vocês estavam sempre dispostos a me ajudar. Que sorte a minha ter encontrado vocês no meu caminho!

Se existe amiga mais chegada que irmã, essa amiga é você, Samara Jácome. Dividiu comigo a sua história e tem me ajudado a construir a minha, sou grata a Deus pela felicidade de ter uma amiga de infância tão especial. Obrigada pelo melhor presente, a minha afilhada Sofia, a quem eu agradeço por sempre me mostrar a pureza de ser criança. Dinda é apaixonada por você, minha linda!

Sempre fui colecionadora de amizades. Nunca gostei de perder nenhuma. Assim, em cada fase da minha vida, guardo com carinho os amigos que fiz. Amanda e Rayza, amo vocês. E amo a família que vocês vêm construindo, é uma felicidade acompanhar nem que seja via whatsapp, o crescimento dos meus sobrinhos: Arthuzinho, Maria Alice e Ravi. Tia ama vocês. Débora Soares, você é exemplo de resiliência e temor a Deus, sou grata pela sua amizade. Mayara, Samira, Bruna e Nilane, amigas que fiz no cursinho pré-vestibular e me acompanham até hoje, um amizade muito valiosa para minha vida. Luana, Etiene e Gabriela, que bom dividir com vocês a minha graduação, meus planos, minha vida, no decorrer desses 10 anos vocês se tornaram grandes amigos! Oro para que a nossa amizade se fortaleça cada dia mais.

Agradeço ainda aos amigos que minha profissão me deu. Capreseianos, querido, Denise, Roberto Leonardo, Gildevan, Olívia, Tamiris, Thayanne e Marcelo. Obrigada por

serem minha família em Patos, pelo apoio, desenvolvi um carinho por cada um de vocês. Débora Najda, blogger querida, em todo tempo ama o amigo e na angústia se faz o irmão. Sou grata por todo apoio, cuidado, atenção, risadas, você tem se tornando muito especial, e nessa reta final da tese, devo muito a você, que nossa parceria doida dure por muitos anos. A Tatiana Vasconcelos, por todas as conversas na van, todos os conselhos, pela alegria, você é uma mulher admirável, em todas as áreas. Aos meus alunos queridos, pela compreensão, e apoio na coleta de dados, foi um semestre bem intenso, mas que bom que eu tinha vocês.

Agradeço, ainda, às Faculdades Integradas de Patos pelo incentivo para a conclusão do meu doutorado.

Por fim, minha gratidão aos membros da banca, Carlos Eduardo Pimentel, Rebecca Alves Aguiar Athayde, Palloma Rodrigues de Andrade e Tatiana Cristina Vasconcelos, por terem aceitado participar da minha banca de doutoramento, me sinto honrada com a presença de cada um de vocês nesse momento.

ATITUDES FRENTE ÀS VÍTIMAS DE ESTUPRO: O PAPEL DE VARIÁVEIS SOCIOCULTURAIS E SOCIOPSICOLÓGICAS

Resumo. A presente tese objetivou avaliar diferentes aspectos das atitudes frente às vítimas de estupro e suas relações com traços de personalidade, valores humanos, honra e machismo. Para tanto, foram elaborados um artigo teórico e quatro empíricos. O Artigo 1 discutiu o estupro, focando nas atitudes frente às vítimas, e as consequências psicológicas e socioculturais dessas atitudes. Em seguida, foram realizados dois estudos empíricos (*artigo 2* e *artigo 3*) de adaptação e validação de instrumentos psicológicos para o contexto brasileiro. Precisamente, o *Artigo 2* apresentou o processo de validação e comprovação da estrutura da *Escala de Atitudes frente à vítima de estupro (EAVE)* por meio de dois estudos; no primeiro, participaram 200 pessoas, com 21,8±5,27 anos, no qual, foi realizada uma análise dos componentes principais apontando uma estrutura de três componentes que explicaram conjuntamente *39,02%* da variância total, apresentando índices de consistência interna adequados, como seguem: *credibilidade da vítima* (α = 0,82), *merecimento da vítima* (α = 0,80) e *culpa da vítima* (α = 0,60). No *Estudo 2* efetivou-se uma análise fatorial confirmatória com as respostas de 231 estudantes universitários, apresentando idade de 21,6±4,02 anos, que corroborou a estrutura trifatorial [e.g., *GFI* = 0,86, *RMSEA* = 0,05 (IC90% = 0,044-0,062)] dessa medida. O *Artigo 3* objetivou adaptar a *Escala de Machismo Sexual* para o contexto brasileiro, reunindo evidências de seus parâmetros psicométricos, sendo também composto de dois estudos. Participaram 231 estudantes universitários (*Estudo 1*) e 200 pessoas da população geral (*Estudo 2*), com 21,6± 4,02 e 21,8±5,27 anos, respectivamente. Como resultados, encontrou-se uma solução unifatorial, com indicadores de consistência interna satisfatórios (α = 0,81 e α = 0,76) e validade convergente com os fatores *Sexismo Hostil* e *Sexismo Benévolo* da *Escala de Sexismo Ambivalente*. Ademais, uma análise fatorial confirmatória corroborou tal dimensão preconizada [e.g., *CFI* = 0,97 e *RMSEA* = 0,02 (IC90% = 0,075-0,104)]. O *Artigo 4* avaliou os correlatos das atitudes frente às vítimas de estupro, construindo um modelo explicativo tendo, como variáveis independentes o machismo, a preocupação com a honra, os valores humanos e os traços de personalidade. Utilizou-se uma amostra de 212 pessoas da cidade de Patos-PB (24,9±9,58anos). A partir da realização de regressões lineares, propôs-se um modelo explicativo no qual os traços de personalidade (extroversão e neuroticismo) predisseram os valores (interativo e existência), a preocupação com a honra (honra masculina) e o machismo, e esses por sua vez explicaram as atitudes frente às vítimas de estupro. O modelo apresentou os seguintes indicadores de qualidade: χ^2/gl = 2,75, *GFI* = 0,94, *AGFI* = 0,90, *CFI* = 0,87 e *RMSEA* = 0,09 (IC90% = 0,065 – 0,011); apontando para um ajuste satisfatório deste modelo. Por fim, o *Artigo 5* investigou a relação entre os valores da vítima, o ambiente onde ela estava e o gênero dos respondentes da pesquisa. Participaram 200 pessoas (22,4± 8,37 anos) que após a leitura de *cenários de estupro de uma mulher*, responderam questões relativas à situação de violência descrita no cenário. Como resultado, houve diferença significativa nos respondentes do sexo masculino, no nível maior *culpabilização do homem* quando a vítima foi descrita priorizando valores *interativos* e *normativos* comparado com valores de *experimentação e realização*. Já as mulheres, atribuíram significativamente mais culpa ao homem quando a vítima foi descrita com valores de *realização* e *normativo* do que valores de *experimentação*. Confia-se ter contribuído para a literatura na área, fornecendo duas medidas breves, especificame de avaliação das atitudes frente às vítimas de estupro e outra de machismo; foi const modelo explicativo das atitudes frente às vítimas de estupro, bem como, verifi influência dos valores humanos na culpabilização do estupro.

Palavras-chave: Estupro, machismo, valores, honra, personalidade.

ATTITUDES TOWARDS VICTIMS OF RAPE: THE ROLE OF SOCIO-CULTURAL AND SOCIO-PSYCHOLOGICAL VARIABLES

Abstract. The present thesis aimed at evaluating different aspects of attitudes towards victims of rape, and its relation with personality, human values, honor, and sexism. Thus, one theoretical paper and four empirical papers were elaborated. Paper 1 discussed rape, focusing on attitudes towards victims, and the psychological and socio-cultural consequences of these attitudes. Next, two empirical studies were performed (paper 2 and paper 3) an instrument adaptation and validation for the Brazilian context. More precisely, in Paper 2, the validation and verification of the *"Attitudes toward Rape Victims Scale (ARVS)"* were performed through two studies. The first one counted on 200 participants with mean age of 21.8 years old (SD = 5.27), in which a principal components analysis was performed, pointing out to a three components structure that explained 39.02% of the total variance. This structure presented adequate internal consistency indices, as it follows: *credibility of the victim* (α = .82), *deserving of the victim* (α = .80) and *the victim's fault* (α = .60). In Study 2, 231 university students participated, presenting a mean age of 21.6 years old (DS = 4.02), where a confirmatory factorial analysis was performed, corroborating the three factor structure of this measure [e.g. *GFI* = .86, *RMSEA* = .05 (IC90% = .044-.062)]. Paper 3 aimed at adapting the *Sexual Machism Scale* for the Brazilian context, gathering evidences of its psychometric parameters, also composed by two studies. Participants were 231 students (study 1), and 200 people from the general population (study 2), with mean ages of 21.6 years old (DS = 4.02), and 21.8 years old (*DP* = 5.27), respectively. As results, a one-factor solution was found, with satisfactory indicators of internal consistency (α = .81 and α = .76), and convergent validity with the factors of *Hostile Sexism* and *Benevolent Sexism* from the *Ambivalent Sexism Inventory*. Moreover, a confirmatory factor analysis corroborated such preconized dimension [e.g., *CFI* = .97 and *RMSEA* = .02 (IC90% = .075-.104)]. Paper 4 assessed the correlates of attitudes towards victims of rape, developing an explicative model with sexism, honor concerns, human values, and personality traits as independent variables. A 212 sample of people from the city of Patos-PB was used, with mean age of 24.9 (SD = 9.58). Through linear regressions, an explicative model was proposed, where personality traits (extroversion and neuroticism) would predict human values (interactive and existence), honor concerns (male honor) and sexism, and these, then, would explain attitudes towards victims of rape. The model presented the following fit indices: χ^2/gl = 2.75, *GFI* = .94, *AGFI* = .90, *CFI* = .87 and *RMSEA* = .09 (IC90% = .065 – .011); pointing out to a satisfactory adjustment of this model. Finally, Paper 5 investigated the relation amongst the victims' values, the environment they were in, and the respondents' gender. Participants were 200 people, with mean age of 22.4 years old (SD = 8.37), who after the reading of *scenarios of a woman's rape*, answered questions related to the violence situation described in the scenario. As a result, significant differences were found regarding male respondents, with a higher level of *male's blame* when the victim was described as prioritizing *interactive* and *normative* values compared to *excitement* and *promotion* values. On the other hand, women attributed the blame more significantly to men when the victim was described as having high *promotion* and *normative* values instead of *excitement* values. We are confident that contributions were given to this literature field, promoting two short measures, more specifically one evaluation towards victims of rape, and another one regarding sexism. Furthermore, an explicativ of attitudes towards victims of rape was developed, and the influence of human value blame for rape situations was tested.

Keywords: Rape, sexism, values, honor, personality.

ACTITUDES HACIA LAS VÍCTIMAS DE ESTUPRO: EL PAPEL DE VARIABLES SOCIOCULTURALES Y SOCIOPSICOLÓGICAS

Resumen. La presente tesis objetivó evaluar diferentes aspectos de las actitudes hacia las víctimas de estupro y sus relaciones con rasgos de personalidad, valores humanos, honor y machismo. Para ello, se elaboraron un artículo teórico y cuatro empíricos. El artículo 1 discutió el estupro, enfocándose en las actitudes hacia las víctimas, y las consecuencias psicológicas y socioculturales de esas actitudes. A continuación, se realizaron dos estudios empíricos (*artículo 2*) y (*artículo 3*) de adaptación y validación de instrumentos psicológicos para el contexto brasileño. Precisamente, el *Artículo 2* realizó el proceso de validación y comprobación de la estructura de la *Escala de Actitudes hacia la víctima de estupro* (*EAVE*) por medio de dos estudios; en el primero, participaron 200 personas, con promedio de edad de 21,8 años (*DE* = 5,27), en el cual se realizó un análisis de los componentes principales apuntando a una estructura de tres componentes que explicaron conjuntamente el *39,02%* de la varianza total, presentando índices de consistencia interna adecuados, como sigue: *credibilidad de la víctima* (α = 0,82), *merecimiento de la víctima* (α = 0,80) y *culpa de la víctima* (α = 0,60). En el estudio 2 participaron 231 estudiantes universitarios, presentando un promedio de edad de 21,6 años (*DE* = 4,02), se efectuó un análisis factorial confirmatorio que corroboró la estructura trifactorial (e.g., *GFI* = 0,86, *RMSEA* = 0,05 (IC90% = 0,044-0,062)] de esa medida. El *Artículo 3* objetivó adaptar la *Escala de Machismo Sexual* para el contexto brasileño, reuniendo evidencias de sus parámetros psicométricos, siendo también compuesto de dos estudios. Participaron 231 estudiantes universitarios (*Estudio 1*) y 200 personas de la población general (*Estudio 2*), con promedios de edad de 21,6 (*DE* = 4,02) y 21,8 (*DE* = 5,27), respectivamente. Como resultados, se encontró una solución unifactorial, con indicadores satisfactorios de consistencia interna (α = 0,81 y α = 0,76) y validez convergente con los factores *Sexismo Hostil* y *Sexismo Benévolo* de la *Escala de Sexismo Ambivalente*. Además, un análisis factorial confirmatorio corroboró tal dimensión preconizada [e.g., *CFI* = 0,97 y *RMSEA* = 0,02 (IC90% = 0,075-0,104)]. El *Artículo 4* evaluó los correlatos de las actitudes hacia las víctimas de estupro, construyendo un modelo explicativo teniendo como variables independientes el machismo, la preocupación con el honor, los valores humanos y los rasgos de personalidad. Utilizando una muestra de 212 personas de la ciudad de Patos-PB, con un promedio de edad de 24,9 (*DE* = 9,58). A partir de la realización de regresiones lineales, se propuso un modelo explicativo en el cual los rasgos de personalidad (extroversión y neuroticismo) predijeron los valores (interactivo y existencia) y la preocupación con el honor (honor masculino) y el machismo, y esos por a su vez explicaron las actitudes hacia las víctimas de estupro. El modelo presentó los siguientes indicadores de calidad: χ^2 / gl = 2,75, *GFI* = 0,94, *AGFI* = 0,90, *CFI* = 0,87 y *RMSEA* = 0,09 (IC90% = 0,065 - 0,011); apuntando para un ajuste satisfactorio de este modelo. Por último, el *Artículo 5* investigó la relación entre los valores de la víctima, el ambiente donde estaba y el género de los encuestados de la investigación. Participaron 200 personas, con promedio de edad de 22,4 años (*DE* = 8,37) que después de la lectura de *escenarios de estupro de una mujer*, respondieron cuestiones relativas a la situación de violencia descrita en el escenario. Como resultado, hubo diferencia significativa en los respondedores del sexo masculino, en el nivel mayor de *culpabilización del hombre* cuando la víctima fue descrita priorizando valores *interactivos* y *normativos* comparado con valores de *experimentación* y *realización*. Mientras que las mujeres atribuyeron significativamente más culpa al hombre cuando la víctima fue descrita con valores de *realización* y *normativo* que valores de *experimentación*. Se confía ter contribuido a la literatura en el área, proporcionando dos medidas breves, específicamente una de evaluación de las actitudes hacia las víctimas de estupro y otra de machismo, fue

construyendo un modelo explicativo de las actitudes hacia las víctimas de estupro, así como, se verificó la influencia de los valores humanos en la culpabilización del estupro

Palabras clave: Estupro, machismo, valores, honor, personalidad.

Sumário

Lista de Tabelas **19**

Lista de Figuras **20**

Apresentação **21**

ARTIGO TEÓRICO **23**

Artigo 1 ..... **24**

Atitudes Frente às Vítimas de Estupro: uma revisão da literatura **24**

Resumo 25

Abstract 25

Resumen 25

Introdução 26

Estupro: definições e estatísticas no Brasil 28

Atitudes frente às vítimas de estupro 30

Pesquisas acerca das atitudes frente às vítimas de estupro 33

Principais consequências das Atitudes frente às vítimas de estupro 36

Considerações finais 37

Referências 38

ESTUDOS EMPÍRICOS **45**

Artigo 2 ..... **46**

Escala de Atitudes frente à Vítima de Estupro (EAVE): evidência de validade fatorial e consistência interna **46**

Resumo 47

Abstract 47

Resumen 47

Introdução 48

Escalas de Atitudes Frente ao Estupro (EAFE) 50

Attitudes Toward Rape Victim Scale (ARVS) 52

Estudo 1. Estrutura fatorial da Escala de Atitudes frente à vítima de estupro .....

Método .....

Participantes 53

Instrumentos 54

Procedimento 55
Análises de Dados 55
Resultados 55
Estudo 2. Análise Fatorial Confirmatória da *EAVE* e comparação com um modelo alternativo **59**
Método 60
Participantes 60
Instrumentos 60
Procedimento 60
Análises de Dados 60
Resultados 61
Discussão 63
Referências 65
Artigo 3 ..... **69**
Escala de Machismo Sexual: Conhecendo as evidências psicométricas no contexto brasileiro **69**
Resumo 70
Abstract 70
Resumen 70
Introdução 71
Escalas de Machismo 73
Escala de Machismo Sexual (EMS- 12) 75
Estudo 1: Estrutura fatorial da Escala de Machismo sexual 76
Método 77
Participantes 77
Instrumentos 77
Procedimento 77
Análises de Dados 78
Resultados 78
Estudo 2. Comprovação da Estrutura Fatorial da *Escala de Machismo Sexual* 81
Metódo .....
Participantes .....
Instrumentos 82
Procedimento 82

Análise de Dados 83
Resultados 84
Discussão 85
Referências 88
Artigo 4 91
Atitudes Frente às Vítimas de Estupro: O Papel da Personalidade, dos Valores, da Honra e do Machismo 91
Resumo 92
Abstract 92
Resumen 93
Introdução 94
Machismo 98
Preocupação com a Honra 99
Valores Humanos 101
Traços de Personalidade 104
Método 105
Participantes 105
Instrumentos 106
Procedimento 108
Análise de Dados 108
Resultados 109
Diferenças entre sexo e os fatores das atitudes frente às vítimas de estupro 110
Correlatos das atitudes frente às vítimas de estupro 111
Modelo Explicativo das atitudes frente às vítimas de estupro 116
Discussão 118
Referência 123
Artigo 5 133
Atributos das vítimas, dos observadores e atitudes frente às vítimas de estupro 133
Resumo 134
Abstract 134
Resumen 135
Introdução 136
Atributos das vítimas 137

Atributos dos observadores 139
Método 142
Participantes 142
Instrumentos 142
Procedimento 145
Resultados 146
Percepção das razões para Pedro estuprar Júlia 146
Valores da mulher, ambiente e percepção sobre o a culpabilização do estupro 148
Variáveis pessoais dos respondentes e percepção das razões para ocorrência do estupro 150
Discussão 152
Prioridades valorativas das vítimas, ambiente e sexo dos respondentes 152
Variáveis pessoais dos respondentes e percepção das razões para ocorrência do estupro 155
Referencias 158
Considerações Finais 167
Principais resultados empíricos 167
Possibilidades de aplicação 170
Limitações da pesquisa 172
Sugestões de estudos futuros 173
Referências 174
Anexo 177

Lista de Tabelas

Artigo 2. Escala de Atitudes frente à Vítima de Estupro (EAVE): evidência de validade fatorial e consistência interna
Tabela 1. Análise dos Componentes Principais da EAVE 58
Tabela 2. Índices de bondade de ajuste para o modelo alternativo da EAVE. 63

Artigo 3. Escala de Machismo Sexual: Conhecendo as evidências psicométricas no contexto brasileiro
Tabela 1. Estrutura fatorial da escala de Machismo Sexual 82

Artigo 4. Atitudes Frente às Vítimas de Estupro: O Papel da Personalidade, dos Valores, da Honra e do Machismo
Tabela 1. Diferenças de média entre sexo e as atitudes frente às vítimas de estupro 112
Tabela 2. Correlação entre as dimensões de Atitudes Frente às Vítimas de estupro com Honra e Machismo 113
Tabela 3. Correlação entre as dimensões das Atitudes frente às vítimas de estupro e os Valores 114
Tabela 4. Correlação entre as dimensões das Atitudes frente às vítimas de estupro e os traços de personalidade 116

Artigo 5. Atributos das vítimas, dos observadores e atitudes frente às vítimas de estupro
Tabela 1. Estrutura fatorial da escala de razões para acontecer o estupro 148
Tabela 2. Correlação entre os valores e as razões acontecer o estupro 151

Lista de Figuras

Artigo 2. Escala de Atitudes frente à Vítima de Estupro (EAVE): evidência de validade fatorial e consistência interna

Figura 1. Distribuição gráfica dos eingenvalues 56

Figura 2. Estrutura Fatorial da escala de atitudes frente às vítimas de estupro. 62

Artigo 3. Escala de Machismo Sexual: Conhecendo as evidências psicométricas no contexto brasileiro

Figura 1. Distribuição gráfica dos eingenvalues 80

Figura 2. Estrutura Unifatorial reduzida da Escala de Machismo Sexual 87

Artigo 4. Atitudes Frente às Vítimas de Estupro: O Papel da Personalidade, dos Valores, da Honra e do Machismo

Figura 1. Modelo explicativo das Atitudes frente às vítimas de estupro, por meio das variáveis: machismo, honra, valores e personalidade 118

Artigo 5. Atributos das vítimas, dos observadores e atitudes frente às vítimas de estupro

Figura 1. Gráfico de interação valores e sexo para a medida de culpabilização do homem .. 151

Apresentação

"*Atitudes frente às vítimas de estupro: o papel de variáveis socioculturais e sociopsicológicas*" objetivou entender a maneira como as pessoas da Paraíba pensam a questão do estupro feminino. Além disso, teve por finalidade verificar como as atitudes frente às vítimas de estupro se relacionam com diferentes variáveis socioculturais (machismo e honra) e sociopsicológicas (valores e traços de personalidade), procurando construir um modelo explicativo das atitudes frente às vítimas de estupro, tomando-se como base, os traços de personalidade, os valores humanos, a honra e o machismo. Objetivou, ainda, avaliar como a culpabilização do estupro praticada contra a mulher varia em função das prioridades valorativas da vítima, do ambiente em que ela se encontra e do sexo dos observadores.

Em termos estruturais, esta tese se divide em cinco artigos. Tendo em vista que em cada artigo foi desenvolvido com sua própria fundamentação teórica, esta introdução tem o intuito de apresentar, de forma breve, os objetivos de cada estudo, sem adentrar nos detalhes teóricos dos construtos aqui estudados.

O primeiro capítulo da tese se refere a uma revisão não sistemática da literatura que apresenta e discute a questão da violência sexual, do estupro, dando um foco maior nas atitudes frente às vítimas de estupro. Os dois artigos que seguem, foram empíricos e objetivaram fazer a adaptação e conhecer evidências de validade de instrumentos psicológicos. Destes, o segundo, sob título: "Adaptação da *Escala de Atitudes Frente ao Estupro:* Evidências de validade", teve por objetivo adaptar uma escala projetada especificamente para a avaliação de atitudes em relação às vítimas de estupro, isto é a *Escala de Atitudes frente a Vítimas de Estupro* (*Attitudes Toward Rape Victim Scale* – ARVS) desenvolvida por Ward (1988). Esta medida é composta de 25 itens destinados a avaliar as

atitudes favoráveis e desfavoráveis em relação às vítimas de estupro. Os itens incluem: "*Uma mulher que sai sozinha à noite se coloca em posição de ser estuprada*" e "*As mulheres que não são virgens não devem queixar-se de estupro*".

O artigo que segue foi intitulado "*Escala de Machismo Sexual: Evidências de sua adequação ao contexto brasileiro*" que visou conhecer eviências de validade da medida proposta por Rodríguez, Rodríguez e Ramírez (2010) à realidade brasileira, buscando também conhecer evidências de sua validade convergente com a medida de sexismo ambivalente explorando A Escala de Sexismo Ambivalente de Glick e Fiske (1996) adaptada para o Brasil por Formiga, Gouveia e Santos (2002).

O quarto artigo, nomeado de "*Atitudes Frente às Vítimas de Estupro: O papel da personalidade, dos valores, da honra e do Machismo"* teve por objetivo testar se exite diferença na pontuação de atitudes frente às vítimas de estupro em relação ao sexo, bem como, elaborar um modelo explicativo das atitudes frente às vítimas de estupro, tendo, como variáveis independentes, o machismo, a preocupação com a honra, valores humanos e os traços de personalidade.

Por fim, o quinto artigo denominado "*Atributos das vítimas, dos observadores e atitudes frente às vítimas de estupro*" focou nas prioridades valorativas das vítimas, no ambiente em que ela se encontra e no sexo dos observadores, enquanto variáveis que podem influenciar as atitudes. Buscou-se ainda averiguar como as prioridades valorativas, as atitudes frente às vítimas de estupro, o machismo e a Crença no Mundo Justo (CMJ) dos respondentes podem influenciar o seu julgamento quanto à situação de estupro.

ARTIGO TEÓRICO

Artigo 1

Atitudes Frente às Vítimas de Estupro: uma revisão da literatura

Attitudes towards Rape Victims: a review of the literature

Actitudes víctimas de violación: una revisión de la literatura

Atitudes Frente às Vítimas de Estupro

Attitudes towards Rape Victims

Actitudes víctimas de violación

Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa
Universidade Federal da Paraíba

Valdiney Veloso Gouveia
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

As atitudes frente às vítimas de estupro podem ser definidas como atitudes e percepções favoráveis ou desfavoráveis em relação às pessoas que foram estupradas, englobando o grau de culpa, a credibilidade, merecimento e descrença nas histórias de vítimas. Especificamente, quanto maior as atitudes negativas frente às mulheres que sofrem estupro, mais se desloca o foco da culpabilização dos estupradores para as vítimas. Este artigo, de natureza teórica, tem por objetivo discorrer sobre essas atitudes, evidenciando definição, características, correlatos e as principais consequências que essas atitudes negativas acarretam para a vítima e para sociedade como um todo.

Palavras-chave: violência sexual, atitudes, estupro.

Abstract

Attitudes towards rape victims can be defined as favourable or unfavourable attitudes and perceptions directed to people who had been raped, including degree of blame, credibility, deservingness, disbelief of victims' allegations. Specifically, the higher the negative attitudes towards women who suffered rape, the more the focus of blame is shifted from the rapists to the victims. This theoretical article aims to discuss such attitudes, outlining their definition, characteristics, correlates, and the main consequences such attitudes entails for the victim and for the society.

Keywords: sexual violence, attitudes, rape.

Resumen

Las actitudes hacia las víctimas de estupro pueden ser definidas como actitudes y percepciones favorables o desfavorables en relación a las personas que han sido violadas, englobando el grado de culpa, la credibilidad, el merecimiento y la incredulidad en las historias de víctimas. En concreto, cuanto mayores son las actitudes negativas frente a las mujeres que sufren violación, más se desplaza el foco de la culpabilización de los violadores a las víctimas. Este artículo, de naturaleza teórica, tiene por objeto discurrir sobre esas actitudes, evidenciando definición, características, correlatos y las principales consecuencias que esas actitudes negativas acarrean para la víctima y para la sociedad como un todo.

Palabras clave: violencia sexual, actitudes, estupro.

Introdução

A violência contra a mulher passou a ser encarada como um problema de atenção internacional a partir da década de 1980 quando grupos de mulheres começaram a se pronunciar e a exigir atenção ao abuso físico, psicológico e econômico sofrido por elas. Atualmente, o tema tem sido reconhecido como um problema de saúde pública, considerada como uma questão de direitos e ameaça significativa à saúde e bem-estar da mulher (Alhabib, Nur, & Jones, 2010). Essa temática, como preocupação global, foi enfocada pelas Nações Unidas na conferência de Viena de 1993 e na plataforma de Beijing, em 1995, quando foi exigido aos governos que priorizassem a sua eliminação (De Bocanegra, Rostovtseva, Khera, & Godhwanhi, 2010).

Numa definição mais ampla, a violência está ligada à utilização da força física, psicológica ou intelectual com intuito de coagir outra pessoa a realizar algo contra a sua vontade. Essa coerção pode se dar por meio de ameaça ou força física (espancamento, lesão ou até mesmo morte; Resende, Urzedo, Oliveira, Segundo, & Jorge, 2011). No que se refere à violência sexual, entende-se como qualquer tipo de atividade sexual não consentida por um dos envolvidos. Em geral, inclui o uso de força física ou intimidação, o contato sexual e a falta de consentimento da vítima (Resende et al., 2011; Scarpati, 2013).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em seu Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, define a violência sexual como o ato, tentativa, comentários ou insinuações sexuais indesejados, bem como o fato de comercializar ou utilizar a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção (Sierra, Delgado-Domínguez, & Gutiérrez-Quintanilla, 2007). Essa definição inclui diferentes tipos de agressões: exploração sexual resultante de uma vulnerabilidade econômica; sexo forçado no casamento ou em um encontro amoroso; sexo indesejado, mas aceito como um resultado da insistência; chantagem ou ameaças, violações por um estranho.

E o estupro se configura como uma das piores formas de agressão que pode ocorrer, visto os danos que acarretam nas vítimas (Resende et al., 2011; Sierra et al., 2007).

Apesar da crescente conscientização pública sobre a violência contra as mulheres durante os últimos 20 anos, a incidência de estupro permaneceu em níveis elevados nos Estados Unidos. O *National Crime Victimization Survey* informou que nos Estados Unidos, 0,2% dos indivíduos sofrem estupro a cada ano (0,3% mulheres e 0,1% homens) e estima-se que a taxa de notificação à polícia seja de 19,1% (Cerqueira & Coelho, 2014).

Na Noruega, segundo apontam Bendixen, Henriksen e Knøstdahl (2014), as estatísticas oficiais mostram que o número de estupros registrados vem crescendo substancialmente nos últimos anos: 65% entre 1999 e 2004 e 25% entre 2004 e 2010 (SSB, 2011). As taxas de incidência entre mulheres jovens, calculadas a partir de dois estudos noruegueses, sugerem que 12 em 1000 estudantes universitárias são estupradas anualmente. Estas taxas de incidência traduzem-se em mais de 10.000 estupros anuais na população de mulheres com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos (Bendixen et al., 2014; Politiet, 2012).

No Brasil, o Ipea, em 2013, realizou uma pesquisa sobre vitimização, no âmbito do Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS), composto de algumas perguntas sobre violência sexual. Com base nos resultados, estimou-se que a cada ano, 0,26% da população sofre violência sexual, o que indica que haja anualmente 527 mil tentativas ou casos de estupros consumados no país, dos quais apenas 10% são reportados à polícia. Os dados do Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) de 2013, apontou que em 2012 foram notificados 50.617 casos de estupro no Brasil. Em 2011, foram notificados no Sinan 12.087 casos, o que equivale a cerca de 23% do total registrado na polícia em 2012, conforme dados do Anuário 2013 do FBSP (Cerqueira & Coelho, 2014).

A maioria das vítimas de estupro são mulheres e, conforme evidenciado na pesquisa supracitada, infelizmente, muitos casos não chegam a público, devido ao medo da vítima para relatar os fatos. No entanto, avalia-se que uma em cada quatro mulheres é submetida a um ato de violência sexual por parte de um parceiro íntimo na vida (Jewkes, Sen, & Garcia-Moreno, 2002) e que estes comportamentos ocorrem mais frequentemente quanto mais longo for o período de convivência (Caceres & Caceres, 2006). Outro dado alarmante foi relatado por Tark e Kleck (2014), os quais afirmaram que aproximadamente 20% de todas as mulheres serão estupradas em algum momento da vida no contexto americano.

É importante ser ratificado que o estupro pode causar nas vítimas trauma físico e emocional a curto e longo prazo, incluindo medo persistente, ansiedade, suspeita, confusão, raiva e até comportamentos suicidas (Tark & Kleck, 2014). Diante do exposto, este artigo teórico visa explanar acerca das atitudes frente às vítimas de estupro, destacando-se definições, pesquisas e as consequências que tais atitudes negativas acarretam para a vítima e para sociedade como um todo. Porém, previamente à sua apresentação, convém estender a discussão sobre estupro focando na sua definição e algumas estatísticas no Brasil.

Estupro: definições e estatísticas no Brasil

O termo estupro tem origem no latim (*stuprum*) e corresponde ao ato de forçar outrem a relações sexuais contra a sua vontade, através do uso de violência ou ameaça (Scarpati, 2013). No entanto, Anderson, Cooper e Okamura (1996) ressaltam que o conceito de estupro é difícil de ser estudado, pois seu significado varia extremamente através dos indivíduos. As definições encontradas, tanto as jurídicas como em pesquisas, refletem essas diferenças. Tradicionalmente, o estupro foi definido como o ato do intercurso sexual cometido por um homem em uma mulher, que não seja sua esposa, sem seu consentimento (Black, 1979). Atualmente, as concepções se ampliaram para incorrer os incidentes nos quais a penetração não ocorre (por exemplo, sexo oral forçado ou quando o homem viola um outro homem).

Definições legais de estupro na maioria dos países afirmam que é o comportamento sexual não consensual que envolve a coerção por parte do perpetrador (Anderson et al., 1996).

O artigo 213 do Código Penal Brasileiro define estupro como “o ato de constranger pessoas do sexo feminino ao coito vaginal, mediante violência ou grave ameaça”. Onde, a “violência” é entendida como uso de força física, capaz de dominar a vítima; e “grave ameaça” como a promessa de fazer algum mal à vítima, suficiente para impedir sua resistência (Resende et al., 2011).

Embora a Lei nº 12.015 (Brasil, 2009) tenha incluído homens como possíveis vítimas de violência sexual, este ainda parece ser um crime cometido contra mulheres, tendo altos índices de ocorrência. Em 2011, ano apontado como o de maior índice de estupros desde 2006, 4.871 casos foram registrados (Teixeira, Pinto, & Moraes, 2012). Dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN (Ministério da Saúde, 2012) apontam 12.087 notificações ocorridas em 2011, sendo destas 88,5% mulheres e mais da metade tinha menos de 13 anos (50,7%) (Cerqueira & Coelho, 2014; Waiselfisz, 2012). Assim, observa-se que apesar da crescente conscientização pública sobre a violência contra as mulheres durante os últimos 20 anos, a incidência de estupro permaneceu em níveis elevados (Nagel, Matsuo, McIntyre, & Morrison, 2005).

Dessa forma, além de ser um fenômeno frequente, Porter (1992) ressalta que o estupro deve ser entendido como um evento cheio de significados sociais e históricos, como parte funcional de uma cultura que valoriza as atitudes que reforçam a virilidade masculina e condenam a sexualidade feminina, ou seja, uma cultura patriarcalista. Outro ponto importante é evidenciado por Coulouris (2004) que destaca o fato de que, no momento em que o estupro passou a ser pensado pelo viés da medicina, adquiriu características de um evento marcado por danos físicos. Ou seja, criou-se um estereótipo da vítima “real” de estupro, sendo representado por aquelas vítimas, em que as roupas foram rasgadas com violência, e existe a

presença de sangue, hematomas e dor. A vítima é deixada nua e machucada em algum lugar deserto, demonstrando a crueldade do ato. Qualquer cenário diferente do descrito é passível de dúvida e questionamentos acerca da veracidade da violência.

Como dito por Scarpati (2013), o Brasil ainda mostra características de uma cultura machista o que implica a forma de como, em crimes de estupro, tanto os autores quanto as vítimas são submetidas a uma análise da sua vida pregressa em função dos papéis de gênero. Isso é mais crítico no que concerne à vitima, visto que é feita uma apuração sobre o histórico da suposta vítima, ou seja, uma análise da sua reputação, que está atrelado ao modo como a sociedade julga o seu comportamento antes do estupro. Diante dessa análise, é que se concede ou não o *status* de vítima de estupro para uma mulher.

Desse modo, ser vítima de estupro é um *status* social condicionado à reputação e que corresponde a muito além do que apenas sofrer a violência sexual, é como se a vítima precisasse receber da sociedade o aval de quem realmente é inocente com relação ao ocorrido, e para receber tal aval, é necessário que a mulher, antes da ocorrência do "crime", tenha sido classificada dentro da reputação de 'mulher para casar', caso contrário, o estupro (quando reconhecido como tal) não será nada mais do que consequência de um comportamento inapropriado (Sousa, 2017). Assim, tendo em conta o impacto que as atitudes negativas frente às vítimas de estupro geram na sociedade, principalmente no que concerne às mulheres, que muitas vezes deixam de relatar o caso devido ao medo dos julgamentos (Campbell & Johnson, 1997; Comack & Peter, 2005), essa temática será tratada com mais detalhes no tópico a seguir.

Atitudes frente às vítimas de estupro

Um fator importante que desencoraja as vítimas de estupro de relatar o crime é a falta de apoio que frequentemente elas se deparam. As pesquisas indicam que essas reações de ausência de apoio podem surgir dos amigos das vítimas (Ullman, 1996), dos serviços

jurídicos (Comack & Peter, 2005), da polícia (Campbell & Johnson, 1997), dos profissionais de saúde (Ullman & Townsend, 2007) e assim por diante. Independentemente disto, a consequência é um possível agravamento do trauma (Suarez & Gadalla, 2010). No que se refere aos policiais, as vítimas relatam insatisfação quando se reportam à polícia, encontrando agentes demasiadamente compreensivos com o autor e demonstrando falta de sensibilidade, especialmente quando a vítima e o agressor são conhecidos (Felson & Pare, 2008).

As falsas crenças culturais que servem principalmente ao propósito de transferir a culpa dos perpetradores para as vítimas ajudam a explicar o contexto sociocultural dessas reações negativas em relação às vítimas de estupro (Suarez & Gadalla, 2010). De acordo com Lonsway e Fitzgerald (1994), essas atitudes permitem que os homens justifiquem o estupro e as mulheres minimizem a vulnerabilidade pessoal.

Assim, as atitudes negativas frente ao estupro e às vítimas foram identificadas como uma barreira significativa para o progresso em termos de números de denúncias e condenações (Dinos, Burrowes, Hammond, & Cunliffe, 2015; Temkin, 2010). Muitas pesquisas têm sido realizadas para investigar essas atitudes e a literatura introduziu uma série de termos, incluindo estereótipos, falsas crenças, atribuição de culpa e mitos do estupro (Pedersen & Strömwall, 2013; Temkin, 2010).

O termo mais frequentemente utilizado na literatura é “mitos de estupro” (Pedersen & Strömwall, 2013); no entanto, tem sido evidenciado que esses mitos podem abranger uma série de crenças gerais, que de acordo com Dinos et al. (2015), são classificados em quatro categorias: 1) crenças que culpam a vítima, 2) crenças que absorvem o agressor, 3) crenças que alegam dúvida sobre o ato e 4) crenças que o estupro é exclusivo para grupos específicos da sociedade. Tendo em conta que os mitos de estupros, na maioria das vezes, avaliam o estupro em geral (Nagel et al., 2005), e apenas um deles relacionados, especificamente, às vítimas, o presente artigo focará nas atitudes frente às vítimas de estupro.

Esse construto trabalhado pode ser definido como atitudes e percepções favoráveis ou desfavoráveis em relação às pessoas que foram estupradas, englobando o grau de culpa, a credibilidade, merecimento e descrença nas histórias de vítimas (Ward, 1988). Ou seja, uma pessoa que tem atitudes negativas frente às mulheres que sofrem estupro deslocaria o foco da culpabilização dos estupradores para as vítimas (Bendixen, et al., 2014; Suarez & Gadalla, 2010).

Em geral, segundo Ward (1955), a prevalência de atitudes negativas frente às vítimas de estupro varia de 18,3% (Reino Unido) para 29,5% (Canadá) entre os países ocidentais, e nos orientais de 32,9% (Hong Kong) para 51,5% (Malásia). Estudos mais recentes têm enfatizado diferenças culturais semelhantes (Dinos et al., 2015), que sublinham a importância do contexto sociocultural em termos dos fatores históricos, políticos, religiosos e econômicos na formação dessas atitudes (por exemplo, Nayak, Byrne, Martin, & Abraham, 2003; Pedersen & Strömwall, 2013).

Com o intuito de conhecer as pesquisas sobre atitudes frente às vítimas de estupro, realizaram-se buscas em bases de dados nacionais. Consideraram-se quatro bases de dados (*IndexPsi*, *PePSIC*, *SciELO* e *LILACS*) vinculadas à Biblioteca Virtual em Saúde (BVSPsi). Entrando com o descritor “estupro”, encontraram-se 71 registros. Contudo, o interesse deste estudo está nas “*atitudes frente às vítimas de estupro*”, e com esta denominação nenhum registro foi localizado. Considerando o *Scholar Google*, entrando com o mesmo descritor citado acima, encontrou-se um registro, descrevendo uma pesquisa sobre atitudes frente à violência contra a mulher (Nascimento, 2015). Não obstante, incluindo o termo equivalente em inglês, isto é, "*Attitudes towards rape victims*", encontraram-se 290 registros, incluindo artigos, capítulos de livro, livros e teses. Desse modo, considerando os resultados antes descritos, observa-se a carência de estudos sobre as atitudes frente às vítimas de estupro no

Brasil. No tópico que segue, serão descritas algumas pesquisas encontradas no âmbito internacional.

Pesquisas acerca das atitudes frente às vítimas de estupro

Bendixen et al. (2014) relataram que a grande maioria dos estudos sobre atitudes frente ao estupro e seus correlatos foram feitos na América do Norte. A sociedade americana tem sido chamada de "cultura de estupro" (Lonsway & Fitzgerald, 1995; Sanday, 1981), sugerindo que os americanos vivem em uma sociedade propensa a estupro, com vitimização sexual generalizada de mulheres e alta atitude negativa frente às vítimas de estupro.

Pesquisas que examinam atitudes em relação às vítimas de estupro demonstraram que os homens tendem a ter atitudes mais negativas em relação às vítimas de estupro do que as mulheres (Anderson et al., 1997; Pollard, 1992). Entretanto, esses estudos mostram que tanto homens quanto mulheres atribuem mais responsabilidade às vítimas de estupro se as mesmas tiverem consumido álcool (Corcoran & Thomas, 1991; Sims et al., 2007; Scronce & Corcoran, 1995). O *Amnesty International Report on Sexual Assault* (2005) relatou que 30% dos entrevistados disseram que uma mulher é parcialmente ou totalmente responsável por ser estuprada se ela estiver sob o efeito de álcool.

Achados semelhantes foram obtidos por Bell, Kuriloff e Lottes (1994) e Grubb e Harrower (2009), que evidenciaram que os homens possuem uma maior atitude negativa frente às vítimas de estupro, atribuindo mais responsabilidade a vítima do que as mulheres. Já no estudo desenvolvido por Gerber, Cronin e Steigman (2004) com estudantes universitários norte-americanos, verificou-se que os homens eram mais tolerantes com os autores do estupro do que as mulheres, no entanto, não existiu diferença significativa em relação ao sexo na responsabilidade que se atribui às vítimas.

Essas atitudes em relação às vítimas de estupro têm sido frequentemente estudadas, utilizando cenários de estupro. Pollard (1992) fez uma revisão desses estudos e Whatley

(1996) desenvolveu uma meta-análise. Os resultados encontrados sugerem que quando as vítimas eram representadas vestindo roupas sensuais, com uma maquiagem forte e descritas como menos respeitável (por exemplo, agindo de forma sexualmente provocante) foram consideradas mais responsáveis do que seus pares que se vestiam de forma mais tradicional e respeitável.

Na Turquia, Sakallı-Uğurlu, Yalçın e Glick (2007) relataram que os pesquisadores começaram a examinar as atitudes frente às vítimas de estupro e apontaram que os homens, quando comparados com as mulheres, apresentam uma maior propensão a aceitar mitos de estupro (Costin & Kaptanoğlu, 1993) e exibir atitudes mais negativas em relação às vítimas de estupro, especialmente em termos de atribuição de responsabilidade a essas vítimas (Akvardar & Yüksel 1993; Gölge, Yavuz, Müderrisoğlu, & Yavuz, 2003).

Mais recentemente, Grubb e Harrower (2009) examinaram uma variedade de fatores que podem influenciar as atitudes frente às vítimas de estupro. A pesquisa contou com a participação de 156 pessoas que responderam *Attitudes towards Rape Victims Scale (ARVS)* e uma vinheta descrevendo um dos três cenários de estupro contemplados na pesquisa (estupro cometido por estranho, estupro cometido por alguém que a vítima tenha saído em um encontro romântico e estupro onde a mulher foi seduzida). Os participantes avaliaram até que ponto se culpavam a vítima de estupro, bem como o grau em que se identificavam com ela e com o estuprador. Os resultados indicaram que os homens culparam mais a vítima do que as mulheres, que os participantes consistentemente culpabilizaram mais à vítima no cenário de estupro por sedução, seguido pelo estupro com alguém que a vítima tenha saído, e, finalmente, o cenário de estupro cometido por um estranho. Percepções de semelhança com a vítima de estupro e com o autor foram correlacionadas negativamente com atribuições de culpa.

Ainda nessa linha, de avaliar as atitudes das pessoas frente às vítimas de estupro, um estudo foi desenvolvido por McGee, OHiggins, Garavan e Conroy (2011). Os autores realizaram entrevistas telefônicas com 3120 irlandeses; desses, 29,2% dos participantes concordaram que as mulheres que usavam roupas apertadas ou saias curtas estavam convidando para o estupro. Finalmente, 40,2% dos entrevistados acharam que as acusações de estupro eram muitas vezes falsas.

Assim, os estereótipos de gênero oferecem uma explicação alternativa às atitudes negativas em relação às vítimas de estupro. Várias pesquisas indicaram uma relação entre altos níveis de preconceito de gênero e altos níveis de culpabilização das vítimas (por exemplo, Lonsway, & Fitzgerald, 1994). Estudos têm examinado a influência das atitudes gerais em relação às mulheres, argumentando que as mulheres que transgridem as regras tradicionais de conduta são vistas por indivíduos com atitudes preconceituosas em relação às mulheres, como tendo se colocado em perigo e, portanto, responsáveis por sua vitimização (Yamawaki & Tschanz, 2005).

Outro construto que vem sendo utilizado como preditor das atitudes negativas frente às vítimas de estupro é a crença em um mundo justo (Pedersen & Strömwall, 2013). A importância de acreditar em um ambiente social controlável pode fazer com que os indivíduos duvidem da inocência de uma vítima, de forma que uma vítima honrada seria incongruente com a crença em um mundo justo (Whatley, 1996). Culpar a vítima também protege psicologicamente os observadores de pensar que desgraças semelhantes podem acontecer com eles (Lerner & Miller, 1978). Vários estudos empíricos demonstraram que a crença num mundo justo é um importante preditor de atitudes negativas em relação às vítimas de estupro (por exemplo, Aderman, Brehm, & Katz, 1974; Kleinke & Meyer 1990; Lambert & Raichle, 2000).

Sakallı-Ugurlu et al. (2007) investigaram se a crença no mundo justo, o sexismo hostil, o sexismo benévolo e a empatia, predisseram atitudes frente às vítimas de estupro em uma amostra de 425 estudantes universitários turcos. Assim como nas pesquisas anteriormente citadas, os participantes do sexo masculino (em comparação com as mulheres) apresentaram significativamente menos atitudes positivas em relação às vítimas de estupro. As análises correlacionais mostraram que, tanto para homens quanto para mulheres, o sexismo benevolente e hostil e a crença em um mundo justo previam atitudes menos positivas em relação às vítimas de estupro, e a empatia previa atitudes mais positivas.

Principais consequências das Atitudes frente às vítimas de estupro

Esta propensão a culpar as vítimas de estupro traduz-se preocupantemente em uma tolerância maior ao próprio crime. Por vezes, esta tolerância ao estupro tem várias consequências extremamente negativas para a vítima, sendo mais provável que esta se culpe, impactando negativamente na sua recuperação (Frazier & Schauben, 1994; Grubb & Harrower, 2009). A culpa relacionada ao trauma tem sido correlacionada positivamente com o transtorno de estresse pós-traumático, depressão, baixa autoestima, vergonha, ansiedade social e pensamentos suicidas (Kubany et al., 1995).

Estudos de prevalência têm demonstrado que as vítimas de estupro, mais do que as vítimas de outros crimes de gravidade comparável, mantêm sua vitimização escondida (Grubb & Harrower, 2009; Koss, 1992). Pesquisas indicam que as mulheres não relatam seus ataques às autoridades porque sentem que serão culpadas ou desacreditadas (Hodge & Cantor, 1998; Walker, Archer, & Davies, 2005). Isto significa, portanto, que a maioria dos estupradores fica impune, e muitas vítimas não buscam a ajuda que precisam para se recuperar (Davies, 2002). Dessa forma, segundo relata Pollard (1992), as atitudes frente às vítimas têm uma influência direta sobre se vai acontecer a denúncia do estupro à polícia ou aos serviços médicos.

Dessa forma, conclui-se que as mulheres que são estupradas não só experimentam sérios danos psicológicos a curto e longo prazo, como resultado direto do ataque, mas também, podem ser vistas de forma negativa por outras pessoas, como por exemplo, serem culpadas por não resistirem o suficiente (Burt, 1980; Uğurlu et, al. 2007). Dessa forma, Uğurlu et al. (2007) argumentam da importância de compreender os preditores das atitudes negativas em relação às vítimas de estupro, visto o seu potencial para auxiliar nas melhorias dessas reações, como por exemplo, através de programas antidiscriminação. Outra implicação foi evidenciada por Grubb e Harrower (2009), que afirmaram que é importante conhecer as atitudes negativas frente às vítimas de estupro, e as variáveis associadas, para auxiliar na tomada de decisão do júri, com intuito de melhorar a taxa de condenação em casos de estupro. Outra implicação é que as atitudes negativas frente às vítimas de estupro ajudam a perpetuar os papéis de gênero tradicionais (Muehlenhard & Kimes, 1999) trazendo consequências societais mais negativas para as mulheres (Glick et al., 2000).

Considerações finais

Convém ressaltar que, embora amplamente pesquisado internacionalmente, este construto ainda não foi objeto de análise no contexto brasileiro. Dessa forma, sugerem-se estudos futuros com o objetivo de conhecer os antecedentes e consequentes das atitudes frente às vítimas de estupro no Brasil. Mais especificamente, por se tratar de uma cultura patriarcalista, é interessante que se desenvolvam estudos que correlacionassem essas atitudes com o machismo, com intuito de conhecer o potencial do machismo em predizer as atitudes frente às vítimas de estupro. Ademais, caberia conhecer outros construtos correlatos, tais como: traços de personalidade, valores humanos, e preocupação com a honra. No entanto, antes caberia empreender esforços para construir ou adaptar uma medida de atitudes frente às vítimas de estupro, procurando conhecer evidências de sua adequação psicométrica no contexto brasileiro.

Referências

Aderman, D., Brehm, S. S., & Katz, L. B. (1974). Empathic observation of an innocent victim: The just world revisited. *Journal of Personality and Social Psychology, 29*, 342–347.

Akvardar, Y., & Yüksel, S. (1993). Cinsel tecavüze uğrayan kişilerekarşı alınan tavır (Attitudes toward rape victims). *Nöropsikiyatri Arşivi, 30*, 347–351.

Alhabib, S., Nur, U., & Jones, R. (2009) Domestic Violence Against Women: Systematic review of prevalence studies. *Journal of Family Violence, 25*, 369–382.

Amnesty International (2005). Amnesty International Report on Sexual Assault. Available at: retidado de: http://www.amnesty.org.uk/ news_details.asp?NewsID16618 (accessed 3 janeiro 2017).

Anderson, K., Cooper, H. M., & Okamura, L. (1997). Individual differences and attitudes toward rape: A metaanalytic review. *Personality and Social Psychology Review, 23*, 295–315.

Bell, S. T., Kuriloff, P. J., & Lottes, I. (1994). Understanding attributions of blame in stranger rape and date rape situations: An examination of gender, race, identification, and students' social perceptions of rape victims. *Journal of Applied Social Psychology, 24*, 1719–1734.

Bendixen, M., Henriksen, M., & Nøstdahl, R. K. (2014). Attitudes toward rape and attribution of responsibility to rape victims in a Norwegian community sample. *Nordic Psychology, 66*, 168–186.

Black, H. C. (1979). *Black's Law dictionary*. St. Paul, MN: West.

Brasil (2009). Lei Nº 12.015, de 07 de Agosto. Acessado em 10 de abril de 2017, de (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm).

Campbell, R., & Johnson, C. R. (1997). Police officers' perception of rape: Is there consistency between state laws and individual beliefs? *Journal of Interpersonal Violence, 12*, 255-274.

Cerqueira, D., & Coelho, D. D. S. C. (2014). *Estupro no Brasil: Uma radiografia segundo os dados da Saúde*. IPEA. Brasília.

Comack, E., & Peter, T. (2005). How the criminal justice system responds to sexual assault survivors: The slippage between "responsabilization" and "blaming the victim." *Canadian Journal of Women and the Law, 17*, 283-308.

Corcoran, K. J., & Thomas, L. R. (1991). The influence of observed alcohol consumption on perceptions of initiation of sexual activity in a college dating situation. *Journal of Applied Social Psychology, 21*, 500-507.

Costin, F., & Kaptanoğlu, C. (1993). Beliefs about rape and women's social roles: A Turkish replication. *European Journal of Social Psychology, 23*, 327–330.

Coulouris, D. G. (2004). *A construção da verdade nos casos de estupro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Acessado em 12 de março de 2017, de

De Bocanegra, H. T., Rostovtseva, D. P., Khera, S., & Godhwani, N. (2010). Birth control sabotage and forced sex: Experiences reported by women in domestic violence shelters. *Violence Against Women, 16*, 601-612.

Dinos, S., Burrowes, N., Hammond, K., & Cunliffe, C. (2015). A systematic review of juries' assessment of rape victims: Do rape myths impact on juror decision-making? *International Journal of Law, Crime and Justice, 43*, 36–49.

Felson, R. B., & Pare, P.-P. (2008). Gender and the victim?s experience with the criminal justice system. *Social Science Research, 37*, 202–219.

Frazier, P. A. & Schauben, L. (1994). Causal attributions and recovery from rape and other stressful life events. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 12, 1-14.

Gerber, G. L., Cronin, J. M., & Steigman, H. J. (2004). Attributions of blame in sexual assault to perpetrators and victims of both genders. *Journal of Applied Social Psychology, 34*, 2149–2165.

Glick, P., Fiske, S.T., Mladinic, A., Saiz, J.L., Abrams, D., Masser, B., et al. (2000). Beyond prejudice as simple antipathy: Hostile and benevolent sexism across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology, 79*, 763–775.

Gölge, Z. B., Yavuz, M. F., Müderrisoğlu, S., & Yavuz, S. (2003). Turkish university students' attitudes toward rape. *Sex Roles, 49*, 653–661.

Grubb, A., & Harrower, J. (2009). Attribution of blame in cases of rape: An analysis of participant gender, type of rape and perceived similarity to the victim. *Aggression and Violent Behavior, 13*, 396–405.

Hodge, S., & Cantor, D. (1998). Victims and perpetrators and male sexual assault. *Journal of Interpersonal Violence, 12*, 222-239.

Jewkes, R. K., Sen, P. & Garcia-Moreno, C. (2002). Sexual Violence. In: E Krug. World Report on Violence and Health. *Geneva: World Health Organisation*. 148–181.

Kleinke, C. L., & Meyer, C. (1990). Evaluation of rape victim by men and women with high and low belief in a just world. *Psychology of Women Quarterly, 13*, 27–40.

Koss, M. P. (1992). The underdetection of rape: Methodological choices influence incidence estimates. *Journal of Social Issues, 48*, 6175.

Kubany, E. S., Abueg, F. R., Owens, J. A., Brennan, J. M., Kaplan, A. S., & Watson, S. B. (1995). Initial examination of a multidimensional model of trauma-related guilt: Applications to combat veterans and battered women. *Journal of Psychopathology and Behavioural Assessment, 17*, 353-376.

Lambert, A. J., & Raichle, K. (2000). The role of political ideology in mediating judgments of blame in rape victims and their assailants: A test of the just world, personal responsibility, and legitimization hypotheses. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *26*, 853–863

Lerner, M. J., & Miller, D. T. (1978). Just world research and the attribution process: Looking back and ahead. *Psychological Bulletin*, *85*, 1030–1051.

Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1994). Rape myths: In review. *Psychology of Women Quarterly*, *18*, 133–164.

Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1995). Attitudinal antecedents of rape myth acceptance: A theoretical and empirical reexamination. *Journal of Personality and Social Psychology*, *68*, 704–711.

McGee, H., OHiggins, M., Garavan, R., & Conroy, R. (2011). Rape and child sexual abuse: what beliefs persist about motives, perpetrators, and survivors. *J. Interpers. Violence, 26*, 3580-3593.

Ministério da Saúde. *Saúde Brasil 2011: uma analise da situação de saúde e a vigilância da saúde da mulher* (2012).. Brasília: Ministério da Saúde.

Muehlenhard, C. L. & Kimes, L.A. (1999). The social construction of violence: The case of sexual and domestic violence. *Personality and Social Psychology Review*, *3*, 234–245.

Nagel, B., Matsuo, H., McIntyre, K. P., & Morrison, N. (2005). Attitudes toward victims of rape: Effects of gender, race, religion, and social class. *Journal of Interpersonal Violence*, *20*, 725-737.

Nayak, M. B., Byrne, C. A., Martin, M. K. & Abraham, A. G. (2003). Attitudes toward violence against women: a crossnation study. *Sex. Roles*, *49*, 333-342.

Pedersen, S. H., & Stromwall, L. A. (2013). Victim blame, sexism and just-world beliefs: a cross-cultural comparison. *Psychiatry Psychology Law*, *20*, 932-941.

Politiet (2012). Voldtektssituasjonen 2012. Acessado em março de 2017, em https://http://www.politi.no/vedlegg/lokale_vedlegg/kripos/Vedlegg_2030.pdf

Pollard, P. (1992). Judgements about victims and attackers in depicted rapes: A review. *British Journal of Social Psychology, 31,* 307–326.

Porter, R. (1992). Estupro – Será que ele tem um significado histórico? In: S. Tomaselli & R. Porter (Orgs.) *Estupro* (pp. 207-227). Rio de Janeiro: Rio Fundo.

Resende T. C., Urzedo, R. F., Oliveira, D. M., Segundo, E. M. O., & Jorge, M. T. (2011). Aspectos referentes às vítimas de estupro segundo processos-crime em Uberlândia-MG. *Revista Fato & Versões, 5,* 43-69.

Sakallı-Uğurlu, N., Yalçın, Z. S., & Glick, P. (2007). Ambivalent Sexism, Belief in a Just World, and Empathy as Predictors of Turkish Students' Attitudes Toward Rape Victims. *Sex Roles, 57,* 889–895.

Sanday, P. R. (1981). The socio-cultural context of rape: A cross-cultural study. *Journal of Social Issues, 37,* 5 –27.

Scarpati, A. S. (2013) *Os mitos de estupro e a (im)parcialidade jurídica: a percepção de estudantes de direito sobre mulheres vítimas de violência sexual.* Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo.

Scronce, C., & Corcoran, K. (1995). The influence of the victim's consumption of alcohol on perceptions of stranger and acquaintance rape. *Violence Against Women, 1,* 241–245.

Sierra, J. C., Costa, N., & Ortega, V. (2009). Un estudio de validación de la Double Standard Scale y la Rape Supportive Attitude Scale en mujeres brasileñas. *International Journal of Psychological Research, 2,* 90-98.

Sierra, J. C., Delgado-Domínguez, C. J., & Gutiérrez-Quintanilla, J. R. (2007). Escala de actitud favorable hacia la violación: primeras evidencias acerca de su fiabilidad y validez en muestras salvadoreñas. *Universitas Psychologica, 6,* 359–548.

Sims, C. M., Noel, N. E., & Maisto, S. A. (2007). Rape blame as a function of alcohol presence and resistance type. *Addictive Behaviors, 32,* 2766–2775.

Sousa, J. H. (2016). As implicações do sexismo benévolo na afirmação de estereótipos femininos. *Caderno de Genero e Sexualidade, 2,* 5-10.

Suarez, E., & Gadalla, T. M. (2010). Stop blaming the victim: A meta-analysis on rape myths. *Journal of Interpersonal Violence, 25,* 2010 –2035.

Tark, J., & Kleck, G. (2014). Resisting rape the effects of victim self-protection on rape completion and injury. *Violence against Women, 20,* 270–292.

Teixeira, P. A. S., Pinto, A. S., & Moraes O. C. R. (2012). *Dossiê Mulher 2012*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Segurança. Acessado em março de 2017, de http://urutau.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/DossieMulher2012.pdf.

Temkin, J., (2010). And always keep a-hold of nurse, for fear of finding something worse" Challenging rape myths in the courtroom. *New Criminal Law Revista: In International and Interdisciplinary Journal, 13,* 710-734.

Ullman, S. E. (1996). Social reactions, coping strategies, and self blame attributions in adjustment to sexual assault. *Psychology of Women Quarterly, 20,* 505-526.

Ullman, S. E., & Townsend, S. M. (2007). Barriers to working with sexual assault survivors: A qualitative study of rape crisis center workers. *Violence Against Women, 13,* 412-443.

Waiselfisz, J. J. (2012). Mapa da Violência 2012 - Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil. Centro de Estudos Latino-Americanos. Acessado em abril de

2017, de http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_atual_mulheres.pdf

Walker, J., Archer, J., & Davies, M. (2005). Effects of rape on male survivors: A descriptive analysis. *Archives of Sexual Behaviour*, *34*, 69-80.

Ward, C. A. (1995). *Attitudes toward rape: Feminist and social psychological perspectives*. London: Sage Publications

Ward, C. (1988). The attitudes toward rape victims scale. *Psychology of Women Quarterly***,** *12***,** 127-146.

Whatley, M. A. (1996). Victim characteristics influencing attributions of responsibility to rape victims: A metaanalysis. *Aggression and Violent Behavior*, *1*, 81–95.

Yamawaki, N., & Tschanz, B. T. (2005). Rape perception differences between japanese and American College Students: On the mediating influence of gender role traditionality. *Sex Roles*, *52*, 379–3.

ESTUDOS EMPÍRICOS

Artigo 2

Escala de Atitudes frente à Vítima de Estupro (EAVE): evidência de validade fatorial e consistência interna

Scale of Attitudes towards the Rape Victim (EAVE): evidence of factorial validity and internal consistency

Escala de actitud opuesta víctima de violación (EAVE): evidencia de validez factorial y consistencia

Escala de Atitudes Frente às Vítimas de Estupro

Scale of Attitudes towards the Rape Victim

Escala de actitud opuesta violación víctima

Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa
Universidade Federal da Paraíba

Valdiney Veloso Gouveia
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O presente artigo objetivou apresentar evidências de validação e as propriedades psicométricas da versão brasileira do *Attitudes Toward Rape Victim Scale* (*Escala de Atitudes frente à vítima de estupro (EAVE)***.** Nesse sentido, realizaram-se dois estudos. No *Estudo 1,* participaram 200 pessoas (21,8±5,27anos), a maioria do sexo feminino (68%), que responderam à *Escala de Atitudes frente à vítima de estupro*. Uma análise dos componentes principais apontou uma estrutura de três componentes que explicaram 39,02% da variância total do construto, apresentando índices de consistência interna adequados, como seguem: *credibilidade da vítima* (α = 0,82), *merecimento da vítima* (α = 0,80) e *culpa da vítima* (α = 0,60). O *Estudo 2* contou com a participação de 231 estudantes universitários (21,6±DP???? anos, 50,4% do gênero masculino), que responderam aos mesmos instrumentos. Uma análise fatorial confirmatória corroborou a estrutura trifatorial (*GFI* = 0,86, *RMSEA* = 0,05). Dessa forma, conclui-se que o EAVE apresentou evidências de validade fatorial e consistência interna.

Palavras-chave: atitudes, estupro, validade, consistência interna.

Abstract

The present paper aimed to present evidences of validity and the psychometric properties of the Brazilian version of the Attitudes Toward Rape Victim Scale (ATRVS). For that, two studies were conducted. In Study 1, 200 people participated with a mean age of 21.8 years (SD = 5.27), mostly females (68%), who completed the Attitudes Toward Rape Victim Scale. A principal components analysis pointed out a three-factor structure that explained 39.02% of the total variance, presenting suitable indexes of internal consistency as following: victim credibility (α = .82), victim deservingness (α = .80), and victim blame (α = .60). Study 2 counted with the participation of 231 undergraduates with a mean age of 21.6 years (50.4% males) who answered the same instruments of Study 1. A confirmatory factor analysis corroborated the three-factor structure (*GFI* = .86, *RMSEA* = .05). Therefore, it concluded that the ATRVS presented evidences of factor validity and internal consistency.

Keywords: Attitudes, rape, validity, internal consistency.

Resumen

El presente artículo objetivó presentar evidencias de validez factorial y consistencia interna de la versión brasileña de la *Attitudes Toward Rape Victim Scale* (Escala de Actitudes hacia la víctima de estupro (EAVE). En este sentido, se realizaron dos estudios. En el *Estudio 1*, participaron 200 personas , las cuales tenían promedio de edad de 21,8 años (*DE* = 5,27), la mayoría era del sexo femenino (68%), que respondieron a la *Escala de Actitudes hacia la víctima de estupro*. Un análisis de componentes principales apuntó una estructura de tres componentes que explicaron el 39,02% de la varianza total, presentando índices adecuados de consistencia interna, como siguen: *credibilidad de la víctima* (α = 0,82), *merecimiento de la víctima* (α = 0,80) y *culpa de la víctima* (α = 0,60). El *Estudio 2* contó con la participación de 231 estudiantes universitarios, presentando promedio de edad de 21,6 años (50,4% del género masculino), que contestaron a los mismos instrumentos. Un análisis factorial confirmatorio corroboró la estrución trifactorial (*GFI* = 0,86, *RMSEA* = 0,05). De esta forma, se concluye que el EAVE presentó evidencias de validez factorial y consistencia interna.

Palabras clave: actitudes, estupro, validez, consistencia interna.

Introdução

Diversos estudos têm explorado os efeitos sociais e psicológicos da violência sexual contra a mulher (Gutner, Rizvi, Monson, & Resick, 2006), demosntrando consistentemente que mulheres vítimas de violência sexual são mais propensas a desenvolver depressão, ansiedade e sintomas traumáticos quando comparadas com mulheres que não foram vítimas de nenhum tipo de violência sexual (Nagel, Matsuo, McIntyre, & Morrison, 2005; Thompson & West, 1992).

Aliado a tais consequências, acontece a chamada vitimização secundária, que resulta de experiências negativas dentro do grupo social ou com autoridades, e que trazem como consequência atitudes negativas em relação às vítimas de estupro (Sleath & Bull, 2017). Exemplos de tais atitudes incluem aqueles que culpam, questionam a credibilidade, crêem que a vítima mereceu ser estuprada, a denigrem e banalizam a experiência de estupro (Ward, 1988).

Com intuito de sintetizar a literatura atual sobre as atribuições da culpa dos policiais para as vítimas de estupro, Sleath e Bull (2017) realizaram uma revisão teórica investigando as avaliações da credibilidade da vítima e aceitação do mito do estupro, bem como o impacto que estas atitudes exercem na tomada de decisões policiais em casos de estupro. Os resultados demonstraram que os policiais têm atitudes negativas em relação a esse comportamento, particularmente em relação à culpabilização e aceitação do mito de estupro, embora sejam frequentemente observados em um nível baixo. Além disso, as características da vítima, por exemplo, intoxicação alcoólica e expressão emocional, podem ter influência na credibilidade da vítima, e essas avaliações sobre a credibilidade estavam relacionadas com a tomada de decisões em relação à investigação policial (Sleath & Bull, 2012; Wentz & Archbold, 2012).

No entanto, Sleath e Bull (2017) ressaltaram a importância do cuidado em usar essas descobertas para difamar as vítimas para os policiais como tendo uma maior atitude negativa

em relação às vítimas de estupro em comparação com outros grupos sociais, visto que a aceitação do mito de estupro é prevalente em várias sociedades e pesquisas anteriores sugerem que os policiais não têm uma atitude definida frente a essas vítimas, muito diferente da população geral (por exemplo, Brown & King, 1998; Feild, 1978).

Assim, a literatura popular sobre a vitimologia do estupro (por exemplo, Brownmiller, 1975; Griffin, 1979) tem consistentemente destacado a importância do estudo das atitudes frente às vítimas de estupro, além dos equívocos e interpretações errôneas provenientes da ideia do mito do estupro, como por exemplo, inibindo a denúncia de vítimas de estupro, fazendo com que muitos casos permaneçam impunes (Cerqueira & Coelho, 2014). Neste contexto, uma ênfase especial vem sendo colocada nas consequências psicológicas e socioculturais prejudiciais dessas crenças nocivas.

Nessa linha, a alta incidência de estupro, aliada ao crescente pluralismo cultural, exige um maior entendimento de como as vítimas são percebidas. Embora tenham sido publicados vários estudos sobre as percepções que as pessoas possuem sobre as vítimas de estupro, muitas vezes a avaliação dessas percepções está inserida em questionários ou cenários mais abrangentes (por exemplo, Feild, 1978; George & Martinez, 2002; Gerdes, Dammann, & Heilig, 1988; Sheldon & Parent, 2002; Varelas & Foley, 1998). Entretanto, no âmbito da literatura sobre a violência sexual, as atitudes em relação às vítimas de estupro raramente são tidas como foco principal de instrumentos ou de investigações (Nagel et al., 2005).

Diante disso, o presente artigo tem por objetivo validar uma escala projetada especificamente para a avaliação de atitudes em relação às vítimas de estupro, a *Escala de Atitudes frente a Vítimas de Estupro* (*Attitudes Toward Rape Victim Scale* - ARVS; Ward, 1988). Essa escala tem sido utilizada em diversas pesquisas ao redor do mundo, demonstrando sua aplicabilidade (Lee & Cheung, 1991; Nagel et al., 2005; Sakallı-Uğurlu, Zeynep, Yalçın, & Glick, 2007; Watts, Bowes, Latzman, & Lilienfeld, 2017). No entanto, a

partir de buscas realizadas no Google Acadêmico (2017) e nas bases de dados Index Psi, MEDLINE, PubMed, PsycINFO e SCOPUS com as palavras e expressões-chave "*atitudes frente a vítimas de estupro*" e "*escala de atitudes frente a vítimas de estupro*", não foram encontradas publicações brasileiras envolvendo essa temática, nem tampouco pesquisas empíricas de construção ou adaptação de medidas que avaliassem tais atitudes. Tendo em conta que o estupro é um fenômeno bastante arraigado na nossa cultura, ressalta-se a necessidade de explorar a presente temática. Dessa forma, se faz pertinente apresentar brevemente alguns dos instrumentos desenvolvidos com o objetivo de investigar as atitudes frente ao estupro.

Escalas de Atitudes Frente ao Estupro (EAFE)

Os primeiros instrumentos psicométricos voltados para a avaliação das atitudes no âmbito do estupro e da violência foram desenvolvidos por Feild (1978) e Burt (1980). Feild (1978) criou a *Attitudes Toward Rape Scale*(ATRS), que tinha o intuito de avaliar as atitudes relacionadas ao ato de violência em si. Composta por 32 itens divididos em oito fatores principais: sexo como motivação para estupro, poder como motivação, normalidade de estupradores, severidade de castigo por estupro, precipitação de vítimas de estupro, resistência de mulheres durante estupro, responsabilidade na prevenção de estupro e percepções favoráveis das vítimas de estupro. Esse autor desenvolveu essa escala contando com uma amostra de 1448 participantes, que incluiu policiais, estupradores e adultos de comunidades rurais e urbanas. O índice de consistência interna foi relativamente baixo para a quantidade total de itens (0,62) e não foram encontradas informações acerca da consistência interna para cada um dos fatores individualmente.

No entanto, Deitz, Blackwell, Daley e Bentley (1982) encontraram que apenas cinco dos oito fatores realmente medem atitudes frente ao estupro (Nagel et al. 2005; Scarpati; Guerra, & Duarte, 2014; Ward, 1988). Além do questionário ATRS de Feild, Burt (1980)

desenvolveu a *Rape Myth Acceptance Scale*(RMAS), projetada para avaliar crenças preconceituosas, estereotipadas ou falsas sobre estupro, vítimas de estupro e estupradores (Ward, 1988). Essa escala é até hoje a mais utilizada em pesquisas sobre o tema e é formada por 19 itens, distribuídos em quatro fatores. Seu desenvolvimento contou com uma amostra de 598 estadunidenses, apresentando um índice de consistência interna para a escala geral de 0,87, no entanto, não foram encontradas informações acerca da consistência interna individual de cada fator. As principais críticas sobre a escala versam sobre a presença de itens ambíguos (Lonsway & Fitzgerald, 1995) e sobre o seu conteúdo ultrapassado (Payne, Lonsway, & Fitzgerald 1999).

Com foco diferenciado das medidas anteriormente citadas, Deitz et al. (1982) criou a *Rape Empathy Scale*(RES) que tem como objetivo avaliar o nível de empatia frente a vítimas de estupro. A presente escala é formada por 19 itens, sendo respondida por uma escala de 7 pontos, variando de 1 (*forte empatia pelo estuprador*) a 7 (*forte empatia pela vítima*). O desenvolvimento da escala ocorreu mediante uma amostra inicial de 255 homens e 384 mulheres matriculados na universidade do Colorado. Além disso, o RES foi também administrado via correio a 130 homens e 130 mulheres a partir de uma seleção aleatória da lista de jurados. Dos 260 sujeitos selecionados do júri, 170 (n = 72 homens e n = 98 mulheres) deram devolutiva dos questionários dentro de um período de 8 semanas. O coeficiente alfa foi calculado separadamente para cada um dos grupos. Para os 170 jurados, foi verificado um alfa de 0,89 para as mulheres e 0,85 para os homens. No que diz respeito à amostra de 639 estudantes, foi encontrado um alfa de 0,84 para as mulheres e 0,82 para os homens. Dessa forma, os resultados demostraram que a consistência interna da RES foi considerada aceitável e que não depende das diferenças de sexo como critério para o estabelecimento da homogeneidade dos itens. Apesar de apresentar os índices de consistência interna da escala, não foram encontradas informações acerca da estrutura fatorial da ERS (Deitz et al., 1982).

Embora os pesquisadores tenham utilizado essas medidas para avaliar as percepções dos indivíduos sobre as vítimas de estupro, a avaliação dessas atitudes está inserida em questionário maior. Assim, as medidas listadas não têm as atitudes em relação às vítimas de estupro como foco principal do instrumento, mas sim, como um dos fatores analisados (Nagel et al, 2005).

Considerando essa limitação da literatura anterior, Ward (1988) defendeu o desenvolvimento de um instrumento único, psicometricamente válido, elaborado especificamente para a avaliação de atitudes em relação às vítimas de estupro. Desenvolveu assim a *Attitudes Toward Rape Victim Scale (ARVS)*, projetada para medir atitudes favoráveis e desfavoráveis em relação às vítimas do estupro (em vez do estupro no geral). Por ser a escolhida para a adaptação ao contexto brasileiro, essa escala será apresentada de forma mais detalhada a seguir.

Attitudes Toward Rape Victim Scale (ARVS)

Com intuito de mensurar as atitudes favoráveis e desfavoráveis frente às vítimas de estupro, Ward (1988) construiu uma escala composta de 25 itens respondida em uma escala de 5 pontos, variando de 1 (*discordo fortemente*) a 5 (*concordo fortemente*). Os itens da escala foram desenvolvidos com ênfase na culpa, credibilidade, merecimento e descrença nas histórias de vítimas. Todos os itens são escritos em linguagem simples e sucinta, adequados para participantes de diferentes origens educacionais. As pontuações de atitude são calculadas somando as respostas dos participantes (os itens 3, 5, 7, 10, 12, 15, 19 e 22 são pontuados invertidamente) e, portanto, o intervalo de possíveis escores estende-se de 25 para 125.

A pesquisa de construção e validação da escala se deu em quatro estudos independentes. Contando com amostras de estudantes de graduação (artes, ciências sociais, negócios, medicina, arquitetura engenharia) de uma universidade em Singapura e Arizona, bem como, população geral dos seguintes grupos profissionais: advogados, assistentes sociais,

psicólogos, médicos, policiais. A escala apresentou uma estrutura unifatorial em ambos os países, Singapura e Estados Unidos, explicando 21% a 25,1% da variância e uma consistência interna (alfa de Cronbach) de 0,83 e 0,86, respectivamente. As estruturas fatoriais apresentaram um alto coeficiente de congruência (0,98), indicando um alto grau de similaridade (Ward, 1988). Três anos mais tarde, Lee e Cheung (1991) conduziram dois estudos para avaliar a aplicabilidade transcultural da *ARVS*, em uma amostra de chineses, mostrando um alfa de Cronbach de 0,75, e uma atitude significativamente mais favorável das mulheres em relação às vítimas de estupro do que entre os homens.

Desde então, essa escala vem sendo utilizada em diferentes países: Ghana (Boakye, 2009), Reino Unido (Ferguson & Ireland, 2012; Grubb & Harrower, 2009), Estados Unidos (Watts, Bowes, Latzman, & Lilienfeld, 2017) e Turquia (Sakallı-Uğurlu et al., 2007). Desse modo, tomando em conta a escassez de estudos no Brasil que meçam atitudes em relação às vítimas de estupro, decidiu-se adaptar a medida ora tratada. Especificamente, foram realizados dois estudos, buscando checar sua validade de construto (estrutura fatorial e consistência interna). Assim, observa-se que essa medida vem se mostrando adequada para avaliar as atitudes frente às vítimas de estupro em diferentes contextos.

Estudo 1. Estrutura fatorial da Escala de Atitudes frente à vítima de estupro

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 200 pessoas, com média de idade de 21,8 anos (*DP* = 5,27), sendo a maioria do sexo feminino (68%) e solteira (91,0%). Quanto à escolaridade, 21% tinha o ensino médio completo, 47,5% estava cursando a universidade e 12,5, concluíram o ensino superior. Os participantes apresentaram um nível de religiosidade de 2,9 (*DP* = 1,18). Tratou-

se de uma amostra de conveniência (não-probabilística), em que participaram apenas as pessoas que se voluntariaram a fazê-lo.

Instrumentos

Os participantes foram solicitados a responderem: a) *Escala de Atitudes frente às vítimas de estupro (EAVE).* Originalmente desenvolvida por Ward (1988), composta de 25 itens destinados a avaliar as atitudes favoráveis e desfavoráveis em relação às vítimas de estupro. Os itens incluem: "*Uma mulher que sai sozinha à noite se coloca em posição de ser estuprada*" e "*As mulheres que não são virgens não devem queixar-se de estupro*" ($\alpha = 0,83$). As respostas indicam os níveis de concordância do participante com cada afirmação em uma escala de 5 pontos variando de 1 (*discordo fortemente*) a 5 (*concordo fortemente*). Os itens 3, 5, 7, 10, 12, 15, 19 e 22 têm a sua pontuação invertida; e (b) *informações demográficas*, incluindo-se ao final do questionário quatro perguntas: idade, gênero, estado civil e nível de religiosidade.

Quanto à tradução da *EAVE*, esta foi realizada do inglês para o português por dois psicólogos bilíngues. Posteriormente, um terceiro psicólogo, também bilíngue, comparou as versões nos dois idiomas. Uma versão final, prezando pelo consenso das traduções, compôs sua versão preliminar. Por último, comprovou-se sua validação semântica, reunindo dez participantes da população-meta, igualmente distribuídos quanto ao gênero. Estes responderam ao instrumento de acordo com as instruções e com a escala de resposta proposta, assinalando toda dúvida ou incompreensão. Avaliou-se se as instruções eram suficientes, se os itens estavam legíveis e se poderiam ser respondidos na escala proposta. Não foi preciso realizar nenhuma modificação, resultando na versão final, objeto do presente estudo.

Procedimento

O questionário foi construído pelo *Google docs* e a coleta de dados se deu *online*, sendo os participantes contatados pelas redes sociais. No questionário, eram descritos os objetivos da pesquisa e todos os procedimentos envolvidos, assim como o caráter voluntário e sigiloso. Para concretizar a participação, os participantes precisavam marcar a opção que indicava a sua concordância com os procedimentos descritos, o que correspondia ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Com isso, os participantes autorizavam a utilização das respostas fornecidas para fins de pesquisa e eram esclarecidos de que poderiam abdicar de sua participação na pesquisa a qualquer momento sem ônus algum. Deste modo, cumpriu-se com os preceitos éticos exigidos em pesquisa com seres humanos.

Análises de Dados

Os dados foram tabulados e analisados no *Predictive Analytics Software (SPSS), versão 21*. Calcularam-se estatísticas descritivas, análise de Componentes Principais (CP) e análise paralela. Foi testada a consistência interna (alfa de Cronbach) da *Escala de atitudes frente às vítimas de estupro*.

Resultados

Inicialmente, foram invertidas as escalas de resposta de oito itens que apresentavam semântica contrária à maioria daqueles que compunham a escala (3, 5, 7, 10, 12, 15, 19 e 22). Na sequência, a somatória dos 25 itens resultou em uma pontuação total da qual foi calculada a mediana teórica (*Mdn* = 1,6), considerada para criar os grupos inferior e superior. Em seguida, foi feita uma comparação das médias (teste *t de Student* para amostras independentes) de respostas aos itens dadas pelos grupos-critério; aqueles itens que não apresentassem diferenças significativas entre as pontuações dos grupos seriam excluídos de

futuras análises. Os resultados indicaram que os 25 itens apresentaram poder discriminativo satisfatório ($p < 0,05$).

Não sendo encontradas evidências de adequação psicométrica da *EAVE* no contexto brasileiro, decidiu-se proceder com análises eminentemente exploratórias. Primeiramente, comprovou-se a possibilidade de realizar uma análise fatorial com a matriz de correlações entre os itens, o que foi justificado a partir dos parâmetros estatísticos: Kaiser-Meyer-Olkin – *KMO* = 0,78 e *Teste de Esfericidade de Bartlett*, χ^2 (300) = 1571,80, $p < 0,001$.

Foi realizada uma análise de *Componentes Principais* sem fixar rotação ou o número de componentes da extração. Adotando o *Critério de Kaiser* (*eingenvalue* igual ou superior a 1), observaram-se sete componentes (5,92, 2,03, 1,80, 1,46, 1,30, 1,20, 1,10), que explicaram conjuntamente 59,5% da variância total. Considerando o *Critério de Cattell* (distribuição gráfica dos *eingenvalues*), admitem-se 3 componentes, conforme pode ser evidenciado na Figura 1.

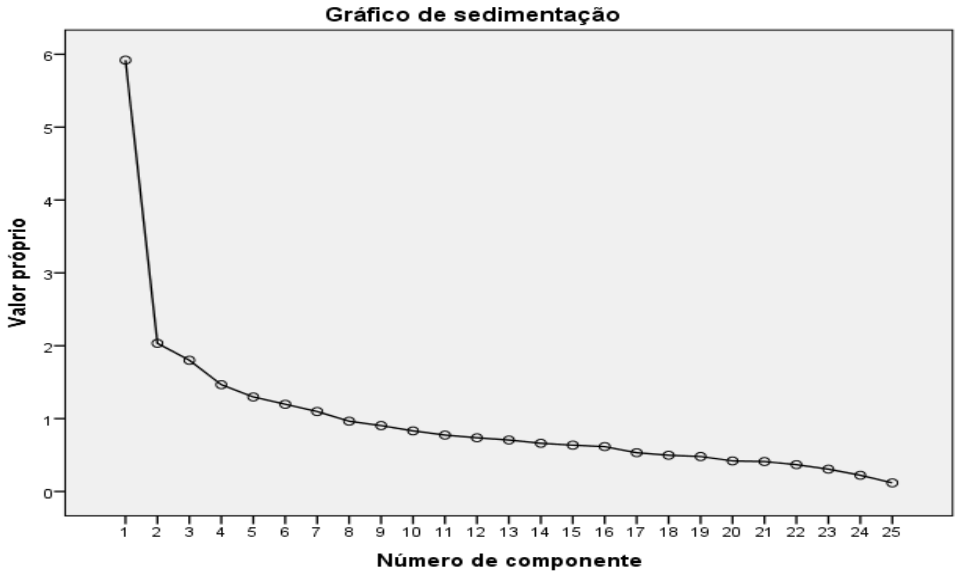

Figura 1. Distribuição gráfica dos *eingenvalues*

Por fim, checou-se a solução mais adequada por meio do critério de *Horn* [análise paralela (preponderância dos valores próprios observados em relação aos simulados)]

(Garrido, Abad, & Pensoda, 2013). Assim, adotaram-se os mesmos parâmetros do banco original de dados, isto é, 200 participantes e 25 itens, realizando 1.000 simulações. O quarto *eingenvalue* gerado pela análise paralela (percentil 95%) foi de 1,49, superior ao segundo valor próprio observado (1,46), indicando adotar uma estrutura de três fatores.

Não obstante, levando em consideração o critério teórico, decidiu-se inicialmente, assumir a estrutura unifatorial proposta por Ward (1988). Nessa solução, os itens apresentaram saturações entre 0,01(item 1) a 0,72 (item 24), resultando em valor próprio (*eigenvalue*) de 5,92, responsável por explicar 23,68% da variância total. Por fim, seu coeficiente de consistência interna (alfa de Cronbach) foi 0,84.

Nesse sentido, tendo em conta a baixa saturação de alguns itens e a baixa variância explicada, decidiu-se reespecificar a solução fixando a extração de três componentes, como sugerido pelo critério de *Cattell e Horn*. Para tanto, adotou-se a rotação *varimax*, como descrita na Tabela 1. Com o fim de definir o item como pertencente ao componente, assumiu-se que ele deveria apresentar saturação mínima de |0,30| (Pasquali, 2012).

Tabela 1.
Análise dos Componentes Principais da EAVE

Itens	Itens resumidos	**Fator**		
		I	**II**	**III**
14	Muitas mulheres inventam histórias de estupro quando	**0,75**	0,15	-0,86

	descobrem uma gravidez indesejada.			
21	Muitas mulheres que relatam estupro estão mentindo porque querem vingança.	**0,70**	0,25	0,11
8	As mulheres intoxicadas (sob efeito de álcool ou drogas) geralmente estão dispostas a ter relações sexuais.	**0,70**	0,21	0,62
16	Uma mulher que sai sozinha à noite se coloca em perigo de ser estuprada.	**0,70**	0,01	0,11
17	Muitas mulheres alegam estupro mesmo tendo consentido ter relações sexuais, que se arrependeram depois.	**0,64**	-0,06	0,04
13	Mulheres que são estupradas ao aceitar passeios com estranhos obtem o que merecem.	**0,62**	0,34	0,07
18	As acusações de estupro por, dançarinas e prostitutas devem ser vistos com suspeita.	**0,60**	0,10	0,07
20	Uma mulher saudável pode resistir com sucesso a um estuprador se ela realmente tentar.	**0,37**	0,16	0,11
4	As mulheres frequentemente alegam estupro para se proteger	**0,36**	0,14	0,34
2	A extensão da resistência da mulher deve ser o fator principal para determinar se um estupro ocorreu	**0,32**	0,10	0,19
1	Uma mulher que foi estuprada é uma mulher menos desejável	**0,30**	0,21	0,27
25	Na maioria dos casos, quando uma mulher foi estuprada, ela merecia	0,14	**0,82**	0,09
23	As mulheres se colocam em situações em que são susceptíveis de serem agredidas sexualmente porque têm um desejo inconsciente de serem estupradas	0,34	**0,75**	-0,05
9	Seria bom para algumas mulheres serem estupradas	0,06	**0,67**	0,14
6	As mulheres que não são virgens não devem queixar-se de estupro	-0,03	**0,63**	0,20
11	A maioria das mulheres deseja secretamente ser estuprada	0,22	**0,61**	-0,10
24	Mulheres sexualmente experientes não são realmente agredidas por estupro	0,35	**0,55**	-0,14
7	As mulheres não provocam estupro por sua aparência ou comportamento	0,30	0,12	**0,54**
10	As mulheres que se sentem culpadas por transar antes do casamento não são susceptíveis de alegar estupro falsamente	-0,10	-0,13	**0,53**
15	Os homens, não as mulheres, são responsáveis pelo estupro.	0,25	0,11	**0,53**
12	Qualquer mulher pode ser estuprada	-0,11	-0,54	**0,51**
5	As meninas "boas" são tão prováveis de serem estupradas quanto as "meninas más"	0,40	0,21	**0,49**
19	Uma mulher não deveria se culpar por estupro	0,36	0,01	**0,49**
22	As mulheres que usam saias curtas ou blusas apertadas não estão convidando para serem estupradas	0,02	0,26	**0,38**
3	Uma mulher estuprada geralmente é uma vítima inocente	0,17	0,18	**0,34**
	Eingenvalue	5,92	2,03	1,80
	% Variância total explicada	23,68	8,15	7,20
	Quantidade de itens	11	6	8
	Alfa de Cronbach	0,82	0,80	0,60

Os índices de consistência interna (alfa de Cronbach) foram calculados, variando de 0,60 (Fator 3) a 0,82 (Fator 1), sendo considerados aceitáveis para pesquisas exploratórias

(Hair, Tatham, Anderson, & Black, 2009). Em função da aceitação da estrutura com três fatores dos itens, denominações e descrições foram propostas, a saber:

Componente 01 – Credibilidade da vítima (CV): este fator agrupa 11 itens que colocam em prova a credibilidade da história contada pela vítima de estupro, seja por gravidez indesejada, vingança, arrependimento. Esse fator apresentou um índice de consistência interna α=0,82, sendo considerado adequado. Os itens apresentaram correlações item-total variando entre r_{it} 0,30 e 0,65, com correlação média de 0,48.

Componente 02 – Merecimento da vítima (MV): agrupa 06 itens com a noção de que a mulher de alguma forma queria, merecia, ou desejava ser estuprada. Esse fator apresentou um índice de consistência interna α=0,80, sendo considerado aceitável. Os itens apresentaram correlações item-total variando entre 0,71 e 0,40, com correlação média de 0,55.

Componente 03 – Culpa da Vítima (CV): agrupa 8 itens que estão invertidos em relação aos outros fatores da escala, ou seja, mensuram atitudes positivas frente às vítimas de estupro, enfocando o quanto a vítima tinha culpa no ocorrido. Esse fator apresentou um índice de consistência interna de α=0,60. Os itens apresentaram correlações item-total variando entre 0,22 e 0,38 com correlação média de 0,30.

Estudo 2. Análise Fatorial Confirmatória da *EAVE* e comparação com um modelo alternativo

O Estudo 1 apresentou evidências de uma estrutura de três componentes da *Escala de atitudes frente às vítimas de estupro*. No entanto, a estrutura proposta pela teoria e os resultados do critério de Kaiser, motivaram a realização deste segundo estudo. Especificamente, buscou-se apresentar evidências mais robustas (análise fatorial confirmatória) da adequação da estrutura de três componentes, comparando com o modelo unifatorial proposto por Ward (1988).

Método

Participantes

Participaram 231 estudantes da cidade de Patos, na Paraíba, com média de idade de 21,6 anos (*DP* = 4,02, variando de 17 a 39 anos), sendo a maioria do sexo masculino (50,4%), solteiros (87,8%), apresentando uma média de religiosidade de 2,9 (variando de 1 a 5). Tratou-se de uma amostra de conveniência (não probabilística), tendo participado as pessoas que, presentes em sala de aula e convidadas a colaborar, concordaram em fazê-lo voluntariamente.

Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário similar àquele do *Estudo 1*, com duas partes: *Escala de atitudes frente às vítimas de estupro (EAVE)* e *Informações Demográficas*.

Procedimento

Inicialmente, entrou-se em contato com os professores com o intuito de pedir permissão para realizar a pesquisa. Com sua concordância, procedeu-se à solicitação aos estudantes presentes, informando que sua participação seria voluntária e anônima. A aplicação foi realizada em ambiente coletivo de sala de aula, porém as respostas foram individuais. O pesquisador responsável se encarregou de coletar os dados, esclarecendo dúvidas sobre como responder os instrumentos. Indicou-se que os participantes poderiam interromper sua participação se o desejassem. Todos assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (*TCLE*), conforme preconiza a Resolução CNS 510/16 (Brasil, 2016).

Análises de Dados

Os dados foram analisados no programa de análises estatísticas AMOS em sua versão 18. Por meio de tal programa, realizaram-se análises fatoriais confirmatórias, buscando testar o modelo trifatorial da EAVE, bem como um modelo alternativo com um único fator. Neste

caso, considerou-se a matriz de covariância como entrada, adotando-se o método de estimação *Maximum Likelihood* (ML).

Com o fim de verificar a qualidade de ajuste dos modelos testados, tiveram-se em conta múltiplos indicadores de ajuste (Byrne, 2010; Hair et al., 2009; Tabachnick & Fidell, 2013): (1) a razão χ^2 / g.l. (qui-quadrado / graus de liberdade), sendo recomendáveis valores entre 2 e 3, admitindo-se até 5 como indicativo de ajuste adequado; (2) *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI), cujos valores variam de 0 a 1, com aqueles próximos a 0,90 indicando um ajustamento satisfatório; (3) o *Comparative Fit Index* (CFI), sendo um índice comparativo em que valores mais próximos de 1 indicam melhor ajuste, com 0,90 sendo a referência para aceitar o modelo; (4) o *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), baseia-se em valores residuais, sendo mais ajustado quanto mais próximo for de zero; admitem-se valores de até 0,10, porém tem-se geralmente em conta o ponto de corte de 0,08; e (5) o *Expected Cross-Validation Index* (ECVI) e o (6) *Consistent Akaike Information Criterion* (CAIC); os valores de ECVI e CAIC mais baixos indicam melhor ajuste do modelo analisado.

Resultados

Levando em conta os achados do Estudo 1, checou-se a adequação de uma estrutura de três fatores. No que tange aos resultados da AFC da EAVE, observou-se índices considerados satisfatórios para a estrutura trifatorial do referido instrumento χ^2/gl = 1,65, *GFI* = 0,86, *AGFI* = 0,89, *CFI* = 0,89, *RMSEA* = 0,05 (*IC90%* = 0,044-0,062). Ressalta-se que todos os pesos fatoriais (*lambdas*) foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1{,}96$, $p < 0{,}05$), variando entre 0,29 (Item 3) e 0,80 (Item 24), conforme Figura 2.

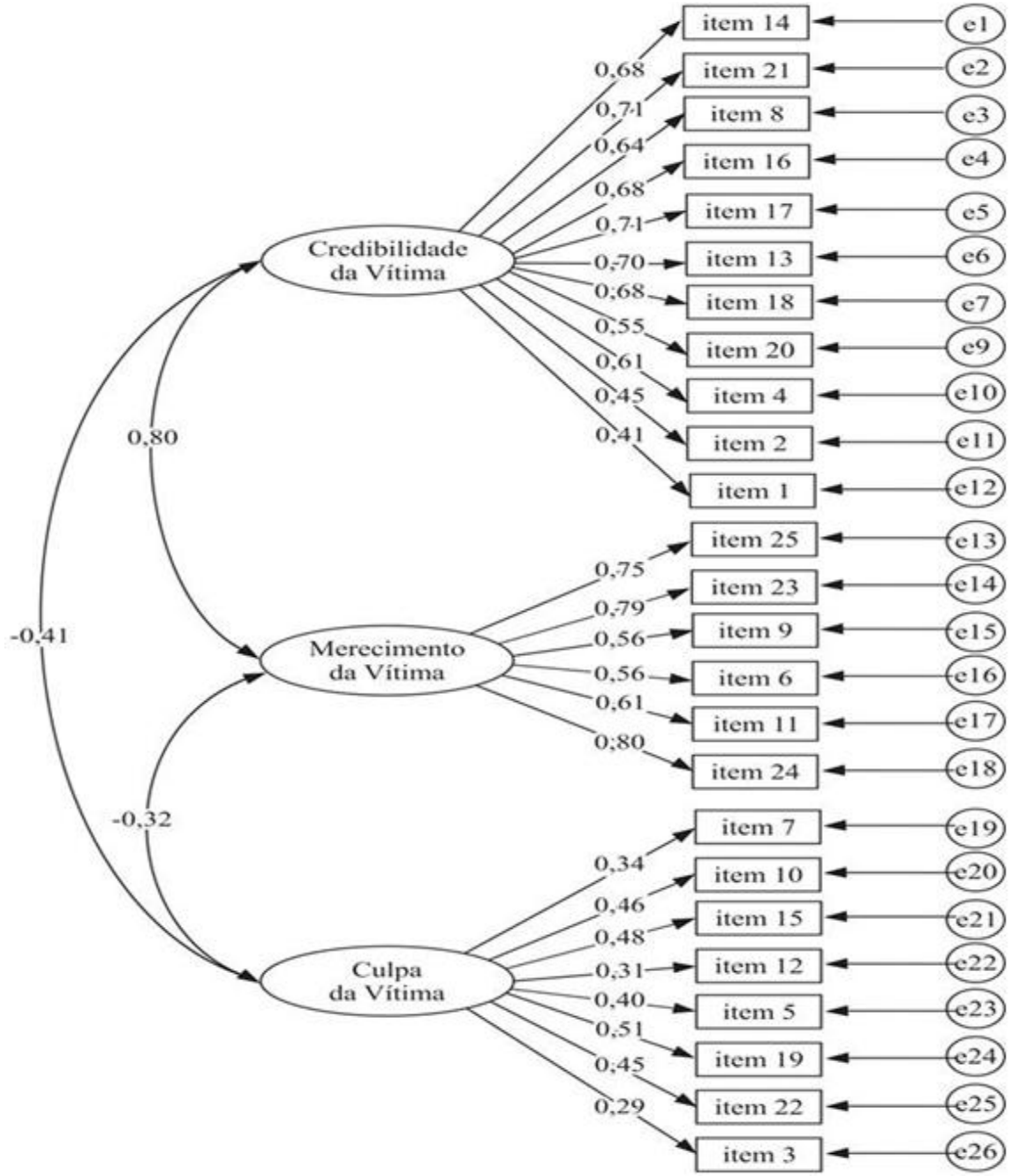

Figura 2. Estrutura Fatorial da escala de atitudes frente às vítimas de estupro.

Ademais, tendo em vista a dimensionalidade da EAVE em seu contexto original, testou-se um modelo unifatorial para tal medida χ^2 /gl = 2,22, *GFI* = 080, *AGFI* = 0,77, *CFI* = 0,80, *RMSEA* = 0,07. No entanto, os resultados ratificaram o ajuste mais adequado de um modelo trifatorial no contexto brasileiro, tendo em vista os valores do ECVI e CAIC que foram maiores para o modelo unifatorial. Tais resultados podem ser visualizados na Tabela 2.

Tabela 2.
Índices de bondade de ajuste para o modelo alternativo da EAVE.

Modelo	χ^2/g.l	GFI	AGFI	CFI	RMSEA (IC90%)	ECVI	CAIC
Modelo trifatorial	1,65	0,86	0,84	0,89	0,05 (0,044-0,062)	2,39	791,0
Modelo unifatorial	2,22	0,80	0,77	0,80	0,07 (0,06-0,08)	3,06	934,1

Conhecida a sua estrutura fatorial, decidiu-se conhecer seus indicadores de precisão, utilizando-se a consistência interna, calculada por meio do alfa de Cronbach. Foi verificado um alfa de Cronbach de 0,88, 0,84 e 0,58, *Credibilidade da Vítima, Merecimento da Vítima e Culpa da Vítima*, respectivamente nessa amostra. Apesar do Fator 3 não ter apresentado um valor ideal, foi o próximo ao exigido pela literatura (Pasquali, 2012).

Discussão

Como apontado anteriormente, esse artigo objetivou adaptar para a realidade brasileira a *Escala de Atitudes frente às Vítimas de Estupro* (Ward, 1988). Foi um aspecto relevante não ter encontrado na literatura nacional um instrumento que, de modo objetivo e rápido, permitisse conhecer as atitudes das pessoas frente às vítimas de estupro, visto que a escala que foi encontrada no contexto brasileiro - a *Escala de Aceitação dos Mitos de Estupro (IRMA)* (Scarpati, Guerra, & Duarte, 2014) - não avalia especificamente este tipo de atitudes, mas os diversos mitos de estupro existente na sociedade. Em contrapartida, a *Attitudes Toward Rape Victim Scale* (*ARVS*) foi projetada para medir atitudes favoráveis e desfavoráveis em relação às vítimas do estupro (em vez do estupro em geral) (Nagel et al., 2005; Ward, 1988).

A estrutura unifatorial original (Ward, 1988) não foi observada nos dados coletados nesta amostra. Os dados sugeriram uma estrutura de três fatores. No entanto, no artigo original, Ward (1988) ressalta que os itens foram construídos com uma ênfase particular na culpa, credibilidade, merecimento e denigrição da vítima. Dessa forma, no presente artigo, foi

observado que os 25 itens se agruparam em três fatores, os quais foram nomeados de: *Credibilidade da Vítima (CV)*: *Merecimento da Vítima (MV); Culpa da Vítima (CV).* Embora essa reorganização seja diferente da original, agrupa os itens de maneira mais concisa e coesa, distribuindo-os em função de seu conteúdo. Corroborando esses achados, o *Estudo 2* apresentou indicadores de ajuste que, embora não perfeitos, aproximaram-se daqueles desejáveis (Byrne, 2010).

Em seus estudos, Ward (1988) relatou alfas de Cronbach superiores a 0,80, que estão acima do que tem sido recomendado na literatura (Pasquali, 2003). Nessa direção, observaram-se coeficientes de 0,80 ou superiores nos fatores dos dois estudos, na qual apenas o Fator 2 não alcançou esse valor; no entanto, apesar de não ter apresentando um valor ideal, foi próximo ao exigido pela literatura (Pasquali, 2003).

Assim, diante do que foi apresentado, parecem existir evidências de validade (fatorial) e precisão (consistência interna) da *EAVE*. Portanto, pode-se pensá-la como uma medida adequada para avaliar as atitudes das pessoas em relação às vítimas de estupro, procurando compreender o nível que elas dão de credibilidade, merecimento e culpa as mulheres que foram estupradas, justificando-se seu uso no contexto brasileiro.

Não obstante, cabe reconhecer algumas limitações dos estudos. Por exemplo, o caráter não probabilístico da amostra, já que a maioria das amostras foi originada de duas cidades do estado da Paraíba, bem como, de estudantes universitários. Isto compromete a capacidade de generalização, visto que essa amostra não pode ser considerada representativa do universo brasileiro.

Finalmente, sugerem-se estudos futuros com o objetivo de verificar outros tipos de validade da EAVE, como pode ser, a validade de critério e validade discriminante em relação a outros construtos, como desejabilidade social. Valerá a pena desenvolver estudos para conhecer a associação das atitudes frente às vítimas de estupro com outros construtos, tais

como, machismo, personalidade, preocupação com a honra e valores humanos. Por exemplo, No que diz respeito aos valores humanos, pessoas guiadas por valores normativos (e.g. tradição, religiosidade, obediência), estariam mais dispostas a responsabilizar a vítima do estupro (Gouveia, 2016). E quanto mais machista são as pessoas mais atitudes negativas possuem.

Além disso, seria pertinente investigar esse tipo de atitudes em profissionais que lidem com atendimento, direto ou indiretamente, à vítima e/ou agressor sexual. Outra sugestão é o desenvolvimento de uma medida implícita de atitudes frente às vítimas de estupro, com o intuito de controlar a desejabilidade social que é inerente a esse tipo de medida, de autorrelato.

Referências

Boakye, K. E. (2009). Attitudes toward rape and victims of rape: A test of the feminist theory in Ghana. *Journal of Interpersonal Violence*, *24*, 1633–1651.

Brasil, *Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, de 07 de abril de 2016* (2016). Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde, Brasil.

Brown, J. M., & King, J. (1998). Gender differences in police officers' attitudes towards rape: Results of an exploratory study. *Psychology, Crime and Law*, *4*, 265–279.

Brownmiller, S. (1975). *Against our will: Men, women, and rape.* New York: Simon & Schuster.

Burt, M. R. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of Personality and Social Psychology*, *38*, 217-230.

Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming* (2ª ed.). New York: Routledge.

Cerqueira, D., & Coelho, D. D. S. C. (2014). *Estupro no Brasil: Uma radiografia segundo os dados da Saúde*. IPEA. Brasília.

Clark, L. A., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological assessment*, *7*, 309-319

Deitz, S. R., Blackwell, T. B., Daley, P. C., & Bentley, B. J. (1982). Measurement of empathy toward rape victims and rapists. *Journal of Personality and Social Psychology, 43*, 372-384.

Feild, H. S. (1978). Attitudes toward rape: A comparative analysis of police, rapists, crisis counselors, and citizens. *Journal of Personality and Social Psychology, 36*, 156-179.

Ferguson, K., & Ireland, C. (2012). Attitudes towards victims and perpetrators of hypothetical rape scenarios involving intoxication: an application to the UK. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, *4*, 96–107.

Garrido, L. E., Abad, F. J., & Ponsoda, V. (2013). A new look at Horn's parallel analysis with ordinal variables. *Psychological Methods*, *18*, 454-474.

George, W. H., & Martinez, L. J. (2002). Victim blaming in rape: Effects of victim and perpetrator race, type of rape, and participant racism. *Psychology of Women Quarterly*, *26*, 110-119.

Gerdes, E. P., Dammann, E. J., & Heilig, L. E. (1988). Perceptions of rape victims and assailants: Effects of physical attractiveness, acquaintance, and subject gender. *Sex Roles*, *19*, 141-153.

Gouveia, V. V. (2016). Introdução à teoria funcionalista dos valores. In V. V. Gouveia (Ed.), Teoria funcionalista dos valores humanos: Áreas de estudo e aplicações (pp. 13-27). São Paulo: Vetor.

Griffin, S. (1979). *Rape: The power of consciousness.* San Francisco: Harper & Row.

Grubb, A. R., & Harrower, J. (2009). Attribution of blame in cases of rape: An analysis of participant gender, type of rape and perceived similarity to the victim. *Aggression and Violent Behaviour, 13*, 396–405.

Gutner, C.A., Rizvi, S.L., Monson, C.M., & Resick, P.A. (2006). Changes in coping strategies, relationship to perpetrator, and posttraumatic distress in female crime victims. *Journal of Traumatic Stress, 19*, 813-823.

Hair, J. F., Tatham, R. L., Anderson, R. E.Black, W. C.,, &. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman Editora.

Laros, J. A. (2005). O uso da análise fatorial: Algumas diretrizes para pesquisadores. In L. Pasquali (Org.), *Análise fatorial para pesquisadores* (pp. 163-184). Brasília, DF: LabPAM.

Lee, H. B.., & Cheung, F. M. (1991). The attitudes toward rape victims scale: Reliability and validity in a Chinese context. *Sex Roles, 24*, 599–603.

Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1995). Attitudinal antecedents of rape myth acceptance: A theoretical and empirical reexamination. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*, 704-711.

Nagel, B., Matsuo, H., McIntyre, K.P., & Morrison, N. (2005). Attitudes toward victims of rape: Effects of gender, race, religion, and social class. *Journal of Interpersonal Violence, 20*, 725-737.

Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Pasquali, L. (2012). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília, DF: LabPam.

Payne, D., Lonsway, K., & Fitzgerald, L. (1999). Rape myth acceptance: Exploration of its structure and its measurement using the illinois rape myth acceptance scale. *Journal of Research in Personality, 33*, 27-68.

Sakallı-Uğurlu, N., Yalçın, Z. S., & Glick, P. (2007). Ambivalent sexism, belief in a just world, and empathy as predictors of turkish students' attitudes toward rape victims. *Sex Roles, 57,* 889–895.

Scarpati, A. S., Guerra, V. M., & Duarte, C. N. B. (2014). Adaptação da Escala de Aceitação dos Mitos de Estupro: Evidências de validade. *Avaliação Psicológica, 13,* 57-65.

Sheldon, J. P., & Parent, S. L. (2002). Clergy's attitudes and attributions of blame toward female rape victims. *Violence Against Women, 8,* 233-256.

Sleath, E., & Bull, R. (2012). Comparing rape victim and perpetrator blaming in a police officer sample: Differences between police officers with and without special training. *Criminal Justice and Behavior, 39,* 642–661.

Sleath, E., & Bull, R. (2017). Police perceptions of rape victims and the impact on case decision making: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*.

Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th ed). Boston, MA: Allyn and Bacon.

Thompson, V. S., & West, S. D. (1992). Attitudes of African American adults toward treatment in cases of rape. *Community Mental Health Journal, 28,* 531-536.

Varelas, N., & Foley, L. A. (1998). African Americans' and Caucasians' perceptions of interracial and intraracial date rape. *Journal of Social Psychology, 138,* 392-400.

Ward, C. (1988). The attitudes toward rape victims scale. *Psychology of Women Quarterly, 12,* 127-146.

Watts, A. L., Bowes, S. M., Latzman, R. D., & Lilienfeld, S. O. (2017). Psychopathic traits predict harsh attitudes toward rape victims among undergraduates. *Personality and Individual Differences, 106,* 1–5

Wentz, E., & Archbold, C. A. (2012). Police perceptions of sexual assault victims: Exploring the intra-female gender hostility hypothesis. *Police Quarterly, 15,* 25–44.

Artigo 3

Escala de Machismo Sexual: Conhecendo as evidências psicométricas no contexto brasileiro

Sexual Machismo Scale: Knowing the psychometric evidence in the Brazilian context

Escala machismo sexual: Conocer las pruebas psicométricas en el contexto brasileño

Escala de Machismo Sexual

Sexual Machismo Scale

Escala machismo sexual

Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa
Universidade Federal da Paraíba

Valdiney Veloso Gouveia
Universidade Federal da Paraíba

Resumo
O presente artigo objetivou adaptar a *Escala de Machismo Sexual* para o contexto brasileiro, reunindo evidências de seus parâmetros psicométricos. Contou-se com uma amostra não probabilística de 231 estudantes universitários (Estudo 1, 21,6±4,02 anos) e 200 indivíduos da população geral (Estudo 2, 21,8±5,27 anos), com médias de idade semelhantes , sendo distribuídos igualmente em relação ao sexo no Estudo 1 e a maioria do sexo feminino no Estudo 2 (69,9%). Os participantes responderam a *Escala de Machismo Sexual*, a *Escala de Sexismo Ambivalente* e perguntas demográficas. Os estudos revelaram uma solução unifatorial, com indicadores de consistência interna satisfatórios (α = 0,81 e α = 0,76) e validade convergente confirmada por meio da correlação com o fator *Sexismo Hostil* e *Sexismo Benévolo* da *Escala de Sexismo Ambivalente*. Ademais, uma análise fatorial confirmatória corroborou tal dimensão preconizada (e.g., *CFI* = 0,97, *TLI* = 0,96 e *RMSEA* = 0,02). Conclui-se que esta medida se mostrou psicometricamente adequada para utilização no referido contexto.

Palavras-chave: machismo, validade, consistência interna.

Abstract
The current paper sought to adapt the Scale of Sexual Machismo to the Brazilian context, gathering evidences of its psychometric parameters. Non-probabilistic samples of 231 undergraduates (Study 1) and 200 individuals from the general population with similar mean ages (*M* = 21.6; *SD* = 4.02; *M* = 21.8, *SD* = 5.27; respectively), equally distributed by the sex in Study 1 and mostly females in Study 2 (69.9%). Participants completed the Scale of Sexual Machismo, the Ambivalent Sexism Scale and demographic questions. The studies showed a one-factor solution, presenting suitable indexes of internal consistency (α = 0.81 e α = 0.76) and confirming convergent validity through correlations with the factors hostile and benevolent sexism of the Ambivalent Sexism Scale. Additionally, a confirmatory factor analysis corroborated the previous solution (e.g., *CFI* = .97, *TLI* = .96 e *RMSEA* = .02). It is concluded that this measure seems to be psychometrically suitable for use in the mentioned context.

Keywords: machismo, validity, internal consistency.

Resumen
El presente artículo objetivó adaptar la *Escala de Machismo Sexual* para el contexto brasileño, reuniendo evidencias de sus parámetros psicométricos. Se contó con una muestra no probabilística de 231 estudiantes universitarios (Estudio 1) y 200 individuos de la población general (Estudio 2), con promedios de edad similares (*M* = 21,6; *DE* = 4,02; *M* = 21,8; , *DE* = 5,27, respectivamente), siendo distribuidos igualmente en relación con el sexo en el Estudio 1 y la mayoría del sexo femenino en el Estudio 2 (69,9%). Los participantes respondieron la *Escala de Machismo Sexual*, la *Escala de Sexismo Ambivalente* y preguntas demográficas. Los estudios revelaron una solución unifactorial, con indicadores de consistencia interna satisfactorios (α = 0,81 y α = 0,76) y validez convergente confirmada por medio de la correlación con el factor *Sexismo Hostil* y *Sexismo Benévolo* de la *Escala de Sexismo Ambivalente*. Además, un análisis factorial confirmatorio corroboró tal dimensión preconizada (por ejemplo, *CFI* = 0,97, *TLI* = 0,96 y *RMSEA* = 0,02). Se concluye que esta medida se mostró psicológicamente adecuada para su uso en el dicho contexto.

Palabras clave: machismo, validez, consistencia interna.

Introdução

Segundo Drumont (1980) o machismo é compreendido como sendo um sistema de representações simbólicas que mistifica as relações de exploração, de dominação, do homem sob a mulher. Esse construto foi definido por Castañeda (2002, 2007) como um conjunto de crenças, atitudes e condutas que manifestam a superioridade dos homens sobre as mulheres em áreas que são tidas como importantes para os homens. As manifestações do machismo são comportamentos relacionados com a educação social tradicional dos homens, que os coloca em uma vantagem, reduzindo a liberdade de escolha das mulheres (Larrañaga, Yubero, & Yubero, 2012). Mayo e Resnick (1996) apontaram que o machismo entre os homens latinos, normalmente, envolve a dominação das mulheres, que são vistas como responsáveis por criar filhos e servir aos homens.

Ao se levar em consideração as grandes transformações econômicas, socioculturais que ocorreram na sociedade brasileira nas últimas décadas, a exemplo do aumento do planejamento familiar, a educação das mulheres como equivalente ao dos homens, a urbanização e a incursão maciça das mulheres no mercado de trabalho que minaram os valores tradicionais de masculinidade. pode-se pensar que o machismo está desaparecendo no Brasil.. Além disso, um número crescente de brasileiros passaram a acreditam que as mulheres devem estudar e trabalhar, não dão muita importância à virgindade antes do casamento, e pensam que os homens devem participar de tarefas domésticas e cuidados infantis (Castañeda, 2002; Gutmann, 2013).

Nessa linha, é comum ouvir homens e mulheres afirmarem que “antigamente” havia mais “machistas” do que nos dias atuais. Esta época é entendida pelo período em que os homens detinham a decisão sobre as carreiras das suas filhas e sobre a sexualidade de suas mulheres, proibindo-as de frequentarem a escolas ou forçando suas parceiras a terem relações sexuais, sem nenhuma intervenção do poder judiciário (Gutmann, 2013). Não obstante, nos

dias atuais o machismo possui uma perspectiva velada na sociedade. Atualmente, ele é estudado sob a forma de "*micromachismo*", sendo compreendido como uma forma de apresentação sutil do machismo, vinculando a comportamentos originados na educação social, por meio da cultura, ou em instituições de ensino, que colocam o homem em posição superior às mulheres (Rodríguez, Rodríguez, & Ramírez, 2010).

O micromachismo eefere-se a formas de comportamentos mais sutis e cotidianos que seguem tentando controlar as mulheres, mas são produzidos sob uma capa protetora legitimada pelo ambiente social, fazendo com que passem despercebidas em muitas ocasiões, e até mesmo seja aceito pelas mulheres em diversas ocasiões (Larrañaga et al., 2012). Nesse tipo de machismo opera a mesma visão do machismo tradicional, pois, fornece uma distinção nítida entre áreas masculinas e femininas dentro da sociedade. Como por exemplo, na vida emocional, proibindo certas emoções de serem demonstradas e incentivando outras, de acordo com o sexo de pessoas (os homens não devem mostrar medo e as mulheres raiva) (Castañeda, 2002).

Nos âmbitos familiar e sociais, o machismo define papéis diferentes para homens e mulheres. Espera-se, coisas muito diferentes de pai e mãe, filho e filha, irmão e irmã, empregado e empregado. Dessa forma, o machismo promove expectativas, aspirações e autoimagens diferentes de acordo com o sexo (Castañeda, 2002). Isso explica porque até as mulheres apresentam condutas machistas e/ou sexistas (Bonino, 2005). Arciniega, Anderson, Tovar-Blank e Tracey (2008) reportam uma pesquisa desenvolvida por Mirandé (1988) com homens latinos que evidenciou que 52% descreveram o machismo como uma construção amplamente negativa, 12% descreveu-o como um conceito neutro e 35% descreveu-o como uma fonte de orgulho e honra.

Neste sentido, o machismo não desapareceu; ele só foi modernizado e se apresenta de forma disfarçada (Larrañaga et al., 2012). Excetuando os casos de violência explícita,

manifestações físicas de machismo deram lugar a formas psicológicas de controle e coerção e assim, continuam a assegurar a dominação masculina sobre as mulheres (Castañeda, 2002).

Por isso, outra área que é envolta do machismo, é a sexual. O comportamento sexual de um homem machista é um fator desencadeante de riscos para saúde das mulheres. A sexualidade do machista está feita por comportamentos irresponsáveis, desrespeitosos e egoístas que colocam as mulheres em situação de risco. Assim, o machismo sexual pode ser entendido como uma crença de superioridade do homem sob a mulher, que deriva de condutas sexuais que põe em risco a saúde sexual e o próprio bem-estar físico de si e de sua (s) parceira (s) (Rodriguéz et al, 2010).

Nisto, o machismo sexual insere-se como uma categoria que deve ser mais bem compreendida para que sua correlação com vários tipos de comportamentos sejam visualizadas de maneira tal que guiem reflexões que possam desenvolver intervenções. Uma das formas de estudar tais temas é por meio da mensuração desse construto. Apesar, do objeto de estudo do presente trabalho ser o machismo sexual, indica-se a seguir o que foi encontrado sobre a medição do machismo e, posteriormente afunilando para o construto de interesse.

Escalas de Machismo

Alguns autores empreenderam esforços para construir instrumentos de mensuração do machismo. Como por exemplo, Villemez e Toughey (1977) desenvolveram a *"Macho" Scale*, composta de 28 itens, que enfocam estereótipos, discriminação e autoritarismo. São exemplos dos itens: "*a esposa não deve contradizer o marido em público*" ou "*é certo que uma mulher trabalhe, mas o pão permanece primariamente uma responsabilidade masculina*". Villemez e Toughey (1977) relataram confiabilidade teste-reteste para a escala variando de 0,89 a 0,91. Não foram encontradas informações acerca dos índices de consistência interna de cada fator individualmente (Neff, 2001).

Mosher e Sirkin (1984) desenvolveram o *Hypermasculinity Inventory (HMI)* para medir a personalidade machista. A escala é composta por 30 itens de escolha forçada, distribuídos em três fatores: (a) atitudes sexuais calosas em relação às mulheres, (b) a violência como virilidade e (c) o perigo como excitante. O alfa de Cronbach para o fator geral da HMI foi 0,80, e em torno de 0,70 para as subescalas.

Em 1991, tendo em conta a escala supracitada, Mosher desenvolveu a *Expanded Hypermasculity Index* (EHMI). O EHMI acrescenta um conceito adicional, a dureza, de tal forma que as subdimensões do EHMI incluem a violência como necessária, o sexo como direito, o perigo como excitante e a dureza como o autocontrole. A EHMI é composta de 40 itens e apresentou alfa de Cronbach 0,94 para escala geral, variando de 0,70 a 0,90 para os fatores. Embora Mosher (1991) reveja uma série de aplicações do HMI e EHMI para apoiar a validade de construto das medidas, estes estudos parecem ter sido conduzidos quase exclusivamente em populações de estudantes universitários, não sendo encontrados estudos com a população geral (Neff, 2001).

Strong, McQuillen e Hughey (1993) propuseram o *Macho Belief Inventor*, que foi construído a partir de uma perspectiva patológica do machismo. A medida é composta por 46 itens respondidos numa escala tipo Likert e 4 fatores de escolha forçada. A análise fatorial mostrou uma estrutura de 11 fatores como, promiscuidade, experiências sexuais antes do casamento, dominação e supremacia masculina. A consistência interna da medida foi de 0,84. Novamente, não foram encontradas informações acerca da consistência interna individual de cada fator.

Outro instrumento encontrado foi a Escala de Machismo (*Machismo* Scale), desenvolvida por Cuellar, Arnold e Gonzalez (1995), relativamente breve (17 itens). Nela, os autores reconhecem que a medição do machismo deveria abordar tanto as dimensões negativas (masculinidade, domínio sobre a família e a esposa) como as dimensões positivas

(masculinidade, bravura, força, independência, poder e proteção da família). A escala apresenta quatro fatores: superioridade masculina, papel do gênero masculino, papel do gênero feminino e força masculina. A consistência interna para a escala total foi de 0,78. A principal limitação segundo Neff (2001) é que a medida foi desenvolvida em uma população de estudantes universitários.

Outra medida encontrada foi a *Machismo Scale (MS)* desenvolvida por Arciniega et al. (2008). A MS é uma escala de 20 itens, contruídos para a população mexicana, para representar os aspectos negativo e positivo do machismo. Dessa forma, a medida é formada por duas subescalas, cada uma com 10 itens: machismo tradicional ("*Os homens são superiores às mulheres*") e cavalherismo ("*Os homens devem estar dispostos a lutar para defender sua família*"). Os itens são respondidos numa escala tipo Likert de 7 pontos (1 = *discordo totalmente*, 7 = *corcordo totalmente*). Foram relatadas alfas de Cronbach de 0,84 para o machismo tradicional e 0, 71 para o cavalherismo. Umas das limitações é que a escala foi desenvolvida e validada unicamente para o sexo masculino (Arciniega et al., 2008).

Mais recentemente, Rodriguéz et al (2010) desenvolveram uma escala de machismo, com intuito de avaliar comportamentos, atitudes e crenças machistas do ponto de vista sexual em homens e mulheres. Por ser a escolhida para a adaptação ao contexto brasileiro, essa escala será apresentada de forma mais detalhada a seguir.

Escala de Machismo Sexual (EMS- 12)

Tendo em conta a inexistência de escala que mensura o machismo sexual, Rodriguéz et al (2010) desenvolveram um instrumento que mensura esse construto para o contexto mexicano. O intuito foi contar com um instrumento breve, válido e confiável capaz de avaliar comportamentos, atitudes e crenças machistas na perspectiva sexual.

A escala foi desenvolvida considerando a sua aplicação tanto no México como em outros países de língua espanhola, onde machismo faz parte da cultura, visto que as perguntas

foram feitas com uma linguagem adequada e genérica em termos de idade, sexo e preferência sexual. A medida foi inicialmente composta por 24 itens e após passar por análise fatorial exploratória e confirmatória, foi proposta uma versão reduzida de 12 itens. A estrutura encontrada foi unifatorial, apresentando alfa de Cronbach de 0,91. São exemplos de itens:*"Somente homens podem fazer sexo antes do casamento*", "É *dever da mulher se cuidar na relação sexual,* "*Uma mulher deve aceitar a infidelidade/traição do seu companheiro* (Rodriguéz et al., 2010). Os itens são respondidos em uma escala tipo likert de 5 pontos (1 – *discordo totalmente* a 5- *concordo totalmente*), sendo a pontuação mínima de 12 e o máximo de 60 (Díaz-Rodríguez & González-Ramírez, 2012).

Objetivando identificar os instrumentos disponíveis sobre machismo, realizaram-se buscas em bases de dados nacionais e internacionais. No âmbito internacional, realizou-se busca, no dia 10 de abril de 2017, na base de dados *psycINFO*. No caso, foi introduzido o termo "*machismo scale*", encontrando-se 21 registros. Quanto à busca no contexto nacional na data indicada, verificado a partir de uma busca nos bancos de dados: *Scielo* e *Lilacs*, usando as palavras chaves "*escala de machismo*" sem restrições periódicas, não foram encontrados nenhum resultado.

Nesse sentido, considerando os resultados antes descritos, observa-se a carência de estudos sobre medidas de machismo, especificamente no Brasil, o que se configura como relevante o objetivo do presente artigo em conhecer as evidências psicométricas de uma medida de machismo para o contexto brasileiro, especificamente, a Escala de Machismo Sexual (Rodriguéz et al, 2010).

Estudo 1: Estrutura fatorial da Escala de Machismo sexual

Esse estudo tem por objetivo conhecer as evidências da Escala de Machismo Sexual no contexto brasileiro. Dessa forma, com o propósito de explorar sua estrutura na

representação do construto *machismo*, realizou-se uma análise dos componentes principais e, posteriormente, verificou-se em que medida este fator geral apresenta consistência interna.

Método

Participantes

Participaram 231 pessoas, com media de idade de 21,61 anos (*DP* = 4,02, variando de 17 a 39 anos), distribuídos quase igualmente em relação ao sexo (50,4% masculino), sendo o *status* civil da maioria, solteiro (87,8%). Tratou-se de uma amostra de conveniência (não probabilística), tendo participado as pessoas que, presentes em sala de aula e convidadas a colaborar, concordaram em fazê-lo voluntariamente.

Instrumentos

Os participantes responderam um questionário composto por duas partes:

Escala de Machismo Sexual. Proposta por Rodríguez et al (2010), composta por 12 itens, que se propõe a medir um único fator, denominado "machismo", que apresentou um alfa de *Cronbach* de 0,91. Para responder ao questionário o participante deveria ler todas as instruções e os itens atenciosamente, respondendo o quanto está de acordo com cada afirmação, utilizando-se uma escala tipo *Likert*, pela qual varia de 1 (*Discordo totalmente)* a 5 (*Concordo totalmente).*

Informações demográficas. Ao final do questionário foram incluídas quatro perguntas: idade, gênero, estado civil e nível de religiosidade.

Procedimento

A coleta dos dados ocorreu de forma presencial. Inicialmente, o pesquisador convidava os respondentes a participarem e em seguida apresentava os objetivos da pesquisa. Ademais, explicou a informação sobre a livre deliberação de cada um em responder, além de garantir o anonimato dos participantes e a confidencialidade de suas respostas, segundo preconiza o Conselho Nacional de Saúde e o Ministério da Saúde (Brasil, 2016). O

pesquisador esteve presente durante toda a aplicação, com intuito de dirimir eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos indispensáveis. Os participantes responderam em um tempo médio de 10 minutos.

Análises de Dados

Os dados foram tabulados e analisados no *Predictive Analytics Software (SPSS)*. Calcularam-se estatísticas descritivas (média e desvio padrão), análise de Componentes Principais (CP) e análise paralela. Além disso, verificou-se a consistência interna (alfa de Cronbach) da *Escala de Machismo Sexual.* Também foi realizada análise de correlação de Pearson para analisar a validade convergente com a Escala de Sexismo Ambivalente.

Resultados

Inicialmente, checou-se o poder discriminativo dos itens a partir de grupos-critério internos, examinando se havia algum item que não diferenciava os respondentes com magnitudes próximas no traço latente de interesse (machismo). Adotou-se a mediana empírica de todos os itens (*Mdn* = 1,50) para definir os grupos-critério superior e inferior em função das pontuações totais dos participantes. A comprovação foi feita com o teste *t de Student* para amostras independentes, comparando-se as médias dos grupos inferior e superior para cada item; unicamente o item 3 (*Só os homens podem ter experiência sexual*) não foi significativo. Contudo, decidiu-se incluí-lo nas análises subsequentes com a finalidade de observar como se comportava.

No que se refere à fatorabilidade dos dados, foram analisados o teste de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), o qual foi considerado adequado com resultado de 0,80, bem como o teste de esfericidade de Bartlett, que apresentou um resultado significativo, $\chi2$ (66) =797,777, $p < 0,001$. Ambas as análises, sugerem a pertinência dos dados à realização da análise fatorial.

Posteriormente, decidiu-se efetuar uma análise de componentes principais, visto ser o método mais indicado quando a finalidade é a redução de fatores naqueles que explicam a máxima variância (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009), porém sem fixar o tipo de rotação ou número de fatores a extrair. Considerando o critério de Kaiser (*eigenvalue* ou valor próprio igual ou superior a 1), observou-se a possibilidade de extrair quatro componentes, cujos valores próprios foram 4,10, 1,65, 1,31 e 1,03, explicando conjuntamente 67,39% da variância total. A distribuição (*scree test*) desses eigenvalues (critério de Cattell) apresentou-se de forma ambígua, sugerindo uma estrutura de até quatro fatores, embora, um se sobressaiu dos demais (Figura 1).

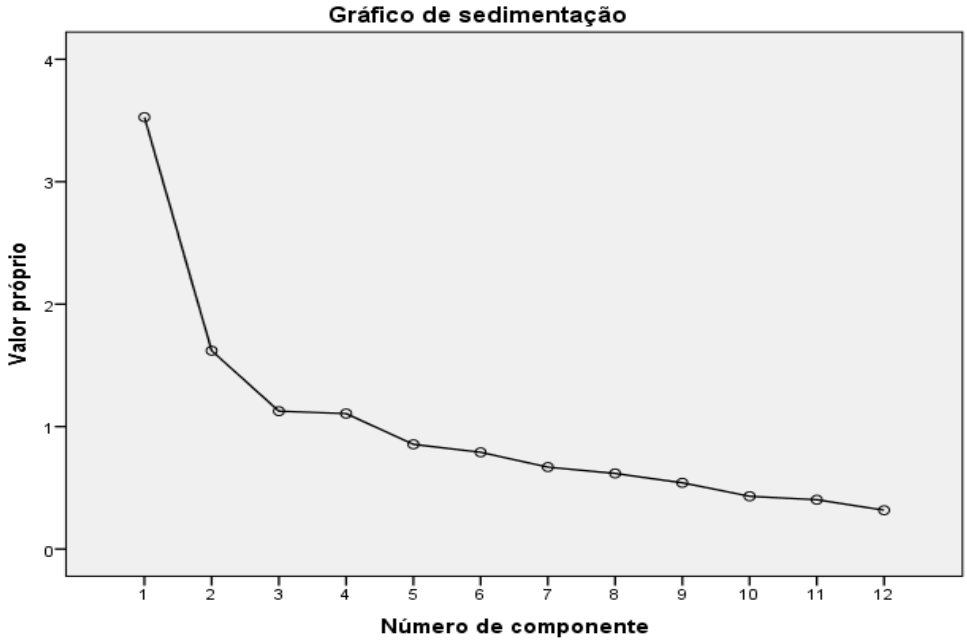

Figura 1. Distribuição gráfica dos *eingenvalues*

Considerando as evidências teóricas e a fragilidade desses critérios, efetuou-se uma análise paralela (*Critério de Horn*), considerando 1.000 bancos de dados que simularam a presente pesquisa, isto é, 231 participantes e 12 itens. Os quatros valores próprios gerados aleatoriamente foram como seguem: 1,49, 1,37, 1,26, 1,19. Nesse caso, contrastando esses

valores com aqueles observados empiricamente, confirma-se a retenção de 3 componentes, os quais apresentaram valores próprios superiores aos simulados. Entretanto, com a finalidade de testar uma estrutura mais parcimoniosa, optou-se por extrair um componente, tal como no estudo original de Rodríguez et al. (2010). Nesse sentido, decidiu-se reespecificar a solução fixando em uma extração unifatorial.

Admitiu-se, assim, a estrutura unifatorial, como descrita na Tabela 1. De acordo com essa Tabela, parece adequado pensar na *Escala de Machismo* como uma medida unifatorial, tendo seu componente geral apresentado valor próprio de 4,10, explicando 34,15% da variância total. Tomando em conta para interpretação da solução fatorial os itens que apresentaram carga fatorial (saturação) acima de |0,40|, um item precisou ser eliminado, **4** [*Um homem pode ter sua primeira relação sexual com uma pessoa que não seja sua companheira*].

A versão reduzida do instrumento, composta por 11 itens, apresentou consistência interna (Alfa de Cronbach) de 0,82. Conforme descrito anteriormente, esses resultados corroboraram os de Rodríguez et al. (2010) no que se refere à estrutura e confiabilidade da escala. Não obstante, considerando a natureza exploratória das análises, demanda-se confirmar sua estrutura unidimensional, o que se leva a cabo no estudo que segue.

Tabela 1
Estrutura fatorial da escala de Machismo Sexual

Itens	Descrição do conteúdo	Estudo 1 **(*N* = 231)**
07	Um homem precisa ter várias parceiras sexuais.	0,77
06	Uma mulher deve aceitar à infidelidade/traição do seu companheiro.	0,74
12	O pai deve fazer com que seu filho inicie a vida sexual.	0,72
11	O homem deve iniciar sua vida sexual na adolescência.	0,68
08	Não importa a situação ou estado de humor da mulher, ela deve ter	0,66

	relações sexuais sempre que seu companheiro pedir.	
05	Um homem casado ou em um relacionamento pode ter relações sexuais com prostitutas	0,62
10	É dever da mulher se cuidar na relação sexual.	0,56
09	Um homem pode ter várias parceiras sexuais ao mesmo tempo.	0,51
02	Homens podem ter filhos fora do casamento	0,44
03	Só os homens podem ter experiência sexual	0,41
01	Somente homens podem fazer sexo antes do casamento.	0,40
04	Um homem pode ter sua primeira relação sexual com uma pessoa que não seja sua companheira.	0,29
	Número de Itens	12
	Valor próprio	4,10
	% Variância total explicada	34,14
	Alfa de Cronbach	0,81

Nota. * Itens ordenados de acordo com a magnitude de suas cargas fatoriais.

Estudo 2. Comprovação da Estrutura Fatorial da *Escala de Machismo Sexual*

O objetivo do presente estudo foi corroborar a unidimensionalidade da *Escala de Machismo Sexual.* Especificamente, buscou-se apresentar evidências mais robustas (análise fatorial confirmatória) da adequação da sua estrutura unifatorial, bem como, testar sua validade convergente com a medida de *Sexismo Ambivalente*.

Metódo

Participantes

Foi realizada uma amostragem de conveniência, na qual participaram 200 pessoas, com idade de 21,8±5,27 anos, sendo a maioria do sexo feminino (68%) e solteira (91,0%). Quanto à escolaridade, 21% tinha o ensino médio completo, 47,5% estava cursando a universidade e 12,5,% concluíram o ensino superior.

Instrumentos

Os participantes responderam um questionário contendo os mesmos instrumentos do *Estudo 1*, composto pela *Escala de Machismo Sexual* e *Informações Demográficas*. Ademais, foi acrescido da medida de *Sexismo Ambivalente,* descrita a seguir.

Escala de Sexismo Ambivalente. Desenvolvida originalmente por Glick e Fiske (1996) e adaptada por Formiga, Gouveia e Santos (2002). Conta com 22 itens que propõem a avaliação de dois fatores. Um fator corresponde ao *Sexismo benevolente,* o qual reúne 11 itens, (e.g., Item 12. T*odo homem deve ter uma mulher a quem amar; Item 9. Mulheres devem ser queridas e protegidas por homens*), apresentando alfa de Cronbach de 0,77. Por sua vez, a segunda dimensão refere-se ao *Sexismo Hostil,* em que agrupa os outros 11 itens (e.g., *Item 15. Mulheres procura controlar ao homem comprometido com ela; Item 18. Mulheres atraem sexualmente e depois rejeitam aos homens*), com o alfa de Cronbach de 0,66. Os itens são respondidos em uma escala tipo Likert de 0=Discordo Totalmente a 5=Concordo Totalmente.

Procedimento

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário online, exigindo-se unicamente que o participante se declarasse maior de 18 anos, concordando com termo de consentimento livre e esclarecido. O link da pesquisa foi compartilhado em redes sociais. No questionário, primeiramente eram descritos os objetivos da pesquisa e todos os procedimentos envolvidos, assim como foi enfatizado o caráter voluntário e sigiloso, conforme determina a

Resolução CNS 510/16 (Brasil, 2016). Em média, estimou-se 15 minutos para concluir sua participação.

Análise de Dados

Utilizou-se o programa estatístico *R* (*R Development Core Team*, 2011; Raiche, Walls, Magis, Riopel, & Blais, 2013) para realizar uma *análise fatorial confirmatória* (AFC), comprovando a estrutura unidimensional da *Escala de Machismo Sexual*. No caso, considerou-se tanto o método de estimação *Maximum Likelihood* (ML) quanto *Mínimos Quadrados Ponderado* (WLSMV). Foram considerados os indicadores comumente empregados na literatura, (Byrne, 2013; Tabachnick & Fidell, 2013) todos descritos a seguir.

- χ^2 (Qui-quadrado): avalia a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados. Nele, valores baixos são desejáveis. Contudo, em razão de ser influenciado pelo tamanho da amostra e o número de variáveis do modelo, costuma-se ter em conta sua razão quanto aos graus de liberdade (Razão χ^2/gl). Neste caso, um modelo ajustado apresenta valores entre 2 e 3, porém aceita-se até 5 como indicador de adequação do modelo teórico.

- GFI (Goodness-of-Fit Index) e AGFI (Adjusted Goodness-of-Fit Index): expressam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo, sendo que o AGFI é ponderado em relação aos seus graus de liberdade. Seus valores variam de 0 a 1, aceitando-se como indicadores de ajuste do modelo aqueles próximos ou superiores a 0,90.

CFI (Comparative Fit Index): funciona satisfatoriamente quando o tamanho da amostra é pequeno (Tabachnick & Fidell, 2013). É um indicador comparativo adicional de ajuste ao modelo, sendo que valores próximos ou superiores a 0,90 sugerem um melhor ajuste do mesmo.

TLI (*Tucker-Lewis Index*). É indicador global de adequação do modelo; são considerados satisfatórios valores próximos de 1,00, admitindo-se aqueles entre 0,80 e 0,90 (Meade, Johnson, & Braddy, 2006).

-SRMR (Standardised Root Mean Square Residual): este indicador se refere à raiz quadrada da diferença entre os resíduos da matriz de covariância da amostra e do modelo hipotético, sendo que seus valores variam de 0 a 1. Valores menores que 0,5 são considerados satisfatórios. Todavia, valores até 0,08 também podem ser aceitáveis (Hooper, Couglan, & Mullen, 2008).

-RMSEA (Root-Mean-Square Error of Approximation): um dos indicadores de ajuste mais informativo e parcimonioso, pois seleciona o modelo com menor número de parâmetros. Recomendam- -se valores entre 0,05 e 0,08, admitindo-se até 0,10 como expressando um ajuste satisfatório.

Resultados

A partir dos achados do *Estudo 1*, checou-se a adequação de uma estrutura unifatorial, isto é, todos os 11 itens saturando em um único fator geral de machismo sexual.

Com o objetivo de conseguir mais evidências para se corroborar a unidimensionalidade da escala, conduziu-se uma análise fatorial confirmatória (CFA) pelo método de estimação Maximum Likelihoood (ML). De acordo com a CFA, puderam-se observar os seguintes resultados: χ^2/g.l. = 5,49; GFI = 0,81; AGFI = 0,71; CFI = 0,74; *TLI* = 0,66; RMSEA = 0,14 (0,12 – 0,16).

Diantes dos resultados apresentados acima, decidiu-se realizar a análise fatorial confirmatória utilizando o estimador denominado *Mínimos Quadrados Ponderado* (WLSMV) desenvolvido para dados categóricos. Dessa forma, tendo em conta a especificação do modelo de acordo com a proposta de seus autores, verificaram-se os seguintes indicadores de ajuste: χ^2*/g.l.* = 2,08, *GFI* = 0,99, *AGFI* = 0,99, *CFI* = 0,97, *TLI* = 0,96, SRMS = 0,09 e *RMSEA* = 0,05 (IC90% = 0,075-0,104). Todas as saturações (λ, lambdas) foram superiores a 0,20, com

valor médio de 0,52 (variando de 0,26 a 0,74), sendo estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1{,}96$, $p < 0{,}05$). A Figura 2 resume o modelo.

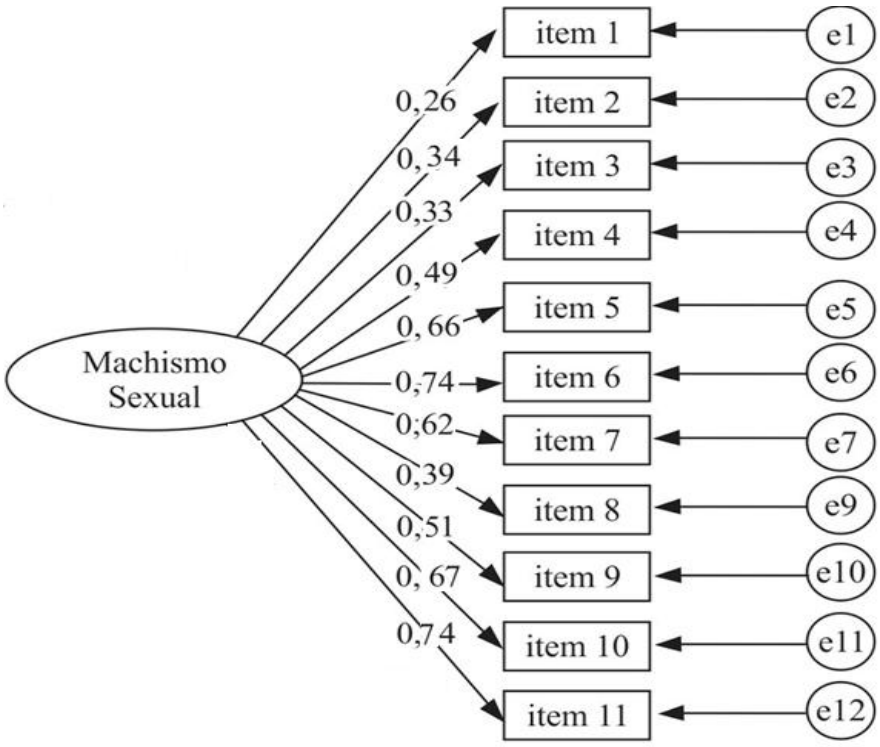

Figura 2. Estrutura Unifatorial reduzida da Escala de *Machismo Sexual*

Este fator apresentou consistência interna adequada ($\alpha = 0{,}76$), semelhante ao observado no Estudo 1. Por fim, as pontuações na *Escala de Machismo Sexual* se mostraram direta e significativamente correlacionadas com aquelas do fator *Sexismo Hostil* ($r = 0{,}42$, $p < 0{,}01$) e *Sexismo Benévolo* ($r = 0{,}29$, $p < 0{,}01$) sugerindo evidência de sua validade convergente.

Discussão

As relações de gênero baseadas no machismo ainda estão muito presentes na sociedade atual. São relações construídas historicamente, que esboçam quais papéis sociais devem ser representados por homens ou pelas mulheres. Nessa linha, apesar das conquistas,

as mulheres ainda se encontram em grande desvantagem em relação aos homens, pois são submetidas a situações de desigualdade econômica, social e sexual (Silva & Mendes, 2015).

Assim, valendo-se da importância e da atualidade da temática, o objetivo do presente artigo foi validar a *Escala de Machismo Sexual* (EMS-Sexismo-12), um instrumento breve, válido e confiável, capaz de avaliar comportamentos, atitudes e crenças machistas em uma perspectiva sexual. Os resultados previamente apresentados foram consistentes com aqueles observados no estudo original de construção e avaliação dos parâmetros psicométricos da *EMS* (Rodríguez et al., 2010). Portanto, reforçam as evidências de sua validade de construto (e.g., estrutura fatorial, validade convergente e consistência interna), apoiando e emprego desta medida em estudos futuros.

Apesar de estimar que o objetivo principal deste artigo tenha sido alcançado, reconhecem-se algumas limitações potenciais dos estudos. Por exemplo, as amostras foram de conveniência, não sendo representativas da população brasileira ou mesmo da paraibana. Entretanto, ressalta-se que não foi o propósito assegurar validade externa dos resultados (generalização), mas reunir evidências a respeito dos parâmetros psicométricos da escala. Quanto a este ponto, o número de participantes parece ter sido suficiente para as análises estatísticas realizadas (e.g., análise fatorial, testagem de unidimensionalidade, consistência interna). Destaca-se, ainda, que se trata de um instrumento curto, cumprindo a recomendação de contar com um mínimo de dez participantes por item (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009). Discutem-se a seguir os achados principais.

Buscou-se testar a estrutura da *Escala de Machismo Sexual* por meio da realização de dois estudos, um com foco exploratório e outro confirmatório. No primeiro estudo, observou-se que os achados foram coerentes com aqueles apresentados por Rodríguez et al. (2010), quando excetuando o item 4, todos os outros, tendo sido distribuídos em uma estrutura unidimensional, apresentaram saturações acima do recomendado (0,40; Hair et al., 2009).

Decidiu-se, ainda, checar a confiabilidade desta escala por meio do alfa de Cronbach, observando-se valores superiores ao ponto de corte recomendado na literatura (0,70; Damásio, 2012).

Tendo em conta o caráter exploratório do *Estudo 1*, optou-se por realizar o *Estudo 2*, comprovando a estrutura encontrada previamente. Os resultados encontrados mostraram indicadores de ajuste adequados para a estrutura unifatorial. Nesse estudo, também foi observado que a medida preconizada se correlacionou com o fator *sexismo hostil* e com sexismo benévolo, sugerindo evidências de validade convergente. No entanto a correlação foi maior com o sexism hostil, o que era esperado, visto que segundo Rodríguez et al. (2010), o conteúdo dos itens da *Escala de Machismo Sexual* apresenta características do machismo tradicional, enfocando o papel das mulheres na tomada de decisões e participação na sexualidade, em contrapartida ao papel dos homens, onde, apenas um dos membro do casal pode tomar decisões e controlar o relacionamento. O que é mais condizente com o fator sexismo hostil, que é mais claro e diretamente discriminatório do que o sexismo benévolo (Formiga et al., 2002; Glick & Fiske, 1996).

Portanto, no conjunto destes achados exprimem evidências de validade (fatorial e convergente) da *Escala de Machismo Sexual*, justificando seu uso no contexto de pesquisa. Por fim, como direcionamentos futuros, ressalta-se a possibilidade de comprovar seu parâmetro de estabilidade temporal (teste-resteste) em contexto brasileiro, assim como, avaliar em que medida suas pontuações são afetadas por desejabilidade social. Será importante, também, conhecer os correlatos da EMS com construtos de natureza duradoura e universal, quer seja, a personalidade e os valores humanos, que são construtos que vem sendo amplamente explorados como um explicadores das diferenças individuais, sendo considerados relevantes para entender construtos ligados à natureza singular do indivíduo e da estabilidade de conduta (Guerra, Gouveia, Sousa, Lima, & Freires, 2012; Gusmão et al, 2016). Cabendo

assim, conhecer, por exemplo, que traços de personalidade e valores fomentam o machismo sexual, e qual a sua relação com as atitudes frente às vítimas de estupro.

Referências

Arciniega, G. M., Anderson, T. C., Tovar-Blank, Z. G., & Tracey, T. J. G. (2008). Toward a fuller conception of Machismo: Development of a traditional Machismo and Caballerismo Scale. *Journal of Counseling Psychology*, *55*, 19–33.

Bonino, L. (2005). Las microviolencias y sus efectos: claves para su detección. In C. Ruiz-Jarabo Y P. Blanco (Coords.), *La violencia contra las mujeres: prevención y detección* (pp. 83-102). Madrid: Díaz de Santos.

Brasil, *Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, de 07 de abril de 2016* (2016). Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde, Brasil.

Byrne, B. M. (2013). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. London: Routledge.

Castañeda, M. (2002). *El machismo invisible*. Mexico, DF: Grijalbo.

Castañeda, M. (2007). *El machismo invisible regresa*. Mexico, DF: Santillana.

Cuellar, I., Arnold, B., & Gonzalez, G. (1995). Cognitive referents of acculturation: Assessment of cultural constructs in Mexican Americans**.** *Journal of Community Psychology, 23*, 339-356.

Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, *11*, 213–228.

Rodríguez, C. L., & González Ramírez, M. T. (2012). Comparación intergeneracional del machismo sexual y conductas de autoeficacia. *Acta de Investigación Psicológica*, *2*, 638–649.

Drumont, M. P. (1980). Elementos para uma análise do machismo. *Perspectivas*, *3*, 81-85.

Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. D. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em estudo*, *7*, 103-111.

Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *The Amerycan Psychological Assiciation*, *70*, 3, 491-512.

Guerra, V. M., Gouveia, V. V., Sousa, D. M., Lima, T. J., & Freires, L. A. (2012). Sexual liberalism – conservatism: The effect of human values, gender, and previous sexual experience. *Archives of Sexual Behavior*, *37*, 855-990.

Gusmão, E. É. da S., Nascimento, B. da S., Gouveia, V. V., Moura, H. M. de, Monteiro, R. P., Ferreira Filho, L. G., & Costa, K. M. R. da. (2016). Valores humanos e atitudes homofóbicas flagrante e sutil. *Psico-USF*, *21*, 367–380.

Gutmann, M. (2013). O machismo. *Antropolítica*, *34*, 95-120.

Hair,, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados* (6ª ed.). Porto Alegre, RS: Bookman.

Hooper, D., Coughlan, J., & Mullen, M. (2008). Structural equation modelling: Guidelines for determining model fit. Electronic Journal of Business Research Methods, 6, 53-60

Larrañaga, E., Yubero, S., & Yubero, M. (2012). Influencia del género y del sexo en las actitudes sexuales de estudiantes universitarios españoles. *Summa Psicológica UST (En Línea)*, *9*, 5–13.

Mayo, Y., & Resnick, R. (1996). The impact of machismo on Hispanic women. *Affilia*, *11*, 257–277.

Meade, A. W., Johnson, E. C., & Braddy, P. W. (2006). *The utility of alternative fit indices in tests of measurement invariance.* Paper presented at the annual Academy of Management Conference, Atlanta, GA. Retirado de: *www4.ncsu.edu/~awmeade/Links/Papers/AFIsMI (AoM06).pdf*

Mirandé, A. (1988). Chicano fathers: Traditional perceptions and current realities. In P. Bronstein & C. P. Cowan (Eds.), *Fatherhood today: Men's changing role in the family* (pp. 93–106). Oxford, England: Wiley

Mosher, D. L. (1991). Macho men, machismo, and sexuality. *Annual Review of Sex Research, 2*, 199-247.

Mosher, D. L., & Sirkin, M. (1984). Measuring a macho personality constellation. *Journal of Research in Personality, 18*, 150-163.

Neff, J. A. (2001). A confirmatory factor analysis of a measure of "machismo" among Anglo, African American, and Mexican American male drinkers. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 23*, 171–188.

Pasquali, L. (2012). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília, DF: LabPam.

R Development Core Team (2011). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.

Raiche, G., Walls, T. A., Magis, D., Riopel, M., & Blais, J. (2013). Non-graphical solutions for Cattell's scree test. *Methodology, 9*, 23-29.

Rodríguez, C. L. D., Rodríguez, M. A. R., & Ramírez, M. T. G. (2010) Escala de machismo sexual (SEM-Sexismo-12): diseño y análisis de propriedades psicométricas. *SUMMA Psicológica UST, 7*, 35-44.

Silva, M. C., & Mendes, O. M. (2015). As marcas do machismo no cotidiano escolar. *Caderno Espaço Feminino, 28*. Retirado de http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/31723

Strong, W. F., McQuillen, J. S., & Hughey, J. D. (1993). En el laberinto de machismo: A comparative analysis of macho attitudes among Hispanic and Anglo college students. *The Howard Journal of Communications, 5*, 18-35.

Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th ed). Boston, MA: Allyn and Bacon.

Villemez, W. J., & Toughey, J. C. (1977). A measure of individual differences in sex stereotyping and sex discrimination: The Macho Scale. *Psychological Reports, 41*, 411-4.

Artigo 4

Atitudes Frente às Vítimas de Estupro: O Papel da Personalidade, dos Valores, da Honra e do Machismo

Attitudes towards Rape Victims: The Role of Personality, Values, Honor and Machismo

Actitudes frente a las víctimas de violación: El papel de la personalidad, valores, honor y machismo

Atitudes Frente às Vítimas de Estupro

Attitudes towards Rape Victims

Actitudes víctimas de violación

Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa
Universidade Federal da Paraíba

Valdiney Veloso Gouveia
Universidade Federal da Paraíba

Resumo
Este artigo objetivou testar se existe diferença na pontuação de atitudes frente às vítimas de estupro em relação ao sexo, bem como, elaborar um modelo explicativo das atitudes frente às vítimas de estupro, tendo, como variáveis independentes, o machismo, a preocupação com a honra, valores humanos e os traços de personalidade. Participaram 212 pessoas de uma cidade do interior da Paraíba (Patos-PB), com idades variando entre 14 a 79 anos (*M* = 24,9, *DP* = 9,58), sendo a maioria do sexo feminino (64,6%). Estas responderam a *Escala de Atitudes frente à vítima de estupro,* a *Escala de Machismo Sexual, a Escala de Preocupação com a Honra,o Questionário de Valores Básicos, o Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade* e a perguntas demográficas. A partir da realização de regressões lineares, propôs-se um modelo explicativo no qual os traços de personalidade predisseram os valores e a preocupação com a honra e o machismo, e estas, por sua vez, predisseram as atitudes frente às vítimas de estupro. Os resultados obtidos apontam para um ajuste satisfatório deste modelo. Não obstante, sugere-se a realização de pesquisas que possam testá-lo em diferentes amostras, visto que essa foi originaria do interior.

Palavras-chave: estupro, machismo, honra, personalidade, valores.

Abstract
This article aimed to test whether there is a difference between sex in scores of attitudes towards rape victims, and to elaborate an explanatory model of the attitudes towards rape

victims, having as independent variables machismo, concerns with honor, human values, and personality traits. Participants were 212 people from the countryside of Paraíba (Patos-PB), with ages ranging from 14 to 79 years old (*M* = 24,9, *SD* = 9,58), most were women (64.6%). They answered the Attitudes Towards Rape Victim Scale, the Sexual Machismo Scale, Honor Concerns Scale, the Basic Values Survey, the Big Five Inventory, and sociodemographic questions. Based on linear multiple regressions, an explanatory model was proposed, in which personality traits predicted honor concerns and machismo, and these, in turn, predicted attitudes towards rape victims. The obtained results show a satisfactory adjustment of the model. Nevertheless, it is suggested that new studies are conducted to test it in different samples, once this sample was from the countryside.

Keywords: rape, machismo, honor, personality, values.

Resumen

Este artículo objetivó probar si existe diferencia en la puntuación de las actitudes hacia las víctimas de estupro en relación al sexo, así como elaborar un modelo explicativo de las actitudes hacia las víctimas de estupro, teniendo como variables independientes, el machismo, la preocupación con el honor, los valores humanos y los rasgos de personalidad. Participaron 212 personas de una ciudad del interior de Paraíba (Patos-PB), con edad entre 14 y 79 años (*M* = 24,9, *DE* = 9,58), la mayoría de mujeres (64,8,6%), con una edad de. Estos *respondieron a la Escala de Actitudes hacia la víctima de estupro,* la *Escala de Machismo Sexual*, *Escala de Preocupación con el Honor*, *Cuestionario de Valores Básicos*, *Inventario de los Cinco Grandes Factores de Personalidad* y preguntas demográficas. A partir de la realización de regresiones lineales, se propuso un modelo explicativo en el que los rasgos de personalidad predijeron los valores, la preocupación con el honor y el machismo, y éstos, a su vez, predijeron las actitudes hacia las víctimas de estupro. Los resultados obtenidos apuntan a un ajuste satisfactorio de este modelo. No obstante, se sugiere la realización de investigaciones que puedan probarlo en diferentes muestras, ya que esta fue originaria del interior.

Palabras clave: estupro, machismo, honor, personalidad, valores.

Introdução

Na literatura de psicologia social, as atitudes são tipicamente definidas como avaliações sumárias (por exemplo, positivas *versus* negativas) de objetos psicológicos, como pessoas, coisas ou comportamentos (por exemplo, Ajzen, 2001, Eagly & Chaiken, 1993; Fazio, 2007). Nessa linha, as atitudes frente às vítimas de estupro podem ser definidas como atitudes e percepções favoráveis ou desfavoráveis em relação às pessoas que foram estupradas, englobando o grau de culpa, a credibilidade, o merecimento e descrença nas histórias de vítimas (Ward, 1988). Dessa forma, as pessoas que possuem atitudes negativas frente às mulheres que sofreram estupro deslocariam o foco da culpabilização dos

estupradores para as vítimas (Bendixen, Henriksen, & Nøstdahl, 2014; Suarez & Gadalla, 2010).

Um exemplo desse deslocamento da culpabilização no Brasil foi uma pesquisa divulgada, em 2014, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Este órgão realizou um estudo sobre a tolerância social à violência contra as mulheres, contando com a participação de 3.810 pessoas das cinco grandes regiões do Brasil. Os participantes informavam seu nível de concordância em uma escala que variava de "concordo totalmente" a discordo totalmente" e o ponto médio indicando neutralidade. Os achados mostraram que 65% dos brasileiros concordavam com a afirmativa "mulheres *que usam roupas curtas merecem ser atacadas*". No entanto, após grande repercussão midiática, o IPEA apresentou uma errata informando que este resultado estava incorreto, e que, na verdade "apenas", 26% dos brasileiros concordavam com a afirmação que "*mulheres que usam roupas curtas merecem ser atacadas*" e 58% dos participantes concordaram que "*se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros*" (IPEA, 2014).

Assim, as atitudes negativas frente às vítimas de estupro envolvem o grau de concordância dos participantes com declarações como "apenas mulheres ruins são estupradas", "qualquer mulher saudável pode resistir a um estuprador se ela realmente quiser", e "as mulheres pedem por isso". Assim, de acordo com Lonsway e Fitzgerald (1994) essas atitudes negativas permitem que os homens justifiquem o estupro e as mulheres minimizem a vulnerabilidade pessoal, fazendo com que as vítimas de estupro sejam frequentemente vistas como parcialmente responsáveis ou culpadas pelo crime (Hockett, Smith, Klausing, & Saucier, 2016).

Uma das principais consequências dessa culpabilização das vítimas de estupro são as baixas taxas de denúncias por parte das vítimas (Dinos, Burrowes, Hammond, & Cunliffe, 2015; Temkin, 2010). Na Noruega, de acordo com Bendixen et al. (2014) apenas, de 6% a

12% dos estupros são comunicadas à polícia. Nos Estados Unidos, um estudo nacional sobre a educação superior dos estudantes americanos sugere que apenas 4% das vítimas de estupro relataram o crime à polícia (Koss, Gidycz, & Wisniewski, 1987). No Brasil, essa realidade não é diferente, visto que estima-se que a cada ano 0,26% da população sofre violência sexual, indicando que anualmente existem 527 mil tentativas ou casos de estupros consumados no país. No entanto, desse total, apenas 10% são denunciados à polícia (Cerqueira & Coelho, 2014; IPEA, 2014).

Nesta conjuntura, conhecer as variáveis que se relacionam às atitudes frente às vítimas de estupro poderia auxiliar os esforços para melhoria de tais reações (por exemplo, através de programas antidiscriminação) (Sakallı-Uğurlu, Yalçın, & Glick, 2007). Pesquisas tradicionais têm focado, especialmente, o papel das relações de poder entre os gêneros para o entendimento dessas atitudes. Tais relações embasariam as diferenças entre homens e mulheres, conferindo a mulher um papel de inferioridade em relação ao homem (Kronbauer & Meneghel, 2005; Lonsway & Fitzgerald, 1994).

Assim, as atitudes negativas em relação às vítimas de estupro parecem propor um estereótipo sobre o que é uma "verdadeira" vítima de estupro. Esta "verdadeira" vítima é descrita como uma mulher que não estava alcoolizada ou sob efeito de drogas e foi violentamente estuprada por um estranho em um lugar público deserto, sofrendo lesões físicas aparentes, e, imediatamente, relatando o crime à polícia, fornecendo evidências claras do ataque e de sua resistência a ele (por exemplo, Maier, 2008, Williams, 1984). Ou seja, existe um estereótipo da “vítima real”, e qualquer característica que fuja desse ideal põe em dúvida a ocorrência do crime de estupro.

Esses tipos de estereótipos persistem em função de uma cultura machista e patriarcal, que utiliza conceitos como o de "mulher honesta" e/ou de “mulher honrada” usados para definir questões relacionadas a crimes sexuais (Pandjiarjian, 2002). Essa cultura machista, que

trata a mulher como objeto de desejo e de propriedade do homem, termina legitimando e nutrindo diversos tipos de violência, entre os quais o estupro (Cerqueira & Coelho, 2014). Por conseguinte, o machismo tem sido levado em consideração como uma variável que promove as atitudes negativas, visto que o estupro, assim como outros tipos de violência contra a mulher, nascem do seio das crenças das diferenças de gênero, pela qual foi e é constituída através dos argumentos e influências do machismo.

Outro construto que pode ser levado a cabo para entender as atitudes é a honra ou a preocupação com a mesma (Saucier, Strain, Hockett, & MCManus, 2015; Scarpati, 2013), pois é considerado como um construto relevante na compreensão da forma como homens e mulheres buscam firmar suas identidades masculinas e femininas (Scarpati, 2013). Segundo Araújo (2013) o conceito de honra é permeado por um parodoxo, pois a honra é tanto um atributo coletivista, pois depende do julgamento da sociedade, como pessoal, dependendo da noção individual de *self* que as pessoas têm delas mesmas.

Pode-se acrescentar que os grupos socioculturais que se diferenciam na incidência de atitudes frente ao estupro também diferem em valores básicos, o que se estenderia a aceitação ou não da violência contra a mulher (Nascimento, 2015; Nayak, Byrne, Martin, & Abraham, 2003). Neste sentido, seria pertinente considerar os valores humanos para a compreensão do modo que os indivíduos se posicionam frente às pessoas que sofreram esse tipo de violência, na medida em que se configuram como princípios-guias para os seres humanos e influenciam os comportamentos e atitudes, além de se apresentarem como elementos cruciais dentro de uma cultura (Gouveia, Milfont, Fischer, & Santos, 2008; Rokeach, 1973).

Por fim, outro construto que vem sendo amplamente explorado como um explicador das diferenças individuais é a personalidade, que é considerada um marco teórico relevante para entender construtos ligados à natureza singular do indivíduo e da estabilidade de conduta (Ávila, Rodríguez, & Herrero, 1997; Barbaranelli & Caprara, 1996). Na literatura, é possível

encontrar uma diversidade de estudos que enfatiza a relação entre a personalidade e a conduta humana, no entanto, poucas pesquisas têm sido encontradas no se refere às atitudes frente às vítimas de estupro (Jonason, Girgis, & Milne-Home, 2017).

Em virtude dos argumentos apresentados, pressupõe-se que o machismo, a preocupação com a honra, as prioridades valorativas e os traços de personalidade dos indivíduos seriam componentes que estariam relacionados ao endosso da culpabilzação da vítima de estupro. Nesta conjuntura, o presente artigo possui como objetivo geral conhecer em que medida o machismo sexual, a preocupação com a honra, os valores humanos e os traços de personalidade se relacionam às atitudes frente às vítimas de estupro. Todos os construtos serão descritos a seguir.

Machismo

O machismo é uma crença culturalmente moldada e mantida em algumas sociedades. Sendo resultante de ações, gestos, silêncios, proibições, agressões ou indiferença de um homem sobre mulheres, crianças ou qualquer outra pessoa que se encontre em uma posição socialmente entendida como inferior (Borges, Passamani, Ohlweiler, & Bulsing, 2011). Castañeda (2007) define o machismo como uma junção de crenças, atitudes e comportamentos que são ancoradas nas ideias básicas de polarização dos sexos, ou seja, a existência de uma contraposição do masculino e do feminino, apresentando a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes. Dessa forma, o machismo engloba uma série de conceitos sobre qual é o papel do homem e da mulher, bem como, como cada um deve se comportar.

Assim, designa-se machismo o comportamento construído pelo modelo patriarcal, que tem por base a crença da superioridade do sexo masculino sobre o feminino, e, sua ação se expressa através da adoção de comportamentos que subjugam as mulheres (Souza, 2016). O machismo se constrói por meio da extrema valorização da força e da virilidade e através do

desprezo às atitudes femininas, especialmente, quando elas estão fora de seu lugar convencional.

Pesquisas mostram que há uma relação consistente entre a adesão dos homens a atitudes sexistas, machista, patriarcais e /ou sexualmente hostis e o uso da violência contra as mulheres (Flood & Pease, 2009). Partindo dessa linha, algumas pesquisas foram desenvolvidas, examinando como várias ideologias de gênero se relacionam com atitudes preconceituosas em relação às vítimas de estupro (por exemplo, Acock & Ireland, 1983; Burt, 1980; Caron & Carter, 1997; Check & Malamuth, 1983; Jones & Aranson, 1973; Uğurlu et al., 2007), visto que o machismo está fortemente relacionado às atitudes sobre as mulheres e sobre a sua sexualidade, porque sustentam a hierarquia de gênero e noções tradicionais de inferioridade feminina (Uğurlu et al., 2007). Outro conceito relacionado ao machismo e às atitudes frente às vítimas de estupro são as ideologias de honras, pois em culturas machistas a honra é fortemente endossada acarretando atitudes negativas contra as vítimas de violência sexual (Moghadam, 1996; Scarpati, 2013).

Preocupação com a Honra

A honra de uma pessoa inclui, além do valor que ela percebe que tem e, as avaliações que a sociedade faz sobre ela e seus comportamentos (Pitt-Rivers, 1965). Dessa forma, na psicologia, o termo honra pode ser considerando como sendo tanto um atributo pessoal, no que se refere à reputação das pessoas, mas também como um atributo coletivo, visto que é compartilhado com seu grupo social ou familiar (Gouveia, Guerra, Araujo, Galvão, & Silva, 2013). Nessa conjectura, o conceito de honra pode ser compreendido como o valor que um indivíduo possui em sua própria percepção e na de outras pessoas, sendo a preocupação com ela uma das características essenciais daqueles que prezam por uma boa reputação frente à sociedade (Araujo, 2013). Ter honra implica ser respeitado por outros (Rodriguez, Mosquera, Manstead, & Fischer, 2002).

A honra é um construto que pode ser central na explicação de diversos comportamentos em culturas de honra (Gouveia et al., 2013; Souza, 2010). De acordo com Flood e Pease (2009), noções de honra masculina podem ser usadas para justificar a violência contra as mulheres. As culturas de honra envolvem ideologias tradicionais de gênero e domínio masculino, forte familiarismo e normas de castidade feminina e liberdade sexual masculina. Dessa forma, tanto os homens como as mulheres de tais culturas são mais tolerantes à violência dos homens contra as mulheres, veem as respostas violentas dos homens à infidelidade como mais desculpáveis e têm respostas mais positivas às vítimas a culpabilização das vítimas de violência (Vandello & Cohen, 2003).

Para Rodriguez, Mosquera, Manstead e Fischer (2002), a preocupação com a honra pode ser compreendida a partir de quatro dimensões: *familiar*, *social*, *masculina* e *feminina*. A preocupação com a *honra da família* enfatiza a importância de respeitar o "nome" da família, já que a reputação individual de cada membro está intimamente relacionada com a honra familiar. Ou seja, comportamentos de componentes da família têm um impacto na reputação de cada indivíduo e afeta a família como um todo. Já a *honra social*, conhecida também como integridade ou interdependência social, expressa a necessidade de manter a própria reputação diante da sociedade, são comportamentos característicos a humildade, a lealdade ou a conformidade com as normas e tradições sociais (Guerra, Freires, & Coutinho, 2016).

As *honras masculina* e *feminina* referem-se a códigos de honra específicos de gênero, definindo atributos e comportamentos que se acredita ser desejáveis para a manutenção da honra masculina ou da honra das mulheres, respectivamente. Assim, a primeira tem uma forte relação com a virilidade e a necessidade de parecer forte e capaz de responder as ofensas que diminuam a sua masculinidade, a sua honra ou a honra da família. Por outro lado, a segunda está pautada em questões sexuais, como a virgindade antes do casamento, as restrições nas

relações sexuais, o pudor nas relações sociais com os homens. Espera-se que as mulheres se comportem de forma apropriada para proteger a honra da família.

Saucier et al. (2014) consideram a interação entre masculinidade e honra, em especial no que concerne às atitudes frente ao estupro e às vítimas. Sua pesquisa demonstra que homens e mulheres que endossam fortemente a honra masculina têm atitudes mais negativas sobre o crime de estupro (contra a mulher), e também possuem atitudes mais negativas em relação às mulheres que foram estupradas.

Com isso, além de se destacar o papel do machismo e da honra nas atitudes frente às vítimas de estupro, torna-se necessário considerar outras variáveis que podem implicar esta relação, a exemplo dos valores humanos. Estas variáveis se configuram como preditores das atitudes e comportamentos (Gouveia, 2003; Rokeach, 1973; Schwartz, 2006) e neste estudo será contemplado por meio da *Teoria Funcionalista*.

Valores Humanos

No censo comum, os valores são vistos como uma característica positiva que define o homem de bem, conceito parecido com o caráter, sendo comum, as pessoas dizerem que uma pessoa "tem valor", quando age corretamente e "não tem valor" quando desviam da norma (Gouveia, 2016). No entanto, de acordo com Gouveia (2013) todas as pessoas possuem valores, que são praticamente os mesmos, o que vai variar é a magnitude que cada indivíduo prioriza cada valor. Ou seja, as pessoas diferem entre si, não em função de seus valores específicos, mas em função da prioridade que dão a alguns deles.

A definição de valores proposta por Gouveia, na *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos*, encara os valores como princípios-guias ou categorias de orientação que transcendem situações concretas e explicam a forma como as pessoas pensam, sentem e agem no seu cotidiano. Nessa definição é possível observar características ou pressupostos

admitidos dos valores, como: guiam os comportamentos da pessoa (tipo de orientação; Rokeach, 1973) e expressam suas necessidades (tipo de motivador; Inglehart, 1977).

Sua teoria sugere que a função de guiar o comportamento (tipo de orientação) expressa que as pessoas podem ser orientadas por metas pessoais (em favor dele mesmo), por metas sociais (enfocando o grupo mais amplo e a comunidade), e, entre tais metas, tem lugar os valores centrais, que servem ao propósito geral da vida, contemplando metas pessoais e sociais (Gouveia, 2016, 2003). A função dos valores como expressão das necessidades sendo representado pelo *tipo de motivador* (valores materialistas ou idealistas). Os materialistas focam em regras normativas e práticas, já os humanitários acentuam ideias e princípios abstratos (Gouveia, Milfont, Fischer, & Coelho, 2009). Dessa forma, as subfunções dos valores na *Teoria Funcionalista* podem ser mapeadas em um delineamento 3x2, composta por seis subfunções dos valores distribuídos nos eixos social-humanitário, social-materialista, central-humanitário, central-materialista, pessoal humanitário e pessoal-materialista.

A subfunção *interativa* (social-humanitário) compreende as necessidades de pertença, amor e filiação, promovendo o estabelecimento e a manutenção das relações interpessoais por parte do indivíduo. A subfunção *normativa* (social-materialista) representa o controle e as pré-condições indispensáveis à satisfação das necessidades, indicando a importância de preservar normas, tradições e culturas. A subfunção *suprapessoal* (central-humanitário) representa as pessoas que costumam pensar de forma mais abrangente e mais abstrata, tomando decisões e se comportando a partir de critérios universais. A subfunção *existência* (central-materialista) refere-se às necessidades fisiológicas (como comer, beber e dormir) e à necessidade de segurança. A subfunção *experimentação* (pessoal-humanitário) remete à necessidade de satisfação fisiológica por meio do princípio de prazer. Por fim, a subfunção *realização* (pessoal-materialista) representa um princípio que guia os indivíduos à busca de realizações materiais, interações sociais prósperas e funcionamento institucional adequado.

Segundo Gouveia (2003), como os valores são mais resistentes à mudança, assumindo um número menor que o das atitudes, diversos estudos têm empregando os valores para conhecer as atitudes, e como resultado, os valores têm se mostrado bons preditores das atitudes (Shim & Eastlick, 1998; Coelho, Gouveia, & Milfont, 2006; Gouveia, Medeiros, Mendes, Vione, & Athayde, 2010; Stern & Dietz, 1994). Por meio do exposto, constata-se o papel dos valores como preditores das atitudes. Neste âmbito, parece plausível considerar esta variável para a compreensão das atitudes frente às vítimas de estupro. Todavia, verifica-se uma carência de estudos que considerem a relação entre os valores e as atitudes especificamente frente às vítimas de estupro.

No entanto, é possível citar alguns trabalhos com variáveis correlatos que podem fornecer um entendimento sobre a relação entre ambos os construtos. Por exemplo, Nascimento (2013) estudou a relação entre os valores, a desumanização da mulher e as atitudes frente à violência contra a mulher. Como resultado verificou-se que os valores normativos e de realização estão relacionados às atitudes de suporte à violência conjugal e sexual.

Mais restrita à temática de estupro, Scarpati (2013) estudou os correlatos valorativos dos mitos de estupro, os resultados indicaram uma associação positiva desses mitos com os valores normativos e de realização. Mais especificamente, o mito de *Responsabilidade da Mulher* apresentou correlações significativas com os valores da subfunção normativa; as dimensões *Minimização da Gravidade* e *Desculpa Feminina,* se correlacionou negativamente com os valores da subfunção existência. E a quarta dimensão, denominada *Instinto Masculino,* teve uma relação positiva com a subfunção realização.

Apesar de a carência de estudos sobre os valores e as atitudes frente às vítimas de estupro, por meio das pesquisas que tratam de construtos correlatos é possível presumir uma relação eminente entre estas variáveis. No entanto, além do machismo e da preocupação com

a honra, evidenciados nos tópicos anteriores, a personalidade, mais especificamente o modelo dos cinco grandes fatores pode auxiliar no entendimento das atitudes em questão.

Traços de Personalidade

De acordo com Schultz e Schultz (2015) a personalidade é campo de estudo na área da psicologia, que possuem definições e perspectivas teóricas no campo psicanalítico, comportamental, humanista, cognitivista, psicométrica, de aprendizagem social, dentre outras. No entanto, um modelo que vem ganhando cada vez mais impacto na literatura sobre a estrutura dos traços é o modelo dos *Cinco Grandes Fatores de Personalidade (Big Five)* (Hutz et al., 1998; Jesus, 2001; Queiroga, 2002; Pes, 2008; Vasconcelos & Tróccoli, 2005), em que Costa, McCrae e Goldberg são provavelmente os seus maiores proponentes.

O modelo dos cinco grandes fatores (*Big Five*) prevê tendências básicas com fundamentos biológicos, não sendo influenciadas diretamente pelo ambiente. Assim, pode-se pensar a estrutura da personalidade a partir das dimensões: abertura a experiências; conscienciosidade; extroversão; amabilidade e neuroticismo; descritos na sequência (Goldberg, 1981; Furnham, Hughes, & Marshall, 2013; McCrae & John, 1992).

A *abertura à experiência* volta-se para a curiosidade intelectual, imaginação e criatividade a partir da valorização de ideias novas e não convencionais (Benet-Martinez & John, 1998; Nettle, 2006). A c*onscienciosidade* caracteriza-se por aspectos relacionados ao sentido de organização, persistência, controle e motivação (Benet-Martinez & John, 1998; Ferguson et al., 2014). A dimensão *extroversão* tem por base a quantidade e intensidade das interações e nível de atividade das pessoas, estando voltado para a forma como os indivíduos interagem com seus pares (Nunes & Hutz, 2006). O traço *agradabilidade* é melhor descrita e pontuada por aquelas pessoas que tem uma maior tendência a serem generosas, bondosas, afáveis, prestativas e altruístas (Benet-Martinez & John, 1998). Por fim, o quinto traço denominado de *neuroticismo* mensura o nível de instabilidade emocional, descrevendo

indivíduos passíveis de sofrimento psíquico, como raiva, ansiedade, depressão e impulsividade (Nettle, 2006). Assim como os valores, os traços de personalidade vêm sendo amplamente utilizados para predizer atitudes, como por exemplo, as atitudes frente ao doente mental (Dantas, 2014); atitudes face ao envelhecimento (Pinto, 2015).

No entanto, no que se refere ao estupro, segundo Lalonde (2016) não houve muitos estudos que examinaram a personalidade como um preditor para as atitudes frente ao estupro. Partindo dessa lacuna, Lalonde (2016) realizou uma pesquisa com intuito de avaliar a relação entre os traços de personalidade e os mitos de estupro. Para mensurar a personalidade foi utilizada a medida desenvolvida por Cattel (1975), denominada 16 PF. Como resultado, foram evidenciadas várias correlações entre aceitação do mito de estupro e vários fatores de personalidade, a saber, extroversão, independência, abertura a mudança, se correlacionaram negativamente com os mitos de estupro, e o autocontrole se correlacionou positivamente com os mitos.

Dessa forma, personalidade é uma variável importante a ser examinada devido à sua estabilidade ao longo do tempo e sua influência nos valores e nas atitudes, o que acaba influenciando as tendências comportamentais (Forbes & Curtis, 2001). Neste viés, o presente trabalho tem como objetivo compreender de que maneira as atitudes frente às vítimas de estupro são influenciadas pelo nível de machismo, de preocupação com a honra, pelos valores e pelos traços de personalidade.

Método

Participantes

Participaram 212 pessoas de uma cidade do interior da Paraíba (Patos-PB), com idades entre 14 a 79 anos (*M* = 24,9, *DP* = 9,58), a maioria do sexo feminino (64,6%), solteiro (64,2%), católicos (68,8%) e estudantes universitários (69,7%). Tratou-se de amostra de

conveniência (não probabilística), em que participaram apenas as pessoas que se voluntariaram a fazê-lo.

Instrumentos

Os participantes responderam a um livreto composto pelos seguintes instrumentos:

Escala de Atitudes frente à vítima de estupro (EAVE). Originalmente desenvolvida por Ward (1988), composta de 25 itens destinados a avaliar as atitudes favoráveis e desfavoráveis em relação às vítimas de estupro. Os itens incluem: "*Uma mulher que sai sozinha à noite se coloca em posição de ser estuprada*" e "*As mulheres que não são virgens não devem queixar-se de estupro*" ($\alpha = 0,83$). As respostas indicam os níveis de concordância do participante com cada afirmação em uma escala de 5 pontos variando de 1 (*discordo fortemente*) a 5 (*concordo fortemente*). Os itens 3, 5, 7, 10, 12, 15, 19 e 22 têm a sua pontuação invertida. Essa escala foi validada para o contexto brasileiro no artigo 2 da presente tese, tendo sido encontrada uma estrutura de três fatores, a saber: credibilidade da vítima (*eg. Muitas mulheres que relatam estupro estão mentindo porque querem vingança*), merecimento da vítima (eg. *Na maioria dos casos, quando uma mulher foi estuprada, ela merecia)* e culpa da vítima (eg. *Uma mulher não deveria se culpar por estupro*).

Escala de Machismo Sexual. Proposta por Rodríguez et al (2010), composta por 12 itens, que se propõe a medir um único fator, denominado "machismo", pelo qual atingiu 98,1% de consistência na análise fatorial por meio do alfa de Cronbach. Para responder ao questionário, o colaborador deveria ler todas as instruções e os itens atenciosamente, respondendo o quanto estaria de acordo com cada item, utilizando-se uma escala tipo Likert, pela qual varia de 1= *Discordo totalmente*, a 5= *Concordo totalmente*. Esse instrumento foi previamente validado para o Brasil no artigo 3 da presente tese.

Escala de Preocupação com a Honra (EPH): originalmente elaborada em língua espanhola, a Escala de Preocupação com a Honra (EPH) é composta por 25 itens

divididos em quatro subescalas, a saber: honra da família (Ex.: Se *sua família tivesse má reputação.*), integridade (Ex.: Se *você traísse outras pessoas.*), honra masculina (Ex.: Se *você não se defendesse quando os outros o insultassem.*) e honra feminina (Ex.: Se *você tivesse relações sexuais antes do casamento*). Os participantes devem responder o quanto cada um dos referidos itens faz com que eles se sintam mal, por uma escala de resposta tipo *Likert*, variando de 1 (Nem um pouco mal) a 9 (Muito mal) (Rodriguez et al., 2002). Neste estudo, foi utilizada a versão reduzida (HS-16), constituída por 16 itens e validada no contexto brasileiro por Guerra, Gouveia, Araújo, Andrade e Gaudêncio (No prelo). Na amostra, os índices de consistência interna (alfa de Cronbach) variaram de 0,61 (honra masculina) a 0,85 (honra feminina).

Questionário de Valores Básicos. Este instrumento foi elaborado por Gouveia (2003) e é composto por 18 itens (valores básicos). Os valores contêm dois descritores cada, por exemplo, *afetividade* (*Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar meus êxitos e fracasso*). Os participantes são solicitados a avaliar cada item em uma escala *Likert* que varia de 1 (*Sem importância alguma*) a 7 (*De suprema importância*), considerando a importância de cada valor como princípio-guia para suas vidas. Os itens são distribuídos igualmente em seis subfunções: *experimentação* (emoção, prazer e sexualidade) e *realização* (êxito, poder e prestígio), *existência* (estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência) e *suprapessoal* (beleza, conhecimento e maturidade), *interativa* (afetividade, apoio social e convivência) e *normativa* (obediência, religiosidade e tradição). Estudos sobre sua adequação têm sido reunidos por Medeiros (2011), que demonstram ser uma medida com evidências de validade (fatorial, convergente e discriminante) e confiabilidade (consistência interna, confiabilidade composta e homogeneidade).

Inventário dos Cinco Grandes Fatores (*ICGF*). Esta medida foi elaborada por John, Donahue e Kentle (1991) composta por 44 itens. Resultados sobre sua adaptação brasileira

podem ser observados em Andrade (2008), cujos fatores apresentaram evidências de consistência interna, com alfas que variam de 0,68 (*Abertura* e *Conscienciosidade*) a 0,76 (*Extroversão*). Não obstante, optou-se por uma versão reduzida do ICGF, composta por 20 itens, tendo sido escolhidos os quatro com maiores cargas fatoriais no estudo de Schmitt et al. (2007). Os itens são estruturados em sentenças (e.g., *Gosta de cooperar com os outros*; *É amável, tem consideração pelos outros*), sendo o indivíduo solicitado a indicar como se percebe (*Eu me vejo como alguém que...*), utilizando escala tipo Likert de cinco pontos, com os seguintes extremos: *1 = Discordo totalmente* e *5 = Concordo totalmente*.

Caracterização demográfica. Reunindo perguntas dispostas ao final, com intuito de melhor caracterização da amostra, como, sexo, idade, nível educacional, religião.

Procedimento

A aplicação dos questionários foi em ambiente coletivo de sala de aula, ou em locais públicos da cidade. Em ambas as situações foram demandadas a resposta individual dos participantes e o pesquisador responsável permaneceu presentes para dirimir dúvidas sobre a forma de como responder os instrumentos. Garantiu-se o caráter voluntário de sua contribuição, indicando que poderiam deixar o estudo a qualquer momento sem penalização; todos assinaram um *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. O tempo médio de participação foi de 30 minutos.

Análise de Dados

Os dados foram analisados por meio do programa SPSS (versão 21). Além de estatísticas descritivas (média, desvio padrão, frequência), para caracterização dos participantes da pesquisa, realizou-se uma MANOVA, para verificar se existia diferença significativa entre homens e mulheres na pontuação de atitudes frente às vítimas de estupro. Foram realizadas análises de correlação e regressão múltipla linear com a finalidade de verificar em que medida a preocupação com a honra, o machismo, os valores e os traços de

personalidade explicam as atitudes frente às vítimas de estupro. Finalmente, para a construção do modelo explicativo, procurou-se realizar análises com o programa estatístico AMOS (*Analysis of Moment Structures*; na versão 20), considerando-se a matriz de covariâncias e adotando o método de estimação ML(Maximum Likelihood). Foram adotados como indicadores dos propostos por Byrne, (2010), a saber: χ^2 *(Qui-quadrado)*, que tem por objetivo proporcionar um teste de significância do grau em que o modelo se ajusta aos dados, valores altos nesse indicador indicam um ajuste ruim, por não funcionarem tão bem com amostras maiores de 200 participantes, sendo assim uma prática recorrente utilizar sua razão em relação aos graus de liberdade do modelo (χ^2 / gl); nesse caso, os valores recomendados são entre 2 e 3, sendo aceito até 5. Os *Goodness-of-Fit Index* (*GFI*) e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (*AGFI*) são dois indicadores de ajuste que funcionam como o R^2 na análise de regressão, indicando o quanto de variância é explicado. Admitem-se como adequados valores próximos a 0,90 ou superiores. O *AGFI* leva em conta os graus de liberdade do modelo com respeito ao número de variáveis consideradas. Já o *Comparative Fit Index* (*CFI*) é um índice comparativo, adicional, de ajuste do modelo, com valores mais próximos de 1 indicando melhor ajuste. Costumam-se aceitar valores próximos a 0,90 ou superiores como expressando um ajuste adequado. Por fim, o *Root-Mean-Square Error of Approximation* (*RMSEA*), com seu intervalo de confiança de 90% (*IC90%*), procura avaliar o quanto o modelo se ajusta aos dados, levando em conta os residuais; um valor próximo a zero significa que o modelo é ajustado, pois os residuais se aproximam deste valor. Deste modo, valores altos indicam um modelo não ajustado; sugere-se que o *RMSEA* deva se situar entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores de até 0,10.

Resultados

Com a finalidade de facilitar a compreensão do leitor, os resultados são apresentados em três partes principais. Neste sentido, primeiramente são descritos aqueles

referentes às comparações entre homens e mulheres no que se refere às atitudes frente às vítimas de estupro; em seguida, apresentam-se os correlatos das atitudes frente às vítimas de estupro; e, finalmente, é proposto um modelo explicativo.

Diferenças entre sexo e os fatores das atitudes frente às vítimas de estupro

Com intuito de testar se existem diferenças entre homens e mulheres quanto a magnitudes que possuem de atitudes frente às vítimas de estupro, realizou-se uma M*ANOVA* considerando como variável antecedente o sexo e como critério (dependente) as dimensões das atitudes frente às vítimas de estupro. Os resultados desta análise permitiram observar que existe uma diferença significativa. As estatísticas descritivas para cada grupo nas dimensões e os respectivos testes estatísticos são apresentadas na Tabela 1

Tabela 1.

Diferenças de média entre sexo e as atitudes frente às vítimas de estupro

	Grupos				
	Homens		**Mulheres**		
Atitudes frente às vítimas de estupro	*M*	*DP*	*M*	*DP*	*F*
Credibilidade da vítima	2,4	0,74	2,0	0,64	15,11*
Merecimento da vítima	1,3	0,39	1,3	0,44	0,18
Culpa da Vítima	2,9	0,70	2,5	0,85	12,85*

Nota: * diferença considerada estatisticamente significativa ($p < 0,001$).

Como pode ser observado nesta tabela, os homens (*M*= 2,4, *DP*= 0,74) apresentaram maior média do que as mulheres (*M* = 2,0, *DP* = 0,64) no fator *credibilidade da vítima* [F (1, 198) = 15,11, *p* < 0,001]. O mesmo ocorreu no fator culpa da vítima, os homens pontuaram mais (*M*=2,9, *DP*= 0,70) apresentaram média maior que as mulheres (*M* = 2,5, *DP* = 0,85) [F (1, 198) = 10,73, *p* < 0,001]. Por fim, no que se refere ao fator *merecimento da vítima*, não houve diferença significativa (*p* > 0,05).

Correlatos das atitudes frente às vítimas de estupro

Na tentativa de compreender em torno do que se organizam e se estabilizam as três dimensões das atitudes frente às vítimas de estupro (*Credibilidade da vítima, Merecimento da vítima, Culpa da Vítima*), o presente estudo procurou verificar a existência de correlações entre as dimensões das atitudes frente às vítimas de estupro com aquelas de preocupação com a honra, com o machismo, os valores humanos básicos e os traços de personalidade

Tabela 2.

Correlação entre as dimensões de Atitudes Frente às Vítimas de estupro com Honra e Machismo

	Credibilidade da vítima	**Merecimento da vítima**	**Culpa da Vítima**
Honra da Família	-0,03	**-0,18*** **	-0,06
Honra Social	**- 0,15*** **	**-0,12***	**-0,12***
Honra Masculina	**0,18** **	**0,20** **	**0,15***
Honra Feminina	- 0,05	0,08	-0,01
Machismo	**0,37*** **	**0,28*** **	**0,25*** **

Nota. * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$ ***$p < 0,001$

Como se pode observar, a primeira dimensão das atitudes, *Credibilidade da Vítima***,** apresentou correlação positiva com honra masculina (r= 0,18, $p < 0,01$) e *machismo* (r= 0,37, p < 0,001) e negativamente unicamente com *honra social* (r= -0,15, $p < 0,01$). Ou seja, quanto mais machistas e quanto mais associam a honra masculina com a sua virilidade mais tendem a duvidar da credibilidade atribuída a vítima de estupro. Por outro lado, quanto mais o indivíduo valoriza sua reputação em qualquer relação interpessoal, enfatizando sua integridade pessoal menos eles vão duvidar da credibilidade da vítima.

A dimensão *Merecimento da Vítima* também se correlacionou positivamente com *honra masculina* (r= 0,20, $p < 0,01$) e *machismo* (r= 0,28, $p < 0,001$), e negativamente com *honra social* (r= -0,12, $p < 0,05$) e com *honra da família* (r= -0,18, $p < 0,001$), indicando que quanto mais as pessoas são machista e preocupadas com a honra masculina mais vão acreditar que a vítima merecia ser estuprada e quanto mais preocupado com a honra social e que indivíduos que se preocupam com a reputação ou com o "nome" da família menos vão acreditar que a vítima merecia.

Por fim, a dimensão C*ulpa da Vítima* conforme aconteceu com os outros fatores correlacionou-se positivamente com a com *honra masculina* (r= 0,15, $p < 0,01$) e com o *machismo* (r= 0,25 $p < 0,001$) e negativamente unicamente com *honra social* (r= -0,12, $p <$ 0,05). Ou seja, pessoas que atribuem uma alta importância à reputação masculina e são machistas, tendem a concordar com que esse tipo de violência ocorre por culpa da vítima, seja por suas vestimentas (saias curtas ou blusas apertadas) ou por sua aparência ou comportamento.

A Tabela 3, apresentada a seguir, expõe o resultado da correlação entre as três dimensões das Atitudes frente às vítimas de estupro e as seis subfuções valorativas.

Tabela 3.

Correlação entre as dimensões das Atitudes frente às vítimas de estupro e os Valores

Valores	**Credibilidade da vítima**	**Merecimento da vítima**	**Culpa da Vítima**
Experimentação	**0,12***	-0,04	-0,06
Realização	0,09	-0,03	0,06
Existência	**-0,13***	**-0,22****	**-0,21****
Suprapessoal	**-0,13***	**-0,14***	0,08
Interativa	**-0,23*****	**-0,23*****	**-0,18****
Normativa	-0,06	**-0,14***	0,06

Nota. * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$ ***$p < 0,001$

Como pode ser observada na Tabela 3 a dimensão *Credibilidade da Vítima* apresentou correlações significativas com quatro subfunções: positivamente com *experimentação* (r= 0,12 $p < 0,05$), e negativamente com *existência* (r= -0,13, $p < 0,05$), *suprapessoal* (r= -0,13, $p < 0,05$) e *interativa* (r= -0,23, $p < 0,001$), evidenciando que as pessoas que se pautam em valores como prazer, sexualidade e emoção, tendem a duvidar da credibilidade atribuída as vítimas, acreditando que as mesmas inventam histórias. Não obstante, as pessoas que priorizam os tipos orientação central e os valores de convivência, afetividade e apoio social, colocam menos em dúvida a credibilidade da vítima.

Com relação ao *Merecimento da Vítima*, foi observada uma correlação negativa com as seguintes subfunções: *suprapessoal* (r= -0,14, $p < 0,05$), *existência* (r= -0,22, $p < 0,01$), *interativa* (r= -0,23, $p < 0,001$) e *normativa* (r= -0,14, $p < 0,01$). Tais dados indicam que indivíduos que valorizam o conhecimento, a maturidade, beleza, a saúde, sobrevivência, estabilidade pessoal e gostam de ter uma boa convivência e manter uma afetividade com as pessoas, menos vão acreditar que a vítima merecia, passar pelo estupro.

No que se refere à terceira, e última dimensão, denominada *Culpa da Vítima,* observou-se correlação negativa com as subfunções: *existência* (r= -0,21, p < 0,01) e *interativa* (r= -0,18, p < 0,01). Desse modo, pessoas que priorizam os valores de saúde, sobrevivência, estabilidade pessoal, afetividade, convivência e apoio social, tendem a não culpabilizar as vítimas de estupro pela violência.

Por fim, realizou-se correlações entre os cinco traços de personalidade e as três dimensões das atitudes frente as vítimas de estupro, conforme pode ser visto na Tabela 4.

Tabela 4.

Correlação entre as dimensões das *Atitudes frente às vítimas de* estupro e os traços de personalidade

Personalidade	**Credibilidade da vítima**	**Merecimento da vítima**	**Culpa da Vítima**
Abertura	-0,01	0,04	0,03
Conscienciosidade	0,03	0,10	**0,14***
Extroversão	-0,05	**0,16***	**0,23*****
Amabilidade	-0,01	-0,01	-0,01

Neuroticismo	-0,06	**0,13***	0,06

Nota. *p < 0,05 **p < 0,01 ***p < 0,001

A Tabela 4 mostra que a primeira dimensão *Credibilidade da Vítima* não teve relação com nenhum dos cinco traços de personalidade. Já a dimensão, *Merecimento da Vítima,* foi evidenciada um correlação positiva e significativa com o traço de *extroversão* (r= 0,16 p < 0,05) e *neuroticismo* (r= 0,13 p < 0,05). Por fim, a dimensão, *Culpa da vítima,* se associou positivamente com *extroversão* (r= 0,23 p < 0,05) e *conscienciosidade* (r= 0,14 p < 0,05).

Procurando estimar em que medida a preocupação com a honra, o machismo, os valores humanos, os traços de personalidade explicam atitudes frente às vítimas de estupro, procederam-se a três análises de regressão linear múltipla (método stepwise). Neste caso, a preocupação com a honra, o machismo, os valores humanos, os traços de personalidade foram consideradas como variáveis antecedentes e as dimensões das atitudes frente às vítimas de estupro, uma a uma, figuraram como consequentes.

O fator *credibilidade da vítima* foi predito pelo machismo e inversamente com uma subfunção valorativa [R = 0,40, R^2 = 0,16; F (2, 212) = 19,87, p < 0,001]: *machismo* (β = 0,33, t = 5,16, p < 0,001), *interativa* (β = -0,16, t = -2,49, p < 0,05). Em relação ao fator *merecimento da vítima*, este foi predito pelo machismo, negativamente por uma subfunção valorativa, dois traços de personalidade, dois fatores de honra, sendo um positivamente e outro negativamente [R = 0,51, R^2 = 0,23; F (6,212) =11,73, p < 0,01]: *machismo* (β = 0,22, t = 3,72, p < 0,001), *existência* (β =- 0,23, t = -3,64, p < 0,001) no caso dos valores, *extroversão* (β = 0,12, t = 1,89, p < 0,001), *neuroticismo* (β = 0,13, t = 2,15, p < 0,05), no caso dos traços de personalidade, e no que se refere à honra, foi negativamente com *honra da família* (β = -0,31, t = -4,34, p < 0,001) e positivamente com *honra masculina* (β = 0,30, t = 4,04, p < 0,001).

Finalmente, no que se refere ao fator culpa da vítima, este foi predito pelo machismo, por um traço de personalidade, uma subfunção valorativa, e dois fatores de honra: [R = 0,45, R^2 = 0,20; F (5, 212) = 5,52, p < 0,001]. Positivamente pelo *machismo* (β = 0,15, t = 2,34, p < 0,05), pelo traço de personalidade, *extroversão* (β = 0,23, t = 3,65, p < 0,001), pelo valor, *existência* (β = 0,24, t = -3,72, p < 0,00) e pelo fator de *honra masculina* (β = 0,23, t = 3,12, p < 0,001) e negativamente, unicamente pelo fator *honra social* (β = -0,17, t = -2,31, p < 0,01).

Modelo Explicativo das atitudes frente às vítimas de estupro

A fim de realizar o objetivo central deste artigo, qual seja testar o modelo que explique as atitudes frente às vítimas de estupro, consideraram-se, como variáveis antecedentes, os construtos que obtiveram correlação com as dimensões das atitudes frente às vítimas de estupro, nos resultados anteriormente descritos. Nesse caso, consideraram-se como variáveis antecedentes o machismo, a preocupação com a honra (honra masculina), as subfunções valorativas (interativa e existência) e os traços de personalidade (extroversão e neuroticismo).

Utilizaram-se os indicadores de ajuste (*GFI, AGFI, CFI* e *RMSEA*) para verificar a adequabilidade do modelo proposto. Teve-se em conta como entrada, a matriz de variância-covariância, adotando o estimador ML (*Maximum Likelihood*). Este tipo de análise estatística é mais criterioso e rigoroso, permitindo testar diretamente uma estrutura teórica (Byrner, 2001; Tabachnick & Fidell, 2007).

O modelo apresentou os seguintes índices: χ^2/gl = 2,75, *GFI* = 0,94, *AGFI* = 0,89, *CFI* = 0,84 e *RMSEA* = 0,09 (IC90% = 0,065 – 0,011); *PCLOSE* = 0,06. A maioria dos lambdas (efeitos ou pesos de regressão padronizados) foram estatisticamente diferentes de zero (λ ≠ 0; z > 1,96, p < 0,05), excetuando o coeficiente correspondente ao personalidade em relação ao machismo. A *Figura 1* apresenta um resumo deste modelo.

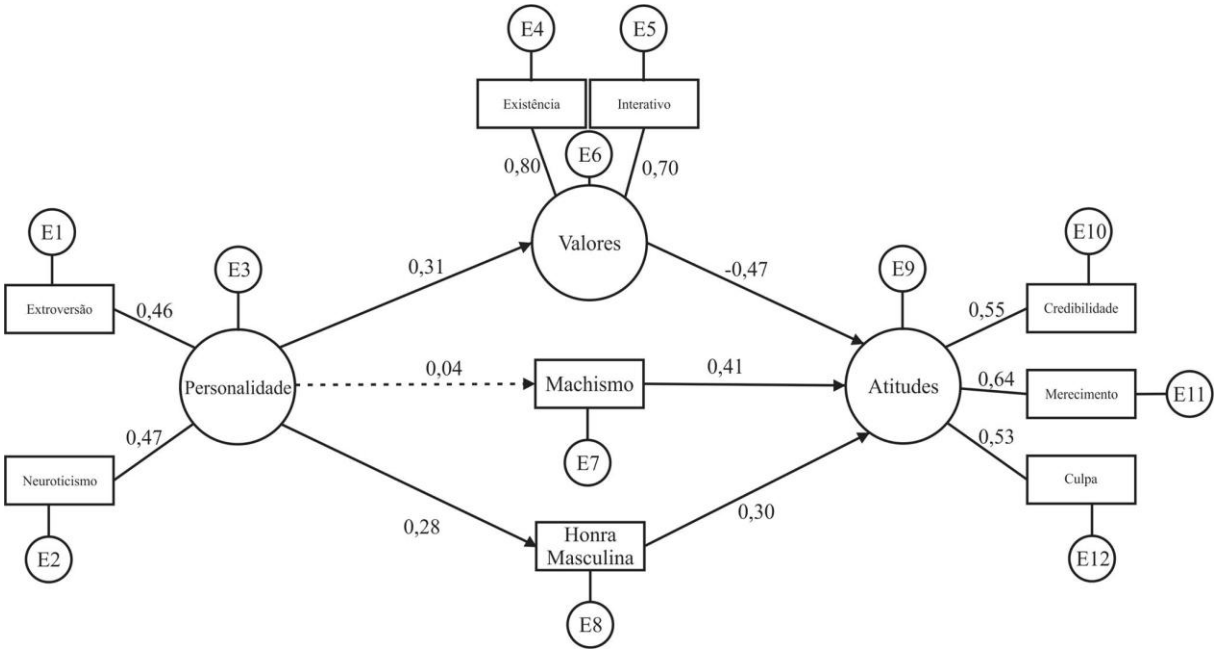

Figura 1. Modelo explicativo das Atitudes frente às vítimas de estupro, por meio das variáveis: machismo, honra, valores e personalidade

Os pesos (saturações) que explicam o modelo geral são apresentados na *Figura 1*. Como fica evidente, a variável latente *valores* que foi composta por dois fatores com lambdas de 0,80 e 0,70, subfunções existência e interativa, respectivamente. Já a variável latente *personalidade,* composto por dois fatores, variando de 0,46 (neuroticismo) a 0,47 (extroversão). *Personalidade,* grande fator latente, como previsto pelo modelo, atua como influenciador dos *valores* (λ = 0,31), do *machismo* (λ = 0,04) e da *honra masculina* (λ = 0,28). O fator latente, valores (λ = -0,47), o machismo (λ = 0,41) e a *honra masculina* (λ = 0,30) por sua vez, podem predizer a variável latente atitudes frente às vítimas de estupro, composta de três fatores *credibilidade da vítima* (λ = 0,55), *merecimento da vítima* (λ = 0,64) e culpa da vítima (λ = 0,53).

No modelo anteriormente apresentado, foi possível verificar a partir dos IMs (Índices de Modificação), que a variável *personalidade* tem implicação (influencia) nas *atitudes* (IM =4,25; mudança estimada do parâmetro para o peso de regressão = 0,22). Procedendo a esta especificação, de fato, observaram-se índices de ajuste mais favoráveis [χ^2/gl = 2,50, *GFI* =

0,95, *AGFI* = 0,90, *CFI* = 0,88 e *RMSEA* = 0,08 (IC90% = 0,057 – 0,112)]. Apresentando um *Lambda* (λ = 0,43) estatisticamente significativo.

Em suma, o presente artigo cumpriu todos os seus objetivos, comparou as atitudes frente às vítimas de estupro em relação ao sexo, forneceu evidências acerca do relacionamento e predição das variáveis utilizadas, que resultou na elaboração de um modelo explicativo levando em consideração tais variáveis.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal conhecer em que medida o machismo, a preocupação com a honra, os valores e os traços de personalidade explicam as atitudes frente às vítimas de estupro. O conjunto de resultados anteriormente descritos pareceu confirmar tais associações, servindo de base para elaborar um modelo explicativo a respeito. Este foi testado por meio de MEE (Modelagem por Equações Estruturais), que evidenciou indicadores de ajuste que bem próximos dos aceitáveis (Byrne, 2001; Garson, 2003). Portanto, confia-se que o objetivo proposto tenha sido alcançado.

No entanto, apesar do anteriormente comentado, é possível mencionar acerca de algumas limitações potenciais. Dentre as limitações que podem ser relatadas, a primeira concerne às amostras estudadas, já que se consideraram unicamente participantes de uma cidade no Interior da Paraíba. Portanto, a generalização dos achados pode não ser plenamente alcançada, demandando-se novos estudos, sobretudo para testar o modelo explicativo que foi proposto. Acrescente-se a este aspecto o fato de os coeficientes de correlação ressaltados não terem sido altos, situando-se abaixo de 0,40. Contudo, avaliar-se que encontrar correlações acima de |0,30| é antes uma exceção que uma regra em Psicologia (Hemphill, 2003), outra questão é o número de participantes que foi superior a 200, o que se configura como satisfatoriamente grande para garantir análises estatísticas robustas (Gouveia, Santos & Milfont, 2009).

No que se refere aos resultados, inicialmente observou-se que as atitudes frente às vítimas de estupro, quando avaliados em função do sexo dos respondentes, as atitudes negativas eram mais prevalentes no sexo masculino. Essa associação era teoricamente esperada, em razão de resultados semelhantes em outros estudos (Anderson, Cooper, & Okamura, 1997; Bell, Kuriloff, & Lottes, 1994; Grubb & Harrower, 2008; Pollard, 1992). Sakallı-Uğurlu, Yalçın e Glick, (2007) relatam que os pesquisadores começaram a examinar as atitudes frente às vítimas de estupro e apontaram que os homens, quando comparados com as mulheres, apresentam atitudes mais negativas em relação às vítimas de estupro, especialmente em termos de atribuição de responsabilidade a essas vítimas (Akvardar & Yüksel, 1993; Gölge, Yavuz, Müderrisoğlu, & Yavuz, 2003).

A análise da medida de atitudes frente às vítimas de estupro indicaram índices baixos de atitudes frente às vítimas de estupro, ficando mais próximo do ponto médio da escala, que vai de *1* (*Discordo Totalmente*) a *5* (*Concordo Totalmente*). A média das pontuações foram maiores no fator *culpa da vítima*, seguido pelo fator *credibilidade* e por fim no fator *merecimento da vítima*. Possivelmente, atitudes mais negativas poderiam ter sido encontradas se fossem consideradas pessoas da população geral, com educação formal mais baixa. Como no estudo desenvolvido por McGee, OHiggins, Garavan e Conroy (2011) que desenvolveram um levantamento populacional nacional com 3120 irlandeses, desses, 29,2% dos participantes concordaram que as mulheres que usavam roupas apertadas, ou saias curtas estavam convidando para o estupro e 40,2% dos entrevistados acharam que as acusações de estupro eram muitas vezes falsas.

No que se refere aos correlatos das atitudes frente às vítimas de estupro, foi possível verificar uma correlação positiva do machismo, com todos os fatores das atitudes. O que sugere que quanto mais machistas as pessoas são, maiores serão as atitudes negativas frente às vítimas de estupro, ou seja, menos credibilidade darão as vítimas, mais acreditará que as

vítimas mereciam ser estupradas e mais culpabilizará a vítima pelo crime. Isto é condizente com o conceito de machismo, que pode ser entendido como comportamentos construídos pelo modelo patriarcal, que tem por base a crença da superioridade do gênero masculino sobre o feminino, e, sua ação se expressa através da adoção de comportamentos que subjugam as mulheres (Souza, 2016).

Sanday (1982) desenvolveu uma pesquisa tentando identificar características associadas com o estupro e elencou como variáveis mais fortemente representadas nas sociedades sujeitas a esse crime, que a ideologia do machismo foi culturalmente associada ao estupro, à violência interpessoal e ao domínio masculino. Assim, segundo Mosher (1991) até mesmo a agressão sexual pode ser ideologicamente justificada como o direito do homem e o lugar das mulheres.

No que se refere à honra, foi evidenciado uma relação positiva entre a preocupação com a honra masculina com todos os fatores das atitudes frente às vítimas de estupro. A preocupação com a honra masculina enfatiza que o homem deve defender-se em situações que ameacem a sua reputação, sendo necessário que os mesmos se mostrem como fortes e viris em seu meio social. Essa preocupação não é exclusiva dos homens, as mulheres também são uma parte essencial deste padrão normativo, pois ensinam seus filhos e os reforça quando os familiares e parceiros apresentam comportamentos condizentes com esse tipo de honra (Guerra et al, 2016).

Assim, quanto mais as pessoas priorizam a honra masculina, ou seja, enfatizam a manutenção de um *status* de virilidade masculina, tendem a concordar com a responsabilização das vítimas, enfatizando seu merecimento, sua culpa e duvidando da sua credibilidade. O que foi condizente com o estudo de Saucier et al. (2014) que demonstrou que homens e mulheres que endossam fortemente a honra masculina têm atitudes mais negativas

sobre o crime de estupro, e também possuem atitudes mais negativas em relação às mulheres que foram estupradas.

As subfunções valorativas que apresentaram uma relação com todas as dimensões das atitudes frente às vítimas de estupro foram *interativa* e *existência*. Ou seja, constatou-se que estes valores possui a função inibir atitudes negativas frente às vítimas desse tipo de violência Para tentar compreender este dado, é importante se valer das definições de Gouveia (2013) e Gouveia et al., (2008) sobre uma pessoa que prioriza valores interativos e/ ou existência. Estes autores ressaltam que indivíduos pautados na subfunção interativa possuem foco nas relações interpessoais, compreendem as necessidades de pertença, amor e filiação, promovendo o estabelecimento e a manutenção das relações interpessoais por parte do indivíduo, são guiadas por um motivador idealista e assim, possuem uma mente mais aberta.

Desse modo, as pessoas que se pautam nos valores de afetividade, apoio social e convivência não acreditam que a vítima de estupro seja culpada, tendendo a acreditar na história da vítima e acharem que as mesmas não mereceram (Gouveia, 2013). Segundo a meta-análise desenvolvida por Anderson et al. (1997) pessoas mais conservadoras tendem a atribuir em maior medida à vítima a responsabilidade pela agressão sofrida, possuindo também uma visão preconceituosa da própria mulher. Neste sentido, parece coerente que pessoas mais preocupadas com os demais e que possuem um espírito inovador tendam a apresentar atitudes mais positivas frente às vítimas (Gouveia, 2016).

Na mesma direção as pessoas que pontuam mais em existência, apresentando uma relação negative com as atitudes frente às vítimas de estupro, quanto mais um indivíduo se preocupa com a garantia de sua própria existência física, menos ele acredita que a mulher vítima de estupro esteja fantasiando ou inventando a violência sexual (Gouveia, 2013). No estudo desenvolvido por Nascimento (2015) foi observado que esta subfunção se sobressaiu

como uma variável que promovia menores níveis de atitudes negativas frente à violência conjugal contra a mulher, e também demonstrou que quando a própria mulher era percebida como priorizando existência tendia a ser menos responsabilizada pela violência sofrida.

Por fim, os traços de personalidade que fizeram parte do modelo explicativo foram à extroversão e neuroticismo. A extroversão se correlacionou positivamente com os fatores merecimento da vítima e culpa da vítima. Demonstrando que quanto mais sociáveis, falantes, otimistas, expansivos, comunicativos, comportando-se, costumeiramente, com liberdade e desenvoltura (Monteiro, 2015), tendem a ter uma atitude mais negativa frente às vítimas de estupro, principalmente no que se refere ao grau em que culpabilizam as vítimas e que acreditam no merecimento da mesma. Resultado semelhante obteve Lalonde (2016) no que se refere ao traço extroversão e os mitos de estupro, entretanto, ele não identificou uma base teórica sólida capaz de identificar essa relação, visto que, não há um forte vínculo teórico para ser socialmente introvertido e aderir aos mitos de estupro.

Nessa linha, o neuroticismo se associou positivamente com o fator merecimento da vítima, de forma que quanto mais a pessoa pontua em neuroticismo mais acredita que a vítima merecia ter sido estuprada, essa relação é teoricamente esperada (Forbes & Curtis, 2001), visto que o neuroticismo se refere à instabilidade emocional e caracteriza indivíduos passíveis de sofrimento psíquico, como raiva, ansiedade e depressão (Nettle, 2006). Esse contruto vem se mostrando negativamente correlacionado ao perdão, à remissão de mágoas e sentimentos negativos (Steiner, Allemand, & McCullough, 2012), que seriam contrários a uma pessoa que teria atitudes positivas frente às vítimas de estupro.

Dessa forma, tendo em conta os achados a cerca da personalidade, propõe -se que sejam realizados estudos futures que levem em conta a *dark triad of personality*, cujo modelo está voltado para a sistematização do maquiavelismo e as formas subclínicas de narcisismo e

psicopatia na população geral. Esse modelo vem se mostrando um melhor preditor das atitudes frente ao estupro (Jonason, Girgis, & Milne-Home, 2017).

Referência

Acock, A. C., & Ireland, N. K. (1983). Attribution of blame in rape cases: The impact of norm violation, gender, and sex-role attitude. *Sex Roles*, *9*, 179-193.

Ajzen, I. (2001). Nature and operation of attitudes. *Annual Review of Psychology, 52*, 27-58.

Akvardar, Y., & Yüksel, S. (1993). Cinsel tecavüze uğrayan kişilere karşı alınan tavır (Attitudes toward rape victims). *Nöropsikiyatri Arşivi*, *30*, 347-351.

Anderson, K. B., Cooper, H., & Okamura, L. (1997). Individual differences and attitudes toward rape: A meta-analytic review. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *23*, 295-315.

Araújo, R. C. R. (2013). *As bases genéticas da personalidade, dos valores humanos e da preocupação com a honra*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Andrade, J. M. (2008). *Evidências de validade do inventário dos cinco grandes fatores de personalidade para o Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.

Ávila, A. E., Rodríguez, S. C., & Herrero, J. R. S. (1997). Evaluación de la personalidad patológica: Nuevas perspectivas. In E. Cordero (org.), *La evaluación psicológica en el año 2000*. Madrid: TEA.

Barbaranelli, C. & Caprara, G. V. (1996). How many dimensions to describe personality? A comporison of Cattel, Comrey, and the Big Five taxonomies of personality traits. *European Review of Applied Psychology*, *46*, pp. 15-24.

Bell, S. T., Kuriloff, P. J., & Lottes, I. (1994). Understanding attributions of blame in stranger rape and date rape situations: An examination of gender, race, identification, and

students' social perceptions of rape victims. *Journal of Applied Social Psychology*, *24*(19), 1719-1734.

Bendixen, M., Henriksen, M., & Nøstdahl, R. K. (2014). Attitudes toward rape and attribution of responsibility to rape victims in a Norwegian community sample. *Nordic Psychology*, *66*, 168–186.

Benet-Martínez, V., & John, O. P. (1998). Los cinco grandes across cultures and ethnic groups: Multitrait-multimethod analyses of the big five in Spanish and English. *Journal of Personality and Social Psychology*, *75*, 729-750.

Borges, Z. N., Passamani, G. R., Ohlweiler, M. I., & Bulsing, M. (2011). Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil) Elementary and High School. *Educar Em Revista*, *39*, 21–38.

Burt, M. R. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of personality and social psychology*, *38*(2), 217-230.

Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. New York: Springer-Verlag.

Byrne, B. M. (2010). Structural Equation Modeling with AMOS. *Basic Concepts, Applications, and Programming* (2 ed.). New York: Routledge Taylor & Francis Group.

Caron, S. L., & Carter, D. B. (1997). The relationships among sex role orientation, egalitarianism, attitudes toward sexuality, and attitudes toward violence against women. *The Journal of social psychology*, *137*(5), 568-587.

Castañeda, M. (2007). *El machismo invisible regresa*. Mexico, DF: Santillana.

Cattell, R. B. (1975). *Cuestionario de personalidad 16 PF*. Madri: TEA Ediciones.

Check, J. V., & Malamuth, N. M. (1983). Sex role stereotyping and reactions to depictions of stranger versus acquaintance rape. *Journal of Personality and Social Psychology, 45,* 344.

Cerqueira, D., & Coelho, D. D. S. C. (2014). *Estupro no Brasil: Uma radiografia segundo os dados da Saúde*. IPEA. Brasília.

Coelho, J. A. P. M., Gouveia, V. V., & Milfont, T. L. (2006). Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, *11*, 199-207.

Dantas, G. E. (2014). Atitudes Frente ao Doente Mental: Correlatos Valorativos e de Traços de Personalidade. Dissertação de Mestrado Não Publicada. Universidade Federal de Paraíba.

Dinos, S., Burrowes, N., Hammond, K., & Cunliffe, C. (2015). A systematic review of juries' assessment of rape victims: Do rape myths impact on juror decision-making? *International Journal of Law, Crime and Justice*, *43*, 36–49.

Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). *The psychology of attitudes*. Fort Worth, TX: Harcourt Brace Jovanovich.

Fazio, R. H. (2007). Attitudes as object-evaluation associations of varying strength. *Social Cognition*, *25*, 664-703.

Flood, M., & Pease, B. (2009). Factors influencing attitudes to violence against women. *Trauma, Violence, & Abuse*, *10*, 125–142.

Forbes, G. B., & Adams-Curtis, L. E. (2001). Experiences with sexual coercion in college males and females: Role of family conflict, sexist attitudes, acceptance of rape myths, self-esteem, and the Big-Five personality factors. *Journal of Interpersonal Violence*, *16*, 865-889.

Furnham, A., Hughes, D. J., & Marshall, E. (2013). Creativity, OCD, narcissism and the big five. *Thinking Skills and Creativity, 10,* 91-98.

Garson, G.D. (2003). *PA 765 Statnotes: An online textbook*. Retirado em: 02 jun 2017.

Goldberg, L. R. (1981). Language and individual differences: The search for universals in personality lexicons. In L. Wheeler (Ed.), *Review of Personality and Social Psychology, 2,* 141-165.

Gölge, Z. B., Yavuz, M. F., Müderrisoglu, S., & Yavuz, M. S. (2003). Turkish university students' attitudes toward rape. *Sex Roles, 49,* 653-661.

Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia, 8,* 431-433.

Gouveia, V. V. (2013). *Teoria Funcionalista dos valores humanos: Fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gouveia, V. V. (2016). *Teoria Funcionalista dos valores humanos:áreas de estudo e aplicações*. São Paulo: Vetor

Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Araújo, R. C. R., Galvão, L. K. S., & Silva, S. S. (2013). Preocupação com a honra no nordeste brasileiro: Correlatos demográficos. *Psicologia & Sociedade, 25,* 581-591.

Gouveia, V. V., Medeiros, E. D. D., Mendes, L. A. D. C., Vione, K. C., & Athayde, R. A. A. (2010). Value correlates of attitudes toward tattoo. *Psicologia & Sociedade, 22,* 476- 485.

Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R., & Coelho, J. A. P. M. (2009). Teoria funcionalista dos valores humanos: Aplicações para organizações. *Revista de Administração Mackenzie, 10,* 34–59.

Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R., & Santos, W. S. (2008). Teoria funcionalista dos valores humanos. In M. L. M. Teixeira (Ed.), *Valores humanos e gestão: Novas perspectivas* (pp. 47-80). São Paulo, SP: Senac.

Gouveia, V.V., Santos, W.S. & Milfont, T.L. (2009). O uso da estatística na avaliação psicológica: Comentários e considerações práticas. In C.S. Hutz (Org.). *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica: em homenagem a Jurema Alcides Cunha* (pp. 127-155). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Grubb, A., & Harrower, J. (2009). Attribution of blame in cases of rape: An analysis of participant gender, type of rape and perceived similarity to the victim. *Aggression and Violent Behavior*, *13*, 396-405.

Hemphill, J. F. (2003). Interpreting the magnitudes of correlation coefficients. *American Psychologists*, *58*, 78-80.

Hockett, J. M., Smith, S. J., Klausing, C. D., & Saucier, D. A. (2016). Rape myth consistency and gender differences in perceiving rape victims: A meta-analysis. *Violence against women*, *22*, 139-167.

Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Anton, M., & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento demarcador para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *11*, 395-410.

Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles among Western publics*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Jesus, G. R. (2001). *Personalidade e gênero: Sua relação com os valores humanos básicos*. Monografia. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Jonh, O. P., Donahue, E. M., & Kentle, R. L. (1991). *The "Big Five" Inventory & Versions 4a and 54*. Berkeley, University of California. Institute of Personality and Social Research.

Jonason, P. K., Girgis, M., & Milne-Home, J. (2017). The exploitive mating strategy of the Dark Triad traits: Tests of rape-enabling attitudes. *Archives of sexual behavior*, *46*(3), 697-706.

Jones, C., & Aronson, E. (1973). Attribution of fault to a rape victim as a function of respectability of the victim. *Journal of personality and social psychology*, *26*, 415.

Koss, M. P., Gidycz, C. A., & Wisniewski, N. (1987). The scope of rape: incidence and prevalence of sexual aggression and victimization in a national sample of higher education students. *Journal of consulting and clinical psychology*, *55*, 162.

Kronbauer, J. F. D., & Meneghel, S. N. (2005). Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Revista Saúde Pública*, *39*, 695-701.

Lalonde, C. J. (2016). *Correlates of rape myth acceptance, pornography use, and personality traits in undergraduate students*. Tese de Doutorado. Laurentian University of Sudbury.

Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1994). Rape myths: In review. *Psychology of Women Quarterly*, *18*, 133–164.

Maier, S. L. (2008). "I Have Heard Horrible Stories..." Rape Victim Advocates' Perceptions of the Revictimization of Rape Victims by the Police and Medical System. *Violence against women*, *14*, 786-808.

McCrae, R. R., & John, O. P. (1992). A introduction to the five-factor model and its applications. *Journal of Personality*, *60*, 175-216

McGee, H., O'Higgins, M., Garavan, R., & Conroy, R. (2011). Rape and child sexual abuse: what beliefs persist about motives, perpetrators, and survivors?. *Journal of interpersonal violence*, *26*, 3580-3593.

Medeiros, E. D. (2011). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Moghadam, V. M. (1996). *Patriarchy and development*. Oxford: Clarendon.

Monteiro, R. P. (2014). *Entendendo a Psicopatia: Contribuição dos traços de personalidade e valores humanos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Mosher, D. L. (1991). Macho men, machismo, and sexuality. *Annual Review of Sex Research*, *2*, 199-247.

Nascimento, B. S. (2015). *Atitudes frente à violência contra a mulher: O papel dos valores e da desumanização da mulher*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Nayak, M. B., Byrne, C. A., Martin, M. K., & Abraham, A. G. (2003). Attitudes toward violence against women: A cross-nation study. *Sex Roles*, *49*, 333-342.

Nettle, D. (2006). The evolution of personality variation in humans and other animals. *American Psychologist*, *61*, 622-631.

Nunes, C. H. S., & Hutz, C. S. (2006). Construção e validação de uma escala de extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. *Psico-USF*, *11*, 147-155.

Pandjiarjian, V. (2002). Os estereótipos de gênero nos processos judiciais e a violência contra a mulher na legislação. Em: M. L. Q. Moraes & R. Naves (Eds.), *Advogacia pro bono em defesa da mulher vítima de violência* (pp.75-106). Campinas, SP: UNICAMP/Imprensa Oficial-SP.

Pinto, A. S. R. (2015). *Personalidade, resiliência e atitudes face ao envelhecimento em idosos do meio urbano e meio rural*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia. Mestrado Integrado em Psicologia.

Pitt-Rivers, J. (1965). Honra e posição social. In J. G. Peristiany (Org.). *Honra e vergonha* (pp. 11–60). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pollard, P. (1992). Judgements about victims and attackers in depicted rapes: A review. *British Journal of Social Psychology*, *31*, 307-326.

Queiroga, F. (2002). *O modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: Sua relação com as prioridades valorativas e variáveis sócio-demográficas*. Relatório de Pesquisa. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Rodriguez Mosquera, P. M., Manstead, A. S. R., & Fischer, A. H. (2002). The role of honor concerns in emotional reactions to offenses. *Cognition and Emotion*, *16*, 143-163.

Rodríguez, C. L. D., Rodríguez, M. A. R., & Ramírez, M. T. G. (2010) Escala de machismo sexual (SEM-Sexismo-12): diseño y análisis de propriedades psicométricas. *SUMMA Psicológica UST*, *7*, 35-44.

Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: John Wiley.

Sakallı-Uğurlu, N., Yalçın, Z. S., & Glick, P. (2007). Ambivalent sexism, belief in a just world, and empathy as predictors of turkish students' Attitudes Toward Rape Victims. *Sex Roles*, *57*(11-12), 889–895.

Saucier, D. A., Stanford, A. J., Miller, S. S., Martens, A. L., Miller, A. K., Jones, T. L., … Burns, M. D. (2016). Masculine honor beliefs: Measurement and correlates. *Personality and Individual Differences*, *94*, 7–15.

Saucier, D. A., Strain, M. L., Hockett, J. M., & McManus, J. L. (2015). Stereotypic beliefs about masculine honor are associated with perceptions of rape and women who have been raped. *Social Psychology*.

Scarpati, A. S. (2013). *Os mitos de estupro e a (im) parcialidade jurídica: A percepção de estudantes de direito sobre mulheres vítimas de violência sexual*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.7

Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2015). Teorias da personalidade. São Paulo: Cengage Learning.

Schwartz, S. H. (2006). A theory of cultural value orientations: Explication and applications. *Comparative Sociology, 5,* 137-182.

Shim, S., & Eastlick, M. A. (1998). The hierarchical influence of personal values on mall shopping attitude and behavior. *Journal of Retailing, 74,* 139-160.

Souza, N. A. (2010) A honra dos "homens de bem": Uma análise da questão da honra masculina em processos criminais de violência contra mulheres em Fortaleza (1920-1940). *MÉTIS: História & Cultura. 9,* 155-170.

Sousa, J. H. (2016). As implicações do sexismo benévolo na afirmação de estereótipos femininos. *Caderno de Genero e Sexualidade, 2,* 5-10.

Stern, P. C. & Dietz, T. (1994). The values bases of environmental behavior. *Journal of Social Issues, 50,* 65-84.

Suarez, E., & Gadalla, T. M. (2010). Stop blaming the victim: A meta-analysis on rape myths. *Journal of Interpersonal Violence, 25,* 2010-2035.

Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). Multivariate analysis of variance and covariance. *Using multivariate statistics, 3,* 402-407.

Temkin, J., (2010). And always keep a-hold of nurse, for fear of finding something worse"Challenging rape myths in the courtroom. *New Criminal Law Review. In International and Interdisciplinary Journal, 13,* 710-734.

Vandello, J. & Cohen, D. (2003). Male honor and female fidelity: Implicit cultural scripts that perpetuate domestic violence. *Journal of Personality and Social Psychology, 84,* 997-1010.

Vasconcelos, T. S., & Tróccoli, B. T. (2005). *Construção da versão completa do Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade – ICFP [Resumo]*. Em Instituto

Brasileiro de Avaliação Psicológica (Org.), II Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica. Gramado: IBAP.

Ward, C. (1988). The attitudes toward rape victims scale. *Psychology of women quarterly*, *12*(2), 127-146.

Williams, L. S. (1984). The classic rape: When do victims report?. *Social Problems*, *31*(4), 459-467.

Artigo 5

Atributos das vítimas, dos observadores e atitudes frente às vítimas de estupro

Attributes of victims, observers and attitudes towards rape victims

Atributos de las vítimas, de los observadores y de las atitudes frente a las vítimas de estupro

Atitudes Frente às Vítimas de Estupro

Attitudes towards the Rape Victim

Actitud opuesta violación víctima

Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa
Universidade Federal da Paraíba

Valdiney Veloso Gouveia
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O presente estudo objetivou verificar como a percepção de uma situação de estupro praticada contra a mulher varia em função de suas prioridades valorativas, do ambiente em que ela se encontra e do sexo dos observadores. Buscou-se ainda averiguar como os valores, as atitudes frente às vítimas de estupro, o machismo e a crença no mundo justo (CMJ) dos respondentes podem influenciar o seu julgamento quanto à situação de estupro. Para tal, contou-se com a participação de 200 pessoas (de onde???) com 22,4±8,37anos, distribuídos quase igualmente quanto ao sexo (50,7% de mulheres). Após a leitura de *cenários de estupro de uma mulher*, os participantes responderam questões relativas à situação de violência descrita no cenário. Foi observado que para os homens, houve diferença significativa na dimensão *culpabilização do homem* quando a vítima foi descrita priorizando valores *interativos* e *normativos* comparado com valores de *experimentação e realização*. Já as mulheres, atribuíram significativamente mais culpa ao homem quando a vítima foi descrita com valores de *realização* e *normativo* do que valores de *experimentação*. No que se referem aos correlatos, as subfunções *interativa* e *suprapessoal*, se relacionaram positivamente à *culpabilização do homem*. Já as subfunções *experimentação*, *realização*, *existência*, *suprapessoal* e *interativa* se relacionaram negativamente à *culpabilização da mulher*. As dimensões das atitudes frente às vítimas de estupro e a CMJ se correlacionaram negativamente à *culpabilização do homem* e positivamente com a *culpabilização da mulher*. O machismo sexual se relacionou significativamente e positivamente com *culpabilização da mulher*. Confia-se ter contribuído para a literatura na área, verificando a influência dos valores humanos na culpabilização do estupro, bem como, as variáveis associadas a essa culpabilização.

Palavras-chave: estupro, culpabilização, valores, crença no mundo justo, machismo.

Abstract

The present study aimed to verify how perceptions of a rape episode practiced against a woman varies as a function of her value priorities, environment where it happened, and observers sex. It also sought to verify how participants' values, attitudes towards rape victims, machismo, and belief in a just world might influence their judgment regarding the rape episode. Hence, participants were 200 people with mean age of 22.4 years (*SD* = 8.37), distributed almost equally regarding sex (50.7% women). After reading *scenarios of the rape of a woman*, participants answered questions about the episode of rape described in the scenario. It was observed that for men, there was a significant difference in the dimension *man's blame* when the victim was described as prioritizing *interactive* and *normative* values compared the values of *excitement* and *promotion*. Whilst women attributed significantly more blame to the man when the victim was described with values of *promotion* and *normative* compared to *excitement*. Regarding the correlates, the subfunctions *interactive* and *suprapersonal* correlated positively with blaming the man. Whereas the subfunctions *excitement*, *promotion*, *existence*, *suprapersonal*, and *interactive* correlated negatively with woman's blame. The dimensions of the attitudes towards rape victims and belief in a just world correlated negatively with *man's blame*, and positively with *woman's blame*. Sexual machismo correlated positively and significantly with *woman's blame*. It is concluded that this study contributed with literature in the area, verifying the influence of human values on rape blaming, as well as variables associated with this blaming.

Keywords: rape, blaming, values, belief in a just world, machismo.

Resumen

El presente estudio objetivó verificar cómo la percepción de una situación de estupro practicada contra la mujer varía en función de sus prioridades valorativas, del ambiente en que ella se encuentra y del sexo de los observadores. Se buscó también averiguar cómo los valores, las actitudes hacia las víctimas de estupro, el machismo y la creencia en el mundo justo (CMJ) de los encuestados pueden influir en su juicio sobre la situación de violación. Para ello, se contó con la participación de 200 personas con un promedio de edad de 22,4 (*DE* = 8,37), distribuidos casi igualmente en cuanto al sexo (50,7% de mujeres). Después de la lectura de *escenarios de estupro de una mujer,* los participantes respondieron a cuestiones relativas a la situación de violencia descrita en el escenario. Se observó que para los hombres, hubo diferencia significativa en la dimensión *culpabilización del hombre* cuando la víctima fue descrita priorizando valores *interactivos* y *normativos* comparado con valores de *experimentación* y *realización*. Sin embargo, las mujeres, atribuyeron significativamente más culpa al hombre cuando la víctima fue descrita con valores de *realización* y *normativo* do que valores de *experimentación*. En lo que se refieren a los correlatos, las subfunciones *interactiva* y *suprapersonal* se relacionaron positivamente con la *culpabilización del hombre*. Las subfunciones *experimentación*, *realización*, *existencia*, *suprapersonal* e *interactiva* se relacionaron negativamente con la *culpabilización de la mujer*. Las dimensiones de las actitudes hacia las víctimas de estupro y la CMJ se correlacionaron negativamente con la *culpabilización del hombre* y positivamente con la *culpabilización de la mujer*. El machismo sexual se relacionó significativamente y positivamente con la *culpabilización de la mujer*. Se confía haber contribuido a la literatura en el área, verificando la influencia de los valores humanos en la culpabilización del estupro, así como, las variables asociadas a esa culpabilización.

Palabras clave: estupro, culpabilización, valores, creencia en el mundo justo, machismo.

Introdução

A violência contra as mulheres é um problema social mundial (World Health Organization, 2002), sendo a violência sexual uma das formas mais prejudiciais e humilhantes, que tem efeitos nocivos relevantes tanto sobre o indivíduo quanto sobre a sociedade (Bohner, Eyssel, Pina, Siebler, & Viki, 2009; Durán, Megías, & Moya, 2016). As estatísticas recentes demonstram que uma a cada cinco mulheres será vítima de estupro ou de tentativa em algum momento de suas vidas (van der Bruggen & Grubb, 2014; United Nations Development Fund for Women, 2008). Além disso, as taxas de notificação à polícia são excepcionalmente baixas, e daquelas que são reportadas, apenas uma em quatro levam a prisão, e menos de um terço dessas prisões levam a uma condenação por crime,fazendo com que muitos estupradores nunca sejam penalizados por seu delito (Bohner et al., 2009; Temkin & Krahé, 2008).

Os pesquisadores reconheceram que uma das causas dessa falta de justiça crescente seriam as falsas crenças culturais que funcionam especialmente com o intuito de transferir a culpa dos estupradores para as vítimas (Suarez & Gadalla, 2010). Essas atitudes permitem que os homens justifiquem o estupro e minimizem a vulnerabilidade pessoal da vítima em uma situação de violência sexual (Lonsway & Fitzgerald, 1994). Dessa forma, as atitudes negativas frente ao estupro e às vítimas funcionam como empecilho para o aumento de denúncias e condenações (Dinos, Burrowes, Hammond, & Cunliffe, 2015; Temkin, 2010).

Fatores distintos parecem influenciar as atitudes frente às vítimas de estupro (Pedersen & Strömwall, 2013; Sakallı-Uğurlu, Yalçın, & Glick, 2007). No entanto, neste estudo pretendeu-se conhecer como estas últimas variam em função de atributos das vítimas, do sexo do observador e do ambiente onde a vítima se encontrava. Dessa forma, verificou-se como a percepção de uma situação de estupro praticada contra a mulher varia em função de suas prioridades valorativas, do ambiente em que ela se encontra e do sexo dos observadores

(respondentes). Ademais, buscou-se também averiguar como as prioridades valorativas, a crença no mundo justo e o machismo dos próprios respondentes podem influenciar o seu julgamento quanto à situação de estupro.

Atributos das vítimas

Umas das principais formas de se estudar atitudes frente às vítimas de estupro é empregando uma metodologia de cenários quase-experimentais (van der Bruggen & Grubb, 2014), em que os participantes leem uma estória no qual as características da vítima e da situação são controladas e manipuladas e, em seguida, são solicitados à fazer julgamentos sobre o cenário de estupro usando escalas (Alexander & Becker, 1978; Ward, 1995). Segundo ressalta Alexander e Becker (1978) esse procedimento pode ser considerado mais confiável, válido e realista quando comparado com estudos correlacionais geralmente usados em pesquisas. Os cenários permitem uma análise detalhada e abrangente da quantidade e qualidade dos fatores que afetam tanto os julgamentos do estupro como as percepções acerca das vítimas de estupro (Ward, 1995).

De acordo com Janoff-Bulman (1979), a culpa pode ser de dois tipos, a saber: a *culpa caracterológica*, que ocorre quando a culpa é atribuída a um fator estável, como a personalidade das vítimas; e a *culpa comportamental*, onde a culpa é conferida a um fator variável, como o modo como a vítima age e reage, ou seja, as ações da vítima em uma determinada situação ou contexto (Davies, Rogers, & Whitelegg, 2009). Ward (1995) sugeriu que os observadores masculinos atribuem mais culpa às vítimas com base em suas características caracterológicas, indicando que as vítimas seriam moralmente responsáveis pelo estupro, e por conseguinte, mais responsabilizadas por homens. Ao passo que as mulheres responderiam mais fortemente aos determinantes situacionais e aos comportamentos descuidados do lado das vítimas, o que significa que, neste caso, as vítimas só seriam culpadas quando retratassem certo tipo de comportamento imprudente.

Segundo van der Bruggen e Grubb (2014) muitos estudos encontram diferenças significativas ao examinar os julgamentos das pessoas sobre o estupro, quando se faz a manipulação das características das vítimas. A utilização de cenários hipotéticos permite que se faça a manipulação e/ou controle de qualquer característica relevante da vítima, objetivando analisar se determinada variável desempenha um papel significativo na formação de atribuições de culpa em casos de estupro. Por exemplo, as vítimas vestidas de maneira sensual, provocante, tendem a ser mais susceptíveis de serem culpadas pelo estupro do que as vítimas que se vestem de forma mais conservadora (Cassidy & Hurrell, 1995; Workman & Freeburg, 1999).

Pesquisas mais recentes, que enfocam as características das vítimas, tendem a se concentrar em aspectos como: o sexo das vítimas (Davies, Pollard, & Archer, 2001; Davies & Rogers, 2006), sua opção sexual (Davies & Hudson, 2011; Wakelin & Long, 2003), o seu grau de resistência (Davies, Rogers, & Bates, 2008; Sims, Noel, & Maisto, 2007) e seu grau de relação com o estuprador (relação vítima-estuprador) (Sleath & Bull, 2010; White & Yamawaki, 2009). Essas características são controladas com o intuito de avaliar o seu impacto no nível de culpa atribuído tanto as vítimas como ao estuprador.

Todavia, ressalta-se que existem poucas pesquisas que enfoquem características mais duradouras das vítimas (van der Bruggen & Grubb, 2014), como por exemplo, os valores que as vítimas endossam. Estes são princípios que guiam e orientam as condutas das pessoas (Gouveia, 2013). Apesar da existência de uma compreensão razoavelmente comum acerca dos valores, diferentes teóricos vêm buscando explicar seu conteúdo e estrutura (tais como Rokeach, 1973; Inglehart, 1991; Schwartz, 1994). No presente artigo considera-se um modelo específico, denominado *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos*, destacando-se seu valor explicativo de atitudes e comportamentos sociais (Gouveia, Fônseca, Milfont, & Fischer, 2011), a partir de estudos sobre atitudes frente a violência contra a mulher (Nascimento,

2015), atitudes frente a aposentadoria (Melo, 2014) e atitudes frente ao uso de Tatuagem (Medeiros, 2007).

A teoria funcionalista, proposta por Gouveia (1998, 2003, 2013, 2016) ressalta a função dos valores, definindo as duas que são consensuais: 1) guiar as ações humanas e 2) expressar cognitivamente suas necessidades. Em sua estrutura, o modelo em questão propõe dois eixos principais: um horizontal, que corresponde ao tipo de orientação (social, central e pessoal), e outro vertical, que define o tipo motivador (materialista e humanitário). A interação dos valores ao longo dos eixos permite identificar seis subfunções: interacional, normativa, suprapessoal, existência, experimentação e realização (Gouveia et al., 2014). Na presente, pesquisa os valores da vítima foram manipulados nos cenários; por exemplo, algumas pessoas receberam uma estória com a vítima sendo descrita como endossando valores de experimentação, ao passo que outros responderam a pesquisa tendo em conta uma vítima descrita como priorizando valores normativos.

Além da manipulação das características da vítima, os estudos também avaliam as características do observador, no caso, dos respondentes da pesquisa (Heaven, Connors, & Pretorius, 1998; Schneider, Mori, Lambert, & Wong, 2009; Yamawaki & Tschanz, 2005). No entanto, atualmente, o conhecimento sobre a influência das características do observador na culpabilização da vítima de estupro é bastante limitado em comparação com as informações sobre as características da vítima, devido a questões práticas, éticas e de amostragem (van der Bruggen & Grubb, 2014).

Atributos dos observadores

As características dos observadores que têm sido mais amplamente pesquisadas são sexo (Davies, Rogers, & Rogers, 2009), status profissional (Anderson & Quinn, 2009), grau de conformidade com o papel de gênero (Chapleau, Oswald & Russell, 2008; Grubb &

Turner, 2012), atitudes frente às vítimas de estupro (Ward, 1995), atitudes em relação ao feminismo (Krulewitz & Payne, 1978) e a crença em um mundo justo (Kerr & Kurtz, 1977).

Conforme supracitado, um fator importante a ser considerado é o sexo do indivíduo que faz o julgamento. Em geral, as pesquisas têm evidenciado que os observadores masculinos tendem a aceitar mais as situações de estupro (Talbot, Neill, & Rankin, 2010) e minimizar a gravidade dos cenários de estupro quando comparados com as mulheres (Newcombe, Van den Eynde, Hafner, & Jolly, 2008). Constatou-se que os observadores masculinos culpam as vítimas de estupro mais do que as observadoras e são menos punitivos em relação ao agressor do que as mulheres (Kahn et al., 2011; McDonald & Kline, 2004; Ryckman, Graham, Thornton, Gold, & Lindner, 1998).

Um dos motivos para que os homens sejam mais tolerantes com o agressor e com mais frequência culpem a vítima, pode ser a maior propensão dos homens em apresentarem atitudes negativas frente às vítimas de estupro, que são atitudes que servem para desacreditar, desmerecer ou culpabilizar a vítima (Lonsway & Fitzgerald, 1994; Ward, 1988). Nesse sentido, as atitudes frente às vítimas de estupro determinam o grau em que uma vítima é culpada por seu próprio estupro (Ward, 1995). Essas atitudes contêm suposições problemáticas sobre o comportamento provável das vítimas, influenciando na forma de entender os antecedentes e as consequências do estupro (Bohner et al., 2009). Assim, as pesquisas demonstram que as pessoas que tem atitudes negativas frente às vítimas de estupro apresentam uma tendência para minimizar a experiência de agressão, são mais propensos a atribuir culpa e responsabilidade a vítima e possuem uma menor probabilidade de condenar o estuprador (Angelone, Mitchell, & Smith, 2016; Basow & Minieri, 2011; Mason, Riger, & Foley, 2004).

Outra variável amplamente pesquisada são as atitudes dos observadores frente aos papeis de gênero. Os resultados demonstram que, à medida que os observadores apresentaram

pontuações mais altas nas medidas de atitudes de gênero (sexismo ou machismo), suas atitudes negativas em relação às vítimas de estupro foram maiores, tendendo a culpar as vítimas em maior medida, culpar os estupradores em menor grau, minimizar a gravidade de uma agressão e recomendar penas de prisão mais curtas (Chapleau et al., 2008; Grubb & Turner, 2012; Masser, Lee, & McKimmie, 2010; Simonson & Subich, 1999; White & Kurpius, 2002). Um exemplo de atitudes de papéis de gênero tradicionais que poderiam conduzir à atribuição de culpa é que as mulheres devem ficar em casa, enquanto os homens devem ser dominantes e assumir o papel de sustento de família.

No caso da presente pesquisa, optou-se por fazer uso da variável machismo sexual, que é percebido como uma crença de superioridade do homem sob a mulher, na área sexual. O machismo sexual estabelece como o homem e a mulher devem se comportar nas situações relacionadas ao sexo, como por exemplo, impor a ideia de que a obrigação de se prevenir é da mulher, e que é permitido apenas aos homens ter relações sexuais antes do casamento (Díaz-Rodríguez & Ramírez, 2012).

No contexto da violência sexual contra a mulher, outra variável que também é levada em conta para entender o processo de culpabilização das vítimas são as crenças no mundo justo (CMJ). O quanto os observadores pontuam em crenças no mundo justo (CMJ) influenciam nas atitudes frente às vítimas de estupro, bem como, no processo de atribuição de culpa (van der Bruggen & Grubb, 2014). De acordo com essa perspectiva, a pessoa tem uma necessidade motivacional de acreditar que o mundo é um lugar justo e que os resultados comportamentais são merecidos. Partindo dessa premissa, sua hipótese fundamental é que as pessoas obtêm o que merecem e merecem o que recebem. Acreditando na CMJ os indivíduos conseguem manter um senso de controle e eficácia sobre o seu meio (Lambert & Raichle, 2000). Assim, em consonância com a teoria da CMJ, perceber a vítima como merecedora de

sua desgraça o ajuda a restaurar uma visão equilibrada do mundo como sendo ordenada e justa (Yamawaki, 2009).

Dessa forma, observa-se que as pesquisas em psicologia social têm examinado os efeitos dos atributos da vítima, do estuprador e das características situacionais sobre as atitudes negativas frente às vítimas de estupro e o processo de atribuição de culpa (Pollard, 1992). No entanto, Angelone et al. (2016) ressalta que há atualmente uma falta de pesquisas que examinem variáveis situacionais relevantes nas atribuições da culpa da vítima em situações de estupro.

Diante disso, esse trabalho teve como objetivo verificar como a percepção de uma situação de estupro praticada contra a mulher varia em função de atributos das vítimas (suas prioridades valorativas), variáveis situacionais (ambiente em que ela se encontra) e atributos dos observadores (sexo dos respondentes). Buscando também averiguar como as prioridades valorativas, a crença no mundo justo e o machismo dos próprios respondentes podem influenciar o seu julgamento quanto à situação de estupro. Para cumprir tais objetivos foi necessário construir e validar uma medida de razões para o acontecimento do estupro, construída com base na estória de estupro descrita no cenário.

Método

Participantes

Contou-se com a participação de 200 pessoas que aceitaram voluntariamente participar desta pesquisa, com idade variando entre 16 e 65 anos (22,4± 8,37anos), sendo a maioria do sexo feminino (50,7%) e solteira (75,1%). Além disso, a maior parte dos respondentes se declarou católica (51,2%), de classe média (29,4%) e cursando o ensino superior (81,1%),

Instrumentos

Os participantes receberam um livreto com os instrumentos descritos a seguir:

Cenários de estupro de uma mulher. Levando-se em conta 8 condições experimentais, foram criadas estórias nas quais se descreveu uma situação de estupro praticada por um indivíduo do sexo masculino contra uma vítima do sexo feminino. Ao longo dos cenários, as variáveis de interesse foram manipuladas, sendo elas as prioridades valorativas (*normativa, interativa, experimentação e realização*) e o ambiente (*festa* ou *congresso*). como no exemplo que segue:

> Júlia é uma jovem que **adora aproveitar a vida, divertir-se, beber e desfrutar de aventuras.** Ela foi a uma **festa** e, chegando lá, conheceu um rapaz de nome Pedro, que logo demonstrou interesse em conhecê-la. No começo Júlia deu atenção a Pedro, quem, quando terminou a festa, insistiu em deixá-la em casa. Chegando em sua casa, Júlia desconfiou da pretensão de Pedro, que insinuou querer um relacionamento íntimo com ela. Então ela explicou que não estava disposta e não queria que ele entrasse em sua casa. Porém, Pedro não aceitou a negativa e insistiu! Percebendo que Júlia não mudara de ideia, ele se descontrolou, agarrou-a pelo braço e a beijou. Na ocasião Júlia reagiu, reclamando com Pedro, mas ele não se importou e forçou a sua entrada. Pedro continuou em sua investida, dizendo que Júlia gostaria do que aconteceria. Mesmo Júlia chorando e dizendo que não queria. Pedro a forçou, mediante o uso de força física, a manter relação sexual com ele.

Após a leitura de um dos cenários, os quais foram designados aleatoriamente para cada participante, os mesmos deveriam responder aos instrumentos listados a seguir:

Razões para Pedro estuprar Júlia. Neste instrumento são listadas 12 possíveis razões (*e.g. 03. Como Júlia não lutou contra o estupro, Pedro achou que ela queria; 11. A roupa e a postura de Júlia podem ter provocado Pedro*) que levou Pedro a estuprar Júlia. Os participantes deveriam manifestar sua resposta por meio de uma escala *Likert* de 5 pontos variando de 1 (*totalmente improvável*) a 5 (*totalmente provável*);

Escala de Atitudes frente à vítima de estupro (EAVE). Originalmente desenvolvida por Ward (1988), composta de 25 itens destinados a avaliar as atitudes favoráveis e desfavoráveis em relação às vítimas de estupro. Os itens incluem: "*Uma mulher que sai sozinha à noite se coloca em posição de ser estuprada*" e "*As mulheres que não são virgens não devem queixar-se de estupro*" ($\alpha = 0,83$). As respostas indicam os níveis de concordância do participante com

cada afirmação em uma escala de 5 pontos variando de 1 (*discordo fortemente*) a 5 (*concordo fortemente*). Os itens 3, 5, 7, 10, 12, 15, 19 e 22 têm a sua pontuação invertida. Essa escala foi validada para o contexto brasileiro no Artigo 2 da presente tese, tendo sido encontrada uma estrutura de três fatores, a saber: credibilidade da vítima (*eg. Muitas mulheres que relatam estupro estão mentindo porque querem vingança*), merecimento da vítima (eg. *Na maioria dos casos, quando uma mulher foi estuprada, ela merecia)* e culpa da vítima (eg. *Uma mulher não deveria se culpar por estupro*).

Escala de Machismo Sexual. Proposta por Rodríguez et al (2010), composta por 12 itens, que se propõe a medir um único fator, denominado "machismo". Para responder ao questionário o respondente deveria ler todas as instruções e os itens atenciosamente, respondendo o quanto estava de acordo com cada afirmação, utilizando-se uma escala tipo *Likert*, pela qual varia de 1 (*Discordo totalmente)* a 5 (*Concordo totalmente).* Esse instrumento foi previamente validado para o Brasil no Artigo 3 da presente tese, confirmando a estrutura unifatorial composta de 11 itens, com uma alfa de *Cronbach* de $\alpha = 0,81$.

Questionário de Valores Básicos. Este instrumento foi elaborado por Gouveia (2003) e é composto por 18 itens (valores básicos). Os valores contêm dois descritores cada, por exemplo, *afetividade* (*Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar meus êxitos e fracasso*). Os participantes são solicitados a avaliar cada item em uma escala *Likert* que varia de 1 (*Pouco importante*) a 7 (*Muito importante*), considerando a importância de cada valor como princípio-guia para suas vidas. Os itens são distribuídos igualmente em seis subfunções: *experimentação* (emoção, prazer e sexualidade) e *realização* (êxito, poder e prestígio), *existência* (estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência) e *suprapessoal* (beleza, conhecimento e maturidade), *interativa* (afetividade, apoio social e convivência) e *normativa* (obediência, religiosidade e tradição). Estudos sobre sua adequação foram reunidos por Medeiros (2011), que demonstrou evidências de validade (fatorial,

convergente e discriminante) e confiabilidade (consistência interna, confiabilidade composta e homogeneidade) da medida em inúmeras regiões do Brasil.

Questionário sociodemográfico. Idade, sexo, nível de escolaridade, estado civil.

Procedimento

Os instrumentos foram aplicados individualmente em locais públicos e em contexto coletivo de sala de aula em uma universidade pública, ambos na cidade de João Pessoa – PB. No momento da aplicação dos questionários, solicitou-se a colaboração dos participantes, pedindo que os mesmos formalizassem sua participação por meio da assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, no qual foram expostos os objetivos e procedimentos envolvidos na pesquisa, resguardando o caráter voluntário e sigiloso do estudo. Após este procedimento, foi dado início a coleta de dados em si, sendo conduzida por pesquisadores treinados, que distribuíram os instrumentos aleatoriamente entre os indivíduos. A coleta de dados durou cerca de 20 minutos.

Análise dos dados

Para a tabulação e análise dos dados foi utilizado o pacote estatístico *SPSS* (versão 21) com o objetivo de obter estatísticas descritivas (análise de frequência, medidas de tendência central e dispersão). A caracterização da amostra ocorreu por meio de análises de diferenças entre médias com o intuito de observar como a percepção dos participantes varia segundo a variável manipulada. Foram realizadas correlações de Pearson com o propósito de observar como os valores e as atitudes frente às vítimas de estupro se relacionam com a percepção das razões para acontecer o estupro. Além de análise fatorial exploratória da medida utilizada sobre os cenários.

Resultados

Percepção das razões para Pedro estuprar Júlia

No primeiro momento, procurou-se considerar a medida de Razões para *Pedro Estuprar Júlia*, conduzindo-se uma análise fatorial exploratória (Análise de Componentes Principais – CP). A partir dos índices *Kayser-Meyer-Olkin (KMO* = 0,75) e *Teste de Esfericidade de Bartlett* [χ^2 (66) =541,49, p < 0,001], comprovou-se a adequação da matriz de correlações interitens para a realização deste tipo de análise.

Quantos aos critérios de extração de fatores foram observados dois componentes com valores próprios acima de um (critério de Kaiser), a saber: 3,23 e 2,11. A distribuição gráfica dos valores próprios (critério de Cattell) também mostrou adequada a extração de dois componentes. Na mesma direção dos critérios anteriormente citados a análise paralela (critério de Horn) demonstrou a existência de uma estrutura bidimensional. Dessa forma, optou-se por manter a estrutura de dois fatores, com rotação *varimax*. Os resultados desta análise são apresentados na Tabela 1.

Como pode ser evidenciado, o primeiro componente, reuniu seis itens, com saturações variando de 0,47 (*3. Como Júlia não lutou contra o estupro, Pedro achou que ela queria*) a 0,79 (*5. Júlia provocou ao aceitar o convite de Pedro para jantar*), com um valor próprio (*eingevalue*) de 3,23, responsável pela explicação de 26,6% da variância total. A partir da leitura de seus itens, decidiu-se nomeá-lo como *culpabilização da mulher* com consistência interna de 0,80 (alfa de *Cronbach*).

O segundo componente possui cinco itens com saturações variando de 0,47 (*7. Pedro é uma pessoa descontrolada*) a 0,76 (*10. Pedro é um mau-caráter*) e apresentou um valor próprio (*eingevalue*) de 2,11, explicando 18% da variância. Com base no conteúdo de seus itens, este foi nomeado *culpabilização do homem*, com consistência interna de 0,65 (alfa de *Cronbach*). Decidiu-se eliminar o item 9 (*O desejo sexual de Pedro falou*

mais alto que tudo), visto que, mesmo na matriz rotacionada ele apresentou saturação nos dois componentes, ou seja, o item se mostrou ambíguo.

Tabela 1

Estrutura fatorial da escala de razões para acontecer o estupro

Itens	Descrição do item	Componentes	
		I	II
5	Júlia provocou ao aceitar o convite de Pedro	**0,79**	-0,10
11	A roupa e a postura de Júlia podem ter provocado Pedro	**0,77**	-0,06
8	Júlia sabia desde o início o que Pedro queria, provocando-o	**0,73**	-0,20
6	Júlia também é responsável, não sabendo o que quer	**0,72**	0,10
1	O ambiente que Júlia estava era favorável ao estupro	**0,71**	-0,02
3	Como Júlia não lutou contra o estupro, Pedro achou que ela queria	**0,47**	0,04
10	Pedro é um mau-caráter	0,04	**0,76**
4	Pedro é um animal, alguém sem coração	-0,01	**0,70**
2	Pedro não é uma boa pessoa	0,01	**0,66**
12	Não se justifica a conduta de Pedro, um psicopata	0,04	**0,59**
7	Pedro é uma pessoa descontrolada	-0,16	**0,47**
9	O desejo sexual de Pedro falou mais alto que tudo.	0,41	0,33
	Número de itens	6	5
	Valor Próprio	3.23	2.11
	% Variância Explicada	26,6	18,0
	Alfa de *Cronbach*	0,80	0,65

Quanto às pontuações médias em ambos os componentes, observou-se que as pessoas pontuaram em maior medida no fator *culpabilização do homem* (M = 4,1; DP = 0,63) quando comparado a *culpabilização da mulher* (M = 1,7; DP = 0,63), ($t(203) = -36{,}27$, $p < 0{,}001$). Ou seja, os participantes perceberam em maior medida o homem como responsável pelo estupro, independentemente do cenário que responderam.

Depois da verificação da estrutura fatorial da medida especificada, procurou-se observar como a percepção dos fatores elencados variou em função das prioridades valorativas, do local manipulado nos cenários e do sexo dos respondentes. Ademais, buscou-se verificar em que medida a atribuição destas razões se relaciona com variáveis pessoais dos respondentes, como prioridades valorativas, machismo, atitudes frente às vítimas de estupro e nível de crença no mundo justo dos respondentes. Os tópicos subsequentes apresentarão os achados obtidos.

Valores da mulher, ambiente e percepção sobre o a culpabilização do estupro

Primeiramente, objetivou-se avaliar a influência dos valores humanos da vítima e do ambiente descritos no cenário e do sexo dos respondentes nas razões atribuídas ao estupro. Nesse caso, realizam-se duas ANOVAs Fatoriais entre participantes com o intuito de avaliar em que medida cada uma das razões (*culpabilização do homem* e *culpabilização da mulher*) variam em função das prioridades valorativas (*experimentação*, *realização*, *normativa* e *interativa*) da mulher e do ambiente em que ela se encontrava (*festa* e *congresso*), ambos descritos na situação (cenário), bem como, o sexo dos respondentes (*masculino* e *feminino*). Dando origem a dois delineamentos fatoriais 4x2x2.

No que se refere à culpa da mulher, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das variáveis no efeito principal: *valores* [$F(3,182) = 1,89$ $p > 0,05$]; *ambiente* ($F(1,182) = 1,21$ $p > 0,05$); e *sexo* [$F(1,182) = 0,28$ $p > 0,05$]. Os efeitos das interações também não foram significativos: *ambiente e valores* [$F(3,182) = 1,62$ $p > 0,05$]; *ambiente e sexo* [$F(1,182) = 1,99$ $p > 0,05$]; *valores e sexo* [$F(3,182) = 1,18$ $p > 0,05$] e *ambiente, valores e sexo* [$F(3,182) = 2,41$, $p > 0,05$].

Quanto à culpa do homem, foram observadas diferenças estatisticamente significativas unicamente na variável *valores* [$F(3,182) = 4,39$ $p < 0,05$; $\eta^2 = 0,08$]. Um teste *post hoc* (Tukey), confirmou a diferença ($p < 0,05$) entre valores de *experimentação* (M=3,82; DP=

0,85), *normativos* (*M* =4,24; *DP* = 0,88) e *interativos* (*M* =4,14; *DP* = 0,85) tendo uma baixa probabilidade de terem ocorrido apenas por erro amostral. Dessa forma, quando a mulher prioriza valores de experimentação, o homem tende a ser culpabilizado em menor medida pelo estupro do que quando a mulher é descrita endossando valores normativos ou interativos.

Quanto às interações, observou-se uma diferença significativa entre *valores* e *sexo* [$F(3,182) = 3,67$ $p < 0,05$; $\eta^2 = 0,07$]. Fazendo a comparação entre os contrastes ($p < 0,05$), ressalta-se que para os homens, houve diferença significativa no nível maior de *culpabilização do homem* quando a vítima foi descrita priorizando valores *interativos* (*M* = 4,26; *DP* = 0,52) e *normativos* (M = 4,23; DP = 0,56) comparado com valores de *experimentação* (*M* = 3,87; *DP* = 0,67). Os homens também atribuíram significativamente mais culpa ao homem quando a vítima foi descrita com valores *interativos* e *normativos* do que com valores de *realização* (*M* = 3,80; *DP* = 0,68). Já as mulheres, atribuíram significativamente mais culpa ao homem quando a vítima foi descrita com valores de *realização* (*M* = 4,29; *DP* = 0,52) e *normativo* (*M* = 4,24; *DP* = 0,60) do que valores de *experimentação* (*M* = 3,73; *DP* = 0,70). Esses resultados podem ser observados na Figura 1.

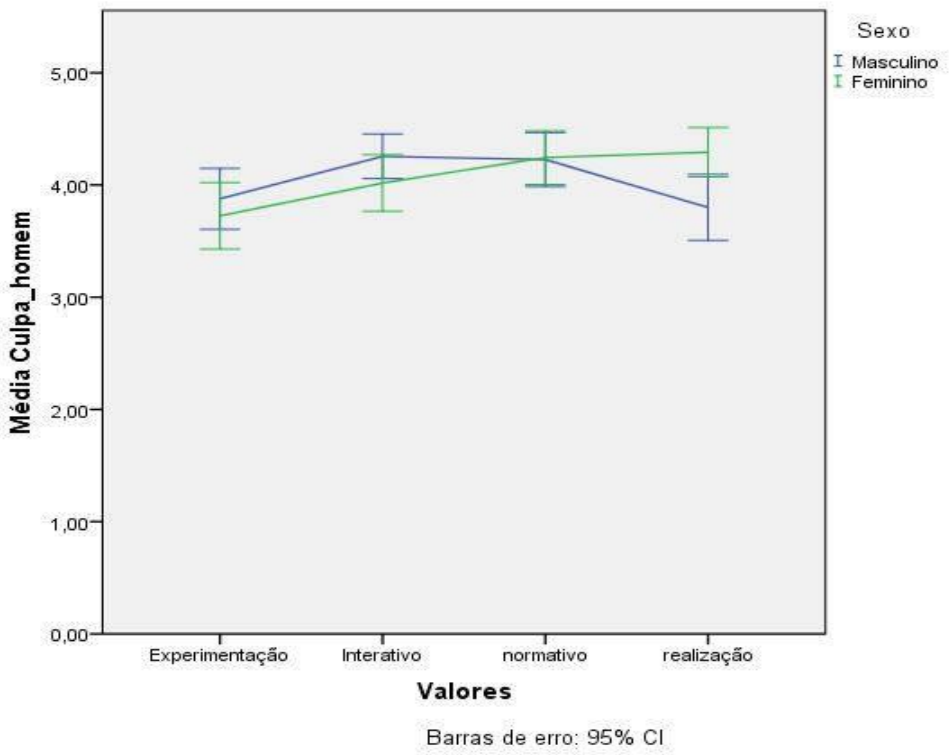

Figura 1. Gráfico de interação valores e sexo para a medida de culpabilização do homem

Variáveis pessoais dos respondentes e percepção das razões para ocorrência do estupro

Com intuito de verificar se as pontuações dos respondentes se correlacionava com desejabilidade social, foi realizada a correlação dos dois fatores de culpabilização com a pontuação total da escala de desejabilidade social. Não foram observadas correlações significativas ($p > 0,05$): *culpabilização da mulher* ($r = -0,02$) e *culpabilização do homem* ($r = -0,01$). Nesse caso, não sendo necessário controlar a desejabilidade social em análises subsequentes.

Tendo isso em conta, procurou-se testar se as variáveis pessoais (atitudes frente às vítimas de estupro, prioridades valorativas e o nível de machismo dos respondentes) iriam se relacionar com a percepção das razões para acontecer o estupro. Quanto aos valores, os resultados são demonstrados na Tabela 2:

Tabela 2

Correlação entre os valores e as razões acontecer o estupro

	Subfunções valorativas					
Razões	Experimentação	Realização	Existência	Suprapessoal	Interativa	Normativa
CH	0,09	0,10	0,07	**0,14***	**0,12***	0,01
CM	**-0,20****	**-0,14***	**-0,20****	**-0,19****	**-0,26*****	0,10

Notas. CH: culpabilização do homem; CM: culpabilização da mulher*$p < 0,05$; **$p < 0,01$; ***$p < 0,001$. (Teste unicaudal).

Constata-se que as subfunções *interativa* ($r = 0,12$, $p < 0,05$) e *suprapessoal* ($r = 0,19$, $p < 0,01$), se relacionaram positivamente à *culpabilização do homem*. Tais subfunções parecem promover uma maior percepção do homem enquanto responsável pelo estupro. Observa-se também que as subfunções *experimentação* ($r = -0,20$, $p < 0,01$), *realização* ($r = -0,10$, $p < 0,05$); *existência* ($r = -0,20$, $p < 0,01$); *suprapessoal* ($r = -0,19$, $p < 0,01$) e *interativa* ($r = -0,26$, $p < 0,001$), se relacionaram negativamente à *culpabilização da mulher*. Sugerindo que essas subfunções evitam que a mulher seja vista como responsável pelo estupro.

As dimensões das atitudes frente às vítimas de estupro se correlacionaram negativamente à *culpabilização do homem*: *credibilidade* ($r = -0,13$, $p < 0,05$); *merecimento* ($r = -0,20$, $p < 0,01$) e *culpa* ($r = -0,15$, $p < 0,05$). Ou seja, quanto maior as atitudes negativas frente às vítimas de estupro menor será a percepção do homem enquanto responsável pelo estupro. O inverso ocorreu com a *culpabilização da mulher* que se correlacionou positivamente e significativamente com os fatores da escala de atitudes frente ás vítimas de estupro: *credibilidade* ($r = 0,60$, $p < 0,001$); *merecimento* ($r = 0,46$, $p < 0,001$); *culpa* ($r = 0,46$, $p < 0,001$). Assim, quanto maior o nível de atitudes negativas frente às vítimas de estupro, maior a será a percepção da mulher enquanto responsável pelo estupro.

O machismo sexual se correlacionou significativamente e unicamente com *culpabilização da mulher* (r = 0,45, p < 0,001), sugerindo que quanto mais machista é o indivíduo, maior a tendência para atribuir à vítima responsabilidade no estupro que sofreu. Diferentemente da Crença no Mundo Justo (CMJ), que se correlacionou negativamente com *culpabilização do homem* (r = - 0,13, p < 0,05) e positivamente com *culpabilização da mulher* (r = 0,15, p < 0,05). Quanto mais se acredita que o mundo é um lugar justo, maior a percepção da vítima enquanto responsável pelo estupro, ou seja, maior a *culpabilização da mulher*, e menor será a percepção do homem como culpado.

Discussão

Diversas pesquisas tem evidenciado que vários construtos podem influenciar as atitudes frente às vítimas de estupro (Pedersen &Strömwall, 2013; Sakallı-Uğurlu, Yalçın & Glick, 2007). Todavia, neste estudo optou-se por conhecer a influência de características da própria vítima. Especificamente, procurou-se conhecer como as pessoas percebem uma situação de estupro contra a mulher e a que razões que atribuem o comportamento do estuprador em função dos valores da vítima e do local onde ela se encontrava. Verificou-se que estas percepções variam em função de atributos da vítima e dos próprios respondentes. Confia-se que o propósito deste estudo tenha sido alcançado, sendo os resultados principais discutidos nesta oportunidade, realizando-se um esforço para compreendê-los à luz dos modelos teóricos adotados. Para tanto, dividiu-se dividir esta discussão em duas partes principais: a) *Prioridades valorativas das vítimas, ambiente e sexo dos respondentes* e b) *Variáveis pessoais dos respondentes e percepção das razões para ocorrência do estupro.* Serão ressaltados ainda as limitações potenciais e os estudos futuros.

Prioridades valorativas das vítimas, ambiente e sexo dos respondentes

Foi necessário inicialmente validar uma medida de razões para o acontecimento do estupro, construída com base na estória de estupro descrita no cenário. Verificou-se que as

dimensões *culpabilização do homem* e *culpabilização da mulher* foram suficientes para entender a percepção que as pessoas possuem das razões para acontecer o estupro. Constatou-se que as pessoas culpabilizaram em maior medida o homem do que a mulher, e o endosso dessa percepção variou em função das prioridades valorativas da mulher.

Quanto à *culpabilização da mulher,* não houve diferenças quanto aos valores, ao ambiente e ao sexo dos respondentes. Indicando que independente dos valores que a vítima era descrita priorizando, do ambiente que ela estava e do sexo dos participantes a culpabilização atribuída às mulheres foram semelhantes.

Já quando avaliado a *culpabilização do homem*, encontrou-se diferenças significativas nas variáveis dependentes. Em específico, verificou-se que quando a mulher foi mostrada como endossando valores de experimentação, a culpabilização do homem tendia a ser menor. Em outras palavras, quando a mulher foi descrita como priorizando a busca de novas experiências e a satisfação de prazer (Gouveia, 2016), as pessoas tenderam a atribuir ao homem uma menor culpa pelo estupro.

Por outro lado, quando a mulher é mostrada priorizando valores da subfunção normativa, enfatizando as normas sociais, sendo religiosa, obediente e respeitando as tradições, a culpabilização do homem foi maior. Na mesma direção,quando a mulher foi descrita com valores interativos, com necessidades de pertença, amor e afiliação, buscando, estabelecer, regular e manter as relações estáveis (Gouveia, 2013), da mesma forma, a tendência foi uma maior *culpabilização do homem*. De acordo com Ward (1995) os observadores masculinos atribuem mais culpa às vítimas com base em suas características caracterológicas, que ocorre quando a culpa é atribuída a um fator estável, no caso do presente estudo, os valores da vítima.

Foi verificado, ainda, um efeito de interação significativo entre a *culpabilização do homem* e as variáveis independentes, valores da vítima e o sexo dos respondentes. Mais

especificamente, nos respondentes do sexo masculino, houve um nível maior de *culpabilização do homem* quando a vítima foi descrita priorizando valores *interativos* e *normativos* quando comparado com *experimentação* e *realização*. Assim, na amostra masculina, pode-se observar que quando a mulher é descrita priorizando valores sociais (*interativa* e *normativa*), sendo centrada na sociedade, com um foco interpessoal, priorizando o grupo, o homem foi mais culpados pelo estupro quando comparados com a mulher descrita priorizando valores pessoais (*experimentação* e *realização*) com o mais egocêntricas, com um foco mais intrapessoal, tendendo a enfatizar ela mesma (Gouveia, 2016).

Em suma, quando a mulher é compreendida como se afastando do papel que é esperado para ela socialmente, priorizando a busca pela própria ascensão pessoal, bem como aproveitar a própria vida em detrimento dos afazeres do lar, por exemplo, faz com que, o estuprador seja percebido como menos culpado pelo estupro (Yount et al., 2013). Nascimento (2015) desenvolveu uma pesquisa utilizando uma metodologia semelhante, no contexto da violência contra a mulher e término de relacionamento, fazendo uso de cenários controlando os valores das vítimas de agressão. Como resultado foi observado que quando a mulher é descrita priorizando valores de existência, as pessoas tenderam a culpar em maior medida ao homem pelo términodo relacionamento e pela agressão que a mulher. Ao contrário, quando a mulher era mostrada endossando valores de realização, a culpabilização do homem tendia a ser menor.

Esses dados podem ser explicados em função de características patriarcais ainda presente na sociedade que estabelecem o que é esperado socialmente de cada um dos sexos (Nascimento, 2015). Portanto, de acordo com Mikolajczak e Pietrzak (2014) as mulheres que seguem àsnormas sociais são estimadas, inversamente aquelas que resolvem contrariar esse padrão e ahierarquia de gênero tendem a ser vistas com desconfiança e hostilidade. Nessa linha, as pesquisas demonstram que a tendência é pensar que as mulheres que fogem à regra e

descumprem as normas, merecem ser punidas (Glick,Lameiras, & Castro, 2002; Nascimento, 2015).

Variáveis pessoais dos respondentes e percepção das razões para ocorrência do estupro

Quanto às variáveis pessoais dos participantes e a percepção das razões para acontecer o estupro, tanto a *culpabilização do homem* quanto a *culpabilização da mulher* obtiveram relação com os valores, as atitudes frente às vítimas de estupro, e o nível de crença no mundo justo (CMJ) dos respondentes, no entanto essas relações se deram sempre em direções opostas. No caso do machismo foi evidenciada relação apenas com a *culpabilização da mulher*.

As subfunções *interativa* e *suprapessoal* se relacionaram positivamente à *culpabilização do homem*. Isso pode indicar que tanto pessoas que priorizam as relações sociais, afiliação, amor e o pertencimento (Gouveia et al., 2009) como aquelas mais maduras preocupadas com necessidades mais elevadas (Gouveia, 2013) parecem avaliar o homem como principal responsável pelo estupro. Ao contrario, os valores: *interativa*, *suprapessoal* e acrescido da *experimentação* se correlacionaram negativamente com culpabilização da mulher. Demonstrando que o fato das pessoas priorizarem esses valores pode ter ocasionado uma maior empatia com a vítima de estupro, visto que essas subfunções possuem um motivador humanitário, implicando em atitudes mais altruístas e abertura a mudanças, com espírito inovador e uma mente aberta, fazendo com que estas, percebessem a mulher de fato na posição de vítima (Gouveia, 2013; Nascimento, 2013).

As dimensões das atitudes frente às vítimas de estupro (credibilidade, merecimento e culpa) se correlacionaram negativamente com *culpabilização do homem* e inversamente, todas as dimensões das atitudes se relacionou positivamente *culpabilização da mulher*. Indicando que quanto maior o nível de atitudes negativas frente às vítimas de estupro, maior será a percepção da mulher enquanto responsável pelo estupro. De acordo com Yamawaki (2009)

um dos fatores mais amplamente explorados como tendo uma influência na culpabilização e a aceitação do mito de estupro, em que um dos fatores está relacionado às crenças preconceituosas, estereotipadas ou falsas sobre as vítimas de estupro, que podem criar atitudes hostis em relação a essas vítimas. Nessa direção, os psicólogos sociais encontraram uma correlação positiva entre atitudes negativas frente às vítimas de estupro e a sua culpabilização (Frese, Moya & Megías, 2004; Mason, Riger & Foley, 2004).

Quanto a CMJ, foi possível identificar uma relação negativa com *culpabilização do homem* e positivamente com *culpabilização da mulher*. Ou seja, quanto maior a CMJ das pessoas maior a tendência de culpabilizar a vítima de estupro, opostamente, menor a intenção de culpabilizar o agressor. Tanaka (1999) em seu estudo descobriu que indivíduos com alta CMJ tendem a avaliar o infortúnio de outras pessoas mais negativamente do que indivíduos com baixas pontuações em CMJ. Dessa forma, ao culpar as vítimas de estupro, presume-se que elas tenham merecido, o que dá às pessoas um senso de controle, ordem e justiça (Grubb & Harrower, 2008). O apoio a esta teoria é encontrado em muitos estudos que investigam a culpa da vítima de estupro (Furnham, 2003; Whatley & Riggio, 1993; Yamawaki, 2009).

Ainda dando suporte a esses resultados Yamawaki (2009) desenvolveu uma pesquisa com objetivo de examinar a relação da aceitação do mito de estupro e a CMJ na atribuição da culpa da vítima. Como resultado verificou que os indivíduos japoneses que obtiveram pontuações elevadas nos mitos de estupro ou no CMJ tenderam a perceber a suposta vítima de estupro como responsável por ser estuprada, por não ter se cuidado suficientemente e por ter se comportado mal.

Por fim, o machismo sexual se correlacionou positivamente com *culpabilização da mulher*, sugerindo que quanto mais machista o indivíduo maior a tendência para atribuir à vítima a responsabilidade no estupro que sofreu. É amplamente hipotetizado que, à medida que os observadores pontuarem mais alto nas medidas de atitudes do papel de gênero, suas

atitudes negativas em relação às vítimas de estupro aumentarão (Grubb & Turner, 2012). Muitos estudos apoiaram esta hipótese; os observadores que retratam um maior endosso dos estereótipos de papéis de gênero tradicionais geralmente culpam as vítimas em maior medida (Chapleau, et al., 2008, Grubb & Turner, 2012), recomendam sentenças mais leves para os estupradores (Viki, Abrams&Masser, 2004) e aceitam e minimizam o estupro em maior medida (Talbot, Neill, & Rankinet, 2010; White & Yamawaki, 2009). O que é condizente com o machismo sexual, que é entendido, como uma crença de superioridade do homem sob a mulher, na área sexual, e estabelece o papel do homem e da mulher, pessoas que pontuam alto no machismo sexual concordam com afirmações como: *Somente homens podem fazer sexo antes do casamento* e é *dever da mulher se cuidar na relação sexual (*Díaz-Rodríguez & Ramírez, 2012).

Diante dos achados apresentados, confia-se que os objetivos do presente estudo tenham sido alcançados. Não obstante, é necessário que se pondere algumas limitações, como por exemplo, a natureza da amostra, que foi em sua maioria de estudantes universitários da cidade de João Pessoa- PB. Embora a maioria dos estudos tenham utilizado estudantes universitários como participantes, existem limitações ao uso desta amostra específica. Os alunos representam um grupo de maior escolaridade dentro da população geral, o que está associado a atitudes mais liberais, uma menor tendência a aceitar estereótipos e um maior grau de apoio às vítimas de estupro (Idish, Ben-David, & Ben-Nachum, 2007; Ward, 1995).

Outra questão que merece destaque é o uso de cenários, embora a maioria dos estudos que use essa metodologia defenda ser o método mais válido e confiável, alguns pesquisadores reconhecem as limitações associadas a esse método, e têm buscado novas alternativas. Cohn, Dupuis e Brown (2009), por exemplo, adotaram uma abordagem de videoteipe, com o objetivo de tornar a situação mais realista e fornecer aos observadores mais informações contextuais. No entanto, observa-se que os resultados foram na mesma linha das pesquisas

que fizeram uso de cenários, reforçando assim as conclusões de estudos baseados na metodologia de cenários.

Nesse caso, propõe-se que estudos futuros sejam realizados no Brasil, tendo em conta uma amostra mais heterogênea, no que se refere ao grau de escolaridade, e as várias regiões Brasileiras. O desenvolvimento de uma medida implícita de culpabilização da vítima e do estuprador bem como, uma de atitudes implícitas frente às vítimas de estupro seriam outras indicações para estudos futuros, procurando controlar a influência do conteúdo explícito das atitudes.

Outra questão que deve ser levada em consideração em estudos futuros é o grau em que os observadores se identificam com a vítima de estupro, ou seja, a similaridade. A similaridade entre a vítima e o observador tem sido considerada como uma possível variável que pode explicar as atribuições diferenciais de responsabilidade e culpa (Grubb & Harrower, 2009; Krebs, 1975). Nesse caso, caberia em estudos futuros, avaliar o grau de atribuição de culpa quando os valores da vítima e dos observadores fossem similares. Hipotétiza-se que a culpabilização da vítima será menor quanto maior, for a similaridade valorativa, visto que quanto maior a similaridade, maior a identificação e a empatia com a vítima e possivelmente menor a atribuição de culpa a mesma (Krebs, 1975; Thornton, 1984).

Referencias

Alexander, C. S., & Becker, H. J. (1978). The use of vignettes in survey research. *Public Opinion Quarterly, 42*, 93–104.

Anderson, I., & Quinn, A. (2009). Gender differences in medical students' attitudes towards male and female rape victims. Psychology, *Health & Medicine, 14*, 105–110.

Basow, S., & Minieri, A. (2011). “You owe me”: Effects of date cost, who pays, participant gender, and rape myth beliefs on perceptions of rape. *Journal of Interpersonal Violence, 26*, 479-497.

Bohner, G., Eyssel, F., Pina, A., Siebler, F., & Viki, G. T. (2009). Rape myth acceptance: Cognitive, affective and behavioural effects of beliefs that blame the victim and exonerate the perpetrator. In M. Horvath, & J. Brown (Eds.), *Rape: Challenging contemporary thinking* (pp. 17–45). Cullompton: Willan.

Cassidy, L., & Hurrell, R. M. (1995). The influence of victim's attire on adolescents' judgments of date rape. *Adolescence, 30*, 319–323.

Chapleau, K. M., Oswald, D. L., & Russell, B. L. (2008). Male rape myths: The role of gender, violence, and sexism. *Journal of Interpersonal Violence, 23*, 600–615.

Cohn, E. S., Dupuis, E. C., & Brown, T. M. (2009). In the eye of the beholder: Do behavior and character affect victim and perpetrator responsibility for acquaintance rape? *Journal of Applied Social Psychology, 39*, 1513–1535.

Davies, M., & Hudson, J. (2011). Judgments toward male and transgendered victims in a depicted stranger rape. *Journal of Homosexuality, 58*, 237–247.

Davies, M., & Rogers, P. (2006). Perceptions of male victims in depicted sexual assault: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, *11*, 357–367

Davies, M., Pollard, P., & Archer, J. (2001). The influence of victim gender and sexual orientation on judgments of the victim in a depicted stranger rape. *Violence and Victims, 16*, 607–619.

Davies, M., Rogers, P., & Bates, J. (2008). Blame towards male rape victims as a function of victim sexuality and degree of resistance. *Journal of Homosexuality, 55*, 533–544.

Davies, M., Smith, R., & Rogers, P. (2009). Police perceptions of rape as a function of victim gender and sexuality. *The Police Journal, 82*, 4–12.

Davies, M., Rogers, P., & Whitelegg, L. (2009). Effects of victim gender, victim sexual orientation, victim response and respondent gender on judgements of blame in a hypothetical adolescent rape. *Legal and Criminological Psychology, 14*, 331–338

Díaz-Rodríguez, C. L., & Ramírez, M. T. G. (2012). Comparación intergeneracional del machismo sexual y conductas de autoeficacia. *Acta de Investigación Psicológica, 2,* 638–649.

Dinos, S., Burrowes, N., Hammond, K., & Cunliffe, C. (2015). A systematic review of juries' assessment of rape victims: Do rape myths impact on juror decision-making? *International Journal of Law, Crime and Justice, 43,* 36–49.

Durán, M., Megías, J. L., & Moya, M. (2016). Male peer support to hostile sexist attitudes influences rape proclivity. *Journal of Interpersonal Violence, 17,* 1-17.

Frese, B., Moya, M., & Megías, J. L. 2004. Social perception of rape: How rape myth acceptance modulates the influence of situational factors. *Journal of Interpersonal Violence, 2,* 143–161.

Furnham, A. (2003). Belief in a just world: Research progress over the past decade. *Personality and Individual Differences, 34,* 795–817.

Glick, P., Lameiras, M., & Castro, Y. R. (2002). Education and Catholic religiosity as predictors of hostile and benevolent sexism toward women and men. Sex Roles**,** 47**,** 433-441.

Gouveia, V. V. (1998). La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo: Una comparación intra e intercultural**.** (Tese de Doutorado). Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madri, Espanha.

Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia**.** Estudos de Psicologia, 8**,** 431-433.

Gouveia, V. V. (2013). Teoria Funcionalista dos valores humanos: Fundamentos, aplicações e perspectivas**.** São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gouveia, V. V. (2016). *Teoria Funcionalista dos valores humanos:áreas de estudo e aplicações.* São Paulo: Vetor

Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2011). Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Eds.), *A psicologia social: Principais temas e vertentes* (pp. 296-313). Porto Alegre, RS: ArtMed.

Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Sousa, D. M. F. de, Santos, W. S., & Costa, J. de M. (2009). Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica, 8*, 87–98 Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014). Functional theory of human values: Testing its content and structure hypotheses. Personality and Individual Differences**,** 60**,** 41-47.

Grubb, A. R., & Harrower, J. (2009). Attribution of blame in cases of rape: An analysis of participant gender, type of rape and perceived similarity to the victim. *Aggression and Violent Behaviour, 13*, 396–405.

Grubb, A. R., & Turner, E. (2012). Attribution of blame in rape cases: A review of the impact of rape myth acceptance, gender role conformity and substance use on victim blaming. *Aggression and Violent Behavior, 17*, 443–452.

Heaven, P. C. L., Connors, J., & Pretorius, A. (1998). Victim characteristics and attribution of rape blame in Australia and South Africa. *The Journal of Social Psychology, 138*, 131–133.

Idisis, Y., Ben-David, S., & Ben-Nachum, E. (2007). Attribution of blame to rape victims among therapists and non-therapists. *Behavioral Sciences and the Law, 25*, 103–120.

Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madri: Siglo XXI. Janoff-Bulman, R. (1979). Characterological versus behavioural self-blame: Inquiries into depression and rape. *Journal of Personality and Social Psychology, 37*, 1798–1809

Kahn, A. S., Rodgers, K. A., Martin, C., Malick, K., Claytor, J., Gandolfo, M., & Webne, E. (2011). Gender versus gender role in attributions of blame for a sexual assault. *Journal of Applied Social Psychology, 41*, 239–251.

Kerr, N. L. & Kurtz, S. T. (1977). Effects of a victim's suffering and respectability on mock juror judgments: Further evidence on the just world theory. *Representative Research in Social Psychology, 8*, 42-56.

Krebs, D. (1975). Empathy and altruism. *Journal of Personality and Social Psychology, 32*, 1134-1146.

Krulewitz, J. & Payne, E. (1978). Attributions about rape: Effects of rapist force, observer sex and sex role attitudes. *Journal of Applied Social Psychology, 8*, 291-305.

Lambert, A. J., & Raichle, K. (2000). The role of political ideology in mediating judgments of blame in rape victims and their assailants: A test of the just world, personal responsibility, and legitimization hypotheses. *Personality & Social Psychology Bulletin, 26*, 853–863.

Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1994). Rape myths: In review. *Psychology of Women Quarterly, 18*, 133–164.

Mason, G. E., Riger, S., & Foley, L. A. (2004). The impact of past sexual experiences on attributions of responsibility for rape. *Journal of Interpersonal Violence, 19*, 1157-1171.

McDonald, T. W., & Kline, L. M. (2004). Perceptions of appropriate punishment for committing date rape: Male college students recommend lenient punishments. *College Student Journal, 38*, 44–56.

Medeiros, E. D. (2007). *Correlatos valorativos das atitudes frente ao uso de tatuagem*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Medeiros, E. D. (2011). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Mikołajczak, M., & Pietrzak, J. (2014). Ambivalent Sexism and Religion: Connected Through Values. Sex Roles**,** 70, 387-399.

Nagel, B., Matsuo, H., McIntyre, K.P., & Morrison, N. (2005). Attitudes toward victims of rape: Effects of gender, race, religion, and social class. *Journal of Interpersonal Violence, 20,* 725-737.

Nascimento, B. S. (2015). *Atitudes frente à violência contra a mulher: o papel dos valores e da desumanização da mulher*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Newcombe, P. A., Van Den Eynde, J., Hafner, D., & Jolly, L. (2008). Attributions of Responsibility for Rape: Differences Across Familiarity of Situation, Gender, and Acceptance of Rape Myths1. *Journal of Applied Social Psychology, 38,* 1736–1754.

Pederson, S.H., & Strömwall, L.A. (2013). Victim blame, sexism, and just-world beliefs: A cross-cultural comparison. *Psychiatry, Psychology, and Law, 20,* 932-941.

Pollard, P. (1992). Judgments about victims and attackers in depicted rapes: A review. *British Journal of Social Psychology, 31,* 307-326.

Rodríguez, C. L. D., Rodríguez, M. A. R., & Ramírez, M. T. G. (2010) Escala de machismo sexual (SEM-Sexismo-12): diseño y análisis de propriedades psicométricas. *SUMMA Psicológica UST, 7,* 35-44.

Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.

Ryckman, R. M., Graham, S. S., Thornton, B., Gold, J. A., & Lindner, M. A. (1998). Physical size stereotyping as a mediator of attributions of responsibility in an alleged date-rape situation. *Journal of Applied Social Psychology, 28,* 1876–1888.

Sakallı-Uğurlu, N., Yalçın, Z. S., & Glick, P. (2007). Ambivalent Sexism, Belief in a Just World, and Empathy as Predictors of Turkish Students' Attitudes Toward Rape Victims. *Sex Roles, 57,* 889–895.

Schneider, L. J., Mori, L. T., Lambert, P. L., & Wong, A. O. (2009). The role of gender and ethnicity in perceptions of rape and its aftereffects. *Sex Roles, 60,* 410–421.

Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues, 50,* 19-45.

Simonson, K., & Subich, L.M. (1999). Rape perceptions as a function of gender-role traditionality and victim-perpetrator association. *Sex Roles, 40,* 617-634.

Sims, C. M., Noel, N. E., & Maisto, S. A. (2007). Rape blame as a function of alcohol presence and resistance type. *Addictive Behaviors, 32,* 2766–2775.

Sleath, E., & Bull, R. (2010). Male rape victim and perpetrator blaming. *Journal of Interpersonal Violence, 25,* 969–988

Suarez, E., & Gadalla, T. M. (2010). Stop blaming the victim: A meta-analysis on rape myths. *Journal of Interpersonal Violence, 25,* 2010 –2035.

Talbot, K. K., Neill, K. S., & Rankin, L. L. (2010). Rape-accepting attitudes of university undergraduate students. *Journal of Forensic Nursing, 6,* 170–179.

Temkin, J., (2010). And always keep a-hold of nurse, for fear of finding something worse" Challenging rape myths in the courtroom. *New. Crim. Law Rev. 13,* 710-734.

Temkin, J., & Krahé, B. (2008). *Sexual assault and the justice gap: A question of attitude.* Oxford: Hart.

Thornton, B. (1984). Defensive attribution of responsibility: Evidence for an arousal-based motivational bias. *Journal of Experimental Social Psychology, 46,* 721-734.

United Nations Development Fund for Women (2008). *Violence against women: Facts and figures*. Retrieved from. http://www.unifem.org/attachments/gender_issues/violence_against_women/facts_figures_violence_against_women_2007.pd

van der Bruggen, M., & Grubb, A. (2014). A review of the literature relating to rape victim blaming: An analysis of the impact of observer and victim characteristics on attribution of blame in rape cases. *Aggression and Violent Behavior, 19*, 523–531.

Viki, G. T., Abrams, D., & Masser, M. (2004). Evaluating stranger and acquaintance rape. *Law and Human Behavior, 28*, 295-303.

Wakelin, A., & Long, K. M. (2003). Effects of victim gender and sexuality on attributions of blame to rape victims. *Sex Roles, 49*, 477–487.

Ward, C. A. (1995). *Attitudes toward rape: Feminist and social psychological perspectives*. London: Sage Publications

Ward, C. (1988). The attitudes toward rape victims scale. Psychology of Women Quarterly**,** 12**,** 127-146.

Whatley, M. A., & Riggio, R. E. (1992). Attributions of blame for female and male victims. Family Violence and Sexual Assault Bulletin, 8(4), 16-18.

White, B. H., & Kurpius, S. E. R. (2002). Effects of victim sex and sexual orientation on perceptions of rape. *Sex Roles, 46*(5), 191–200.

White, S., & Yamawaki, N. (2009). The moderating influence of homophobia and genderrole traditionality on perceptions of male rape victims. *Journal of Applied Social Psychology, 39*, 1116–1136.

Workman, J. E., & Freeburg, E. W. (1999). An examination of date rape, victim dress, and perceiver variables within the context of attribution theory. *Sex Roles, 41*, 261–277.

World Health Organization. (2002). *World report on violence and health*. Retrieved from http://www.who.int/whr/en/index.html

Yamawaki, N. (2009). The role of rape myth acceptance and belief in a just world on victim: A study in Japan. *Psychologia: An International Journal of Psychology in the Orient*, 52, 163–174.

Yamawaki, N., & Tschanz, B. T. (2005). Rape perception differences between Japanese and American college students: On the mediating influence of gender role traditionality. *Sex Roles, 52,* 379–392.

Yount, K. M., Halim, N., Schuler, S. R., & Head, S. (2013). A survey experiment of women's attitudes about intimate partner violence against women in rural Bangladesh. Demography**,** 50**,** 333-357.

Considerações Finais

Esta tese de doutorado objetivou verificar como as atitudes frente às vítimas de estupro se relacionam com diferentes variáveis socioculturais (machismo e honra) e sócio-psicológicas (valores e traços de personalidade), procurando construir um modelo explicativo das atitudes frente às vítimas de estupro, tomando-se como base, os traços de personalidade, os valores humanos, a honra e o machismo; objetivou, ainda, avaliar como a culpabilização do estupro praticada contra a mulher varia em função das prioridades valorativas da vítima, do ambiente em que ela se encontra e do sexo dos observadores.

Inicialmente, procedeu-se à apresentação de uma sucinta revisão não sistemática da literatura acerca das atitudes frente às vítimas de estupro, abordando definição, características, correlatos e as principais consequências que essas atitudes negativas acarretam para a vítima e para sociedade como um todo. Posteriormente, adaptaram-se para o contexto brasileiro dois instrumentos: um de atitudes frente às vítimas de estupro e outro de machismo.

Ademais, foi construído um modelo para explicar as atitudes frente às vítimas de estupro, por meio da personalidade, dos valores humanos, da honra e do machismo. Por fim, desenvolveu-se um estudo quase-experimental, controlando os valores das vítimas, o ambiente onde ela se encontrava, o sexo dos respondentes e a influência no processo de culpabilização da vítima de estupro. Apesar de os resultados de cada artigo terem sido discutido previamente, a seguir os principais resultados serão retomados, assim como serão apresentadas potenciais limitações do estudo, suas possíveis aplicações e possibilidades de estudos futuros.

Principais resultados empíricos

Os resultados obtidos por meio dos quatro artigos empíricos que compõem esta tese trouxeram importantes contribuições para o entendimento das atitudes frente às vítimas de

estupro, principalmente, pela escassez de estudos explorando o tema em questão, sobretudo no âmbito nacional. O segundo e o terceiro artigos foram de ênfase psicométrica. Estes estudos permitiram adaptar e validar para o contexto brasileiro duas medidas que reuniram evidências de validade e precisão, a saber: *Escala de Atitudes frente a Vítimas de Estupro* (EAVE – Ward, 1988) e *Escala de Machismo Sexual* (Rodríguez, Rodríguez, & Ramírez, 2010).

Com relação à EAVE, os resultados encontrados possibilitam constatar que esta medida é trifatorial, avaliando a *credibilidade*, o *merecimento* e *culpa da vítima*. A estrutura fatorial, ora encontrada, explica 39,02% da variância total, bem como todos os coeficientes de consistência interna estão acima ou próximo do limiar preconizado na literatura (Nunnally, 1991; Pasquali, 2010). Essa estrutura foi confirmada por meio da análise confirmatória.

No que tange à *Escala de Machismo Sexual*, os estudos revelaram uma solução unifatorial, com indicadores de consistência interna acima do limiar indicado pela literatura. Apresentou validade convergente confirmada por meio da correlação com o fator *Sexismo Hostil* e *Sexismo Benévolo* da *Escala de Sexismo Ambivalente*. Neste âmbito, pensa-se que as duas medidas ora empregadas reúnem evidências preliminares de validade fatorial e consistência interna, justificando-se, portanto, a sua utilização em pesquisas futuras que levem em conta tais construtos.

O quarto artigo, do tipo correlacional, objetivou elaborar um modelo explicativo das atitudes frente às vítimas de estupro, tendo, como variáveis independentes, o machismo, a preocupação com a honra, valores humanos e os traços de personalidade; e testou se existe diferença na pontuação de atitudes frente às vítimas de estupro em relação ao sexo. Neste sentido, os resultados mostraram que os traços de personalidade predisseram os valores e a preocupação com a honra e o machismo, e estas, por sua vez, explicaram as atitudes frente às vítimas de estupro. Ou seja, indivíduos mais machistas, propensos a se preocupar com a honra

masculina tem uma maior tendência de desenvolverem atitudes negativas frente às vítimas de estupro. Por outro lado, pessoas guiadas por valores interativos e de existência têm menores probabilidades de endossarem atitudes negativas frente às vítimas de estupro.

O quinto e último Artigo objetivou verificar como a percepção de uma situação de estupro praticada contra a mulher varia em função das prioridades valorativas da vítima, do ambiente em que ela se encontra e do sexo dos respondentes. Buscou-se ainda averiguar como os valores, as atitudes frente às vítimas de estupro, o machismo e a crença no mundo justo (CMJ) dos respondentes podem influenciar o seu julgamento quanto à situação de estupro.

Os principais resultados indicaram que as prioridades valorativas das vítimas exerceram um papel preponderante nas respostas dos indivíduos quanto à razão para a ocorrência do estupro contra a mulher. Em linhas gerais, verificou-se que quando a mulher foi descrita como priorizando a busca de novas experiências e a satisfação de prazer às pessoas tenderam a atribuir ao homem uma menor culpa pelo estupro.

Por outro lado, quando a mulher foi mostrada priorizando valores que condizem com as normas sociais, sendo religiosa, obediente e respeitando as tradições, com necessidades de pertença, amor e afiliação, buscando, estabelecer, regular e manter as relações estáveis, a culpabilização do homem foi maior. Em outras palavras, quando a mulher é descrita comportando-se semelhante ao que é esperado socialmente da mesma, o estuprador é de fato percebido como responsável pelo crime. Todavia, uma mulher que se distancia dos padrões esperados para o sexo feminino, faz com que o estuprador seja menos culpabilizado.

Ainda no Artigo 5, foram realizadas correlações entre variáveis pessoais dos participantes [valores, atitudes frente às vítimas de estupro, crença no mundo justo (CMJ) e machismo] e a percepção das razões para acontecer o estupro (culpabilização do homem e culpabilização da mulher). Foi observado que os indivíduos que priorizaram as relações sociais, afiliação, amor e o pertencimento são mais maduros, preocupados com necessidades

mais elevadas e parecem avaliar o homem como principal responsável pelo estupro. Ao passo que as pessoas que endossam valores humanitários (interativa, suprapessoal e experimentação), implicando atitudes mais altruístas e abertura a mudanças, com espírito inovador e uma mente aberta, são mais propensas a perceberem a mulher de fato na posição de vítima.

Verificou-se que as dimensões das atitudes frente às vítimas de estupro (credibilidade, merecimento e culpa) se correlacionaram negativamente com culpabilização do homem e inversamente, todas as dimensões das atitudes se relacionaram positivamente com culpabilização da mulher, indicando que quanto maior o nível de atitudes negativas frente às vítimas de estupro, maior será a percepção da mulher enquanto responsável pelo estupro.

Quanto à CMJ, foi possível identificar uma relação negativa com culpabilização do homem e positivamente com culpabilização da mulher. Ou seja, quanto maior a CMJ das pessoas maior a tendência de culpabilizar a vítima de estupro, opostamente, menor a intenção de culpabilizar o estuprador. Por fim, o machismo sexual se correlacionou positivamente com culpabilização da mulher, sugerindo que quanto mais machista o indivíduo maior a tendência para atribuir à vítima a responsabilidade no estupro que sofreu.

Em suma, a presente tese forneceu evidências que confirmam o caráter preditivo da personalidade, do valores, da honra e do machismo nas atitudes frente às vítimas de estupro. Além do mais, demonstrou-se que não só os valores dos respondentes são importantes para a compreensão das atitudes, mas as prioridades valorativas das próprias vítimas influenciam este último construto.

Possibilidades de aplicação

As consequências das atitudes negativas frente às vítimas de estupro são inúmeras, visto que essa propensão a culpar as vítimas de estupro traduz-se preocupantemente em uma tolerância maior ao próprio crime, que gera uma maior probabilidade da própria vítima se

culpar, aumentando as possibilidades do desenvolvimento de transtorno de estresse pós-traumático, depressão, baixa autoestima, vergonha, ansiedade social e pensamentos suicidas (Kubany et al., 1995).

Além dessas consequências por parte da vítima, existem consequências para a sociedade como um todo. Pois, a vítimas de estupro, muitas vezes, mantêm sua vitimização escondida, porque sentem que serão culpadas ou desacreditadas, acarretando em uma maior impunidade para os estupradores, e dificultando a recuperação das vítimas (Grubb & Harrower, 2009; Hodge & Cantor, 1998; Walker, Archer, & Davies, 2005).

Dessa forma, a promoção de atitudes mais positivas frente às vítimas pode minorar os danos à saúde psicológica de possíveis vítimas, aumentar as denúncias e, consequentemente, reduzir a impunidade. Por mais que o objetivo da presente tese não tenha sido a elaboração de um modelo interventivo para as atitudes frente às vítimas de estupro, acredita-se que os resultados discutidos poderiam ser pensados enquanto possibilidades de aplicação. Tais possibilidades contemplam desde os instrumentos de avaliação fornecidos até aos dados obtidos em relação às variáveis estudadas.

No que se referem aos instrumentos, estes poderiam ser adequados para auxiliar no estabelecimento de estimativas sobre as atitudes frente às vítimas de estupro e sobre o machismo, com o intuito de subsidiar programas interventivos e preventivos. Também, auxiliar na escolha de jurados, gerando, assim, implicações para o sistema de justiça criminal, apesar dos instrumentos sozinhos não serem capazes de fornecer um diagnóstico apurado destas questões. No entanto, estas poderiam atuar como fonte complementar de dados, pois o fato das pessoas possuírem atitudes positivas ou negativas frente às vítimas de estupro pode influenciar os veredictos de culpa em julgamentos de estupro na vida real (Fischer, 1997).

Deveria haver o planejamento de diversas intervenções tendo em conta os valores, destacando a promoção para o maior endosso daqueles valores que se relacionaram

inversamente com as atitudes negativas frente às vítimas de estupro, como pode ser o valor existência e os valores interativos. Necessitaria, ainda, estratégias de intervenções para minorar o machismo e a honra masculina, visto que estes estão intimamente relacionados ao endosso de atitudes negativas frente às vítimas de estupro.

Além disso, tendo em vista que há uma diferença entre as atitudes manifestas entre os sexos, seria pertinente adotar estratégias preventivas acerca destas disparidades. Diante disso, em vez de se centrar em campanhas para a população como um todo, seria pertinente desenvolver estratégias distintas para ambos os sexos.

Limitações da pesquisa

Apesar das contribuições relevantes advindas desta tese, como por exemplo, adaptação de duas medidas de mensuração, o conhecimento dos correlatos das atitudes frente às vítimas de estupro e elaboração de um modelo explicativo desse construto, reconhecem-se limitações potenciais desta pesquisa. Dentre as limitações que podem ser relatadas, a primeira concerne às amostras usadas nos quatro artigos empíricos foram não probabilísticas, isto é, de conveniência, restringindo, assim, quaisquer possibilidades de generalizações dos resultados para além dos contextos específicos em que os estudos foram realizados (Cozby, 2003).

Ainda sobre a amostra, destaca-se a questão da variabilidade. Apesar da amostra utilizada em alguns artigos terem sido obtidas online, a maioria dos participantes eram universitários. Neste caso, trata-se de amostras homogêneas, apresentando pouca variabilidade, o que também impede a generalização destes resultados para a população. No entanto, a pesquisa sugere que os observadores da população em geral fazem julgamentos similares no que se refere às vítimas de estupro aos participantes estudantes (Kelly, 2009). Convém ressaltar que não foram estabelecidos cuidados para o controle de variáveis intervenientes que poderiam estar afetando as relações estabelecidas entre as variáveis tidas em conta nos artigos.

Outra ponderação importante de se frisar, se refere ao caráter das medidas utilizadas. Tratando-se de medidas de autorrelato ou explícitas esse tipo de medida tem inerente o componente de desejabilidade social. Nesse caso, em temáticas como atitudes frente às vítimas de estupro e machismo, isto é ainda mais preocupante, visto a menor probabilidade das pessoas se mostrem desfavoráveis abertamente a essas vítimas ou se descreverem como machistas (Nunes, Chantal, Hermann, & Ratcliffe, 2013). É sabido também que os valores humanos estão sujeitos a este tipo de viés (Schwartz, Verkasalo, Antonovsky, & Sagiv, 1997). Neste contexto, os participantes podem dar respostas não condizentes com a sua opinião com o intuito de se mostrarem segundo o que seria socialmente aceitável.

Em suma, apesar de serem reconhecidas as potenciais limitações supracitadas, os resultados se mostraram coerente com a literatura apresentada; sendo assim, confia-se que esta tese tenha cumprido todos os seus objetivos. No entanto, as limitações citadas devem ser consideradas em pesquisas futuras, com o intuito de aprimorar a compreensão das atitudes frente às vítimas de estupro. Assim, no tópico subsequente, serão tecidas sugestões de delineamentos e aspectos a serem considerados em estudos futuros.

Sugestões de estudos futuros

Em decorrências das críticas e limitações apresentadas, pondera-se necessário contar com uma amostra mais heterogênea, no que se refere ao nível de escolaridade e estrato social, uma vez que pesquisas mostram que as atitudes frente às vítimas de estupro variam em função da classe social e nível de escolaridade. Estudos desta natureza, além de analisar a influência destas variáveis nas atitudes, seriam pertinentes para verificar a invariância fatorial das medidas. Caberia, ainda, contar com uma amostra que incluísse outras regiões brasileiras, já que a amostra se restringiu ao contexto paraibano.

É válido ressaltar que a presente tese considerou apenas quatro variáveis explicadoras para as atitudes frente às vítimas de estupro: *traços de personalidade*, *valores humanos*,

preocupação com a honra e *machismo*. Porém, sabe-se que estas não seriam as únicas responsáveis por esse tipo de atitudes. Desta forma, sugere-se em estudos futuros a verificação de outras variáveis que também poderiam influenciar, como religiosidade, autoritarismo, orientação à dominância social e a *dark triad of personality*.

Na presente tese foi abordada apenas o estupro de desconhecidos, no entanto, a literatura argumenta que as atitudes frente às vítimas são mais negativas quando o estupro acontece por uma pessoa conhecida ou em um encontro romântico. Dessa forma, propõe-se que sejam realizados estudos controlando o grau de proximidade da vítima e do estuprador. Outras variáveis que merecem ser investigadas dizem respeito às características da vítima como: idade, escolaridade, etnia e o nível de resistência da vítima ao estupro (van der Bruggen & Grubb, 2014).

Com intuito de controlar a desejabilidade social, sugere-se a utilização de outras medidas que contornem as limitações dos instrumentos de autorrelato, como medidas implícitas e comportamentais. Dessa forma, indica-se o desenvolvimento de estudos utilizando apenas medidas implícitas para fornecer indicadores mais confiáveis quanto à relação destes construtos. Ademais, poder-se-ia pensar em um estudo de cunho prático visando levar a cabo programas de intervenção para promoção dos valores humanos a fim de promover as atitudes positivas frente às vítimas de estupro.

Referências

Cozby, P. (2003). *Metodologia de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.

Fischer, G. J. (1997). Gender effects on individual verdicts and on mock jury verdicts in a simulated acquaintance rape trial. *Sex Roles, 36*, 491–501.

Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. D. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em estudo, 7*, 103-111.

Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *The Amerycan Psychological Assiciation*, *70*, 3, 491-512.

Grubb, A., & Harrower, J. (2009). Attribution of blame in cases of rape: An analysis of participant gender, type of rape and perceived similarity to the victim. *Aggression and Violent Behavior*, *13*, 396–405.

Hodge, S., & Cantor, D. (1998). Victims and perpetrators and male sexual assault. *Journal of Interpersonal Violence*, *12*, 222-239.

Kelly, T. (2009). *Judgments and perceptions of blame: The impact of benevolent sexism and rape type on attributions of responsibility in sexual assault*. Doctoral dissertation, University of Toronto, Canada. Retirado de. https://tspace.library.utoronto.ca/bitstream/1807/17781/1/Kelly_Theresa_C_200906_PhD_thesis.pdf

Kubany, E. S., Abueg, F. R., Owens, J. A., Brennan, J. M., Kaplan, A. S., & Watson, S. B. (1995). Initial examination of a multidimensional model of trauma-related guilt: Applications to combat veterans and battered women. *Journal of Psychopathology and Behavioural Assessment*, *17*, 353-376.

Nunes, K. L., Hermann, C. A., & Ratcliffe, K. (2013). Implicit and explicit attitudes toward rape are associated with sexual aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, *28*, 2657–2675.

Nunnally, J. C. (1991). *Teoría psicométrica*. México, DF: Trillas.

Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e prática*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Rodríguez, C. L. D., Rodríguez, M. A. R., & Ramírez, M. T. G. (2010) Escala de machismo sexual (SEM-Sexismo-12): diseño y análisis de propriedades psicométricas. *SUMMA Psicológica UST*, *7*, 35-44.

Schwartz, S. H., Verkasalo, M., Antonovsky, A., & Sagiv, L. (1997). Value priorities and social desirability: Much substance, some style. *British Journal of Social Psychology*, *36*, 3-18.

Walker, J., Archer, J., & Davies, M. (2005). Effects of rape on male survivors: A descriptive analysis. *Archives of Sexual Behaviour*, *34*, 69-80.

Ward, C. (1988). The attitudes toward rape victims scale. *Psychology of Women Quarterly*, 12, 127-146.

Anexo

Escala de Machismo Sexual

INSTRUÇÕES. Abaixo você encontrará uma série de afirmações. Por favor, indique o quanto você concorda ou discorda de cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas, estamos apenas interessados em sua opinião. Utilize a seguinte escala de resposta, circulando abaixo o número que melhor representa sua opinião.

1	**2**	**3**	**4**	**5**
Discordo Totalmente	Discordo	Nem discordo, nem concordo	Concordo	Concordo totalmente

	Discordo totalmente	**Discordo**	**Nem discordo, nem concordo**	**Concordo**	**Concordo totalmente**
1. Somente homens podem fazer sexo antes do casamento	1	2	3	4	5
2. Homens podem ter filhos fora do casamento	1	2	3	4	5
3. Só os homens podem ter experiência sexual	1	2	3	4	5
4. Um homem pode ter sua primeira relação sexual com uma pessoa que não seja sua companheira.	1	2	3	4	5
5. Um homem casado ou em um relacionamento pode ter relações sexuais com prostitutas.	1	2	3	4	5
6. Uma mulher deve aceitar a infidelidade/traição do seu companheiro.	1	2	3	4	5
7. Um homem precisa ter várias parceiras sexuais.	1	2	3	4	5
8. Não importa a situação ou estado de humor da mulher, ela deve ter relações sexuais sempre que seu companheiro pedir.	1	2	3	4	5
9. Um homem pode ter várias parceiras sexuais ao mesmo tempo.	1	2	3	4	5
10. É dever da mulher se cuidar na relação sexual.	1	2	3	4	5
11. O homem deve iniciar sua vida sexual na adolescência.	1	2	3	4	5
12. O pai deve fazer com que seu filho inicie a vida sexual.	1	2	3	4	5

Escala de Atitudes frente às Vítimas de Estupro

INSTRUÇÕES. A seguir você encontrará uma série de frases sobre os homens e as mulheres. Por favor, indique em que medida você concorda ou discorda de cada uma delas, utilizando a seguinte escala de resposta:

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo nem discordo	Concordo Ligeiramente	Concordo Totalmente

1. ___Uma mulher que foi estuprada é uma mulher menos desejável.
2. ___A extensão da resistência da mulher deve ser o fator principal para determinar se um estupro.
3. ___Uma mulher estuprada geralmente é uma vítima inocente.
4. ___ As mulheres frequentemente alegam estupro para proteger sua reputação.
5. ___ As meninas "boas" são tão prováveis de serem estupradas quanto as "meninas más".
6. ___ As mulheres que não são virgens não devem queixar-se de estupro.
7. ___ As mulheres não provocam estupro por sua aparência ou comportamento.
8. ___ As mulheres intoxicadas (sob efeito de álcool ou drogas) geralmente estão dispostas a ter relações sexuais.
9. ___ Seria bom para algumas mulheres serem estupradas.
10 ___ Mesmo as mulheres que se sentem culpadas por transar antes do casamento não são susceptíveis de alegar estupro falsamente.
11 ___ A maioria das mulheres deseja secretamente ser estuprada.
12 ___ Qualquer mulher pode ser estuprada.
13 ___ Mulheres que são estupradas ao aceitar passeios com estranhos obtem o que merecem.
14 ___ Muitas mulheres inventam histórias de estupro quando descobrem que estão grávidas.
15 ___ Os homens, não as mulheres, são responsáveis pelo estupro.
16 ___ Uma mulher que sai sozinha à noite se coloca em posição de ser estuprada.
17 ___Muitas mulheres alegam estupro mesmo tendo consentido ter relações sexuais, que se arrependeram depois.
18 ___ As acusações de estupro por bar girls, dançarinas e prostitutas devem ser vistos com suspeita.
19 ___ Uma mulher não deveria se culpar por estupro.
20 ___ Uma mulher saudável pode resistir com sucesso a um estuprador se ela realmente tentar.
21 ___ Muitas mulheres que relatam estupro estão mentindo porque estão com raiva ou querem vingança sobre o acusado.
22 ___ As mulheres que usam saias curtas ou blusas apertadas não estão convidando para serem estupradas.

23 ___ As mulheres se colocam em situações em que são susceptíveis de serem agredidas sexualmente porque têm um desejo inconsciente de serem estupradas.
24 ___ Mulheres sexualmente experientes não são realmente agredidas por estupro.
25 ___ Na maioria dos casos, quando uma mulher foi estuprada, ela merecia.

Escala de Preocupação com a Honra

Instruções. Usando a numeração da escala de resposta abaixo, por favor indique o quanto você se sentiria mal consigo mesmo com o tipo de comportamento ou fama descrito em cada item.

Não me sentiria mal								**Me sentiria muito mal**
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**

Como você se sentiria se...

01.____ sua família tivesse má fama?

02.____ você traísse outras pessoas?

03.____ você fosse conhecido(a) como alguém que teve muitos(as) parceiros(as) sexuais diferentes?

04.____ você não se defendesse quando outros te insultam?

05.____ você tivesse relações sexuais antes de casar?

06.____ você não respeitasse seus próprios valores e princípios?

07.____ você fizesse algo para manchar a honra de sua família?

08.____ você fosse conhecido(a) como alguém que não tem autoridade sobre sua própria família?

09.____ você tivesse um(a) novo(a) namorado(a) com freqüência?

10.____ você tivesse a reputação de ser desonesto(a) com outras pessoas?

11.____ você ainda não tivesse tido uma relação sexual?

12.____ você vestisse roupas provocantes?

13.____ você fosse incapaz de defender a reputação da sua família?

14.____ você fosse um(a) hipócrita?

15.____ te faltasse autoridade sobre sua própria família?

16.____ você fosse conhecido(a) como alguém fácil de se levar para cama?

Questionário de Valores Básicos

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, escreva um número ao lado de cada valor para indicar em que medida você o considera importante como um princípio que guia sua vida.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não importante	Não importante	Pouco importante	Mais ou menos importante	Importante	Muito importante	Totalmente importante

01.____**APOIO SOCIAL**. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
02.____**ÊXITO**. Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03.____**SEXUALIDADE**. Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
04.____**CONHECIMENTO**. Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05.____**EMOÇÃO**. Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06.____**PODER**. Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
07.____**AFETIVIDADE**. Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08.____**RELIGIOSIDADE**. Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09.____**SAÚDE**. Preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente; não estar enfermo.
10.____**PRAZER**. Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
11.____**PRESTÍGIO**. Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12.____**OBEDIÊNCIA**. Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar aos seus pais e aos mais velhos.
13.____**ESTABILIDADE PESSOAL**. Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planificada.
14.____**CONVIVÊNCIA**. Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como social, esportivo ou comunitário.
15.____**BELEZA**. Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
16.____**TRADIÇÃO**. Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
17.____**SOBREVIVÊNCIA**. Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18.____**MATURIDADE**. Sentir que conseguiu alcançar seus propósitos na vida; desenvolver todas as suas capacidades

Inventário dos Cinco Grandes Fatores

INSTRUÇÕES. A seguir são apresentadas 20 afirmações que tratam de características pessoais. Leia cada uma com atenção e, utilizando a escala de resposta abaixo, indique o quanto concorda ou discorda com o fato de cada característica descrevê-lo.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente

Eu me vejo como alguém que...

01.____É conversador, comunicativo.

02.____É minucioso, detalhista no trabalho.

03.____Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.

04.____Gosta de cooperar com os outros.

05.____É original, tem sempre novas idéias.

06.____É temperamental, muda de humor facilmente.

07.____É inventivo, criativo.

08.____É prestativo e ajuda os outros.

09.____É amável, tem consideração pelos outros.

10.____Faz as coisas com eficiência.

11.____É sociável, extrovertido.

12.____É cheio de energia.

13.____É um trabalhador de confiança.

14.____Tem uma imaginação fértil.

15.____Fica tenso com frequência.

16.____Fica nervoso facilmente.

17.____Gera muito entusiasmo.

18.____Gosta de refletir, brincar com as idéias.

19.____Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.

20.____Preocupa-se muito com tudo.

Cenário

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente a história apresentada a seguir. Posteriormente, responda as perguntas que seguem a respeito, segundo as instruções que serão fornecidas.

Júlia é uma jovem que **adora aproveitar a vida, divertir-se, beber e desfrutar de aventuras.** Ela foi a uma festa e, chegando lá, conheceu um rapaz de nome Pedro, que logo demonstrou interesse em conhecê-la. No começo Júlia deu atenção a Pedro, quem, quando terminou a festa, insistiu em deixá-la em casa. Chegando em sua casa, Júlia desconfiou da pretensão de Pedro, que insinuou querer um relacionamento íntimo com ela. Então ela explicou que não estava disposta e não queria que ele entrasse em sua casa. Porém, Pedro não aceitou a negativa e insistiu! Percebendo que Júlia não mudara de ideia, ele se descontrolou, agarrou-a pelo braço e a beijou. Na ocasião Júlia reagiu, reclamando com Pedro, mas ele não se importou e forçou a sua entrada. Pedro continuou em sua investida, dizendo que Júlia gostaria do que aconteceria. Mesmo Júlia chorando e dizendo que não queria. Pedro a forçou, mediante o uso de força física, a manter relação sexual com ele.

Considerando a história anteriormente apresentada, responda as perguntas que seguem. É importante que seja sincero, indicando o que você realmente pensa, não o que poderiam esperar os demais ao seu redor.

RAZÕES PARA PEDRO ESTUPRAR JÚLIA

INSTRUÇÕES. Admitindo que Pedro tenha estuprado Júlia, indique o quanto cada uma das razões a seguir pode ter sido (im)provável justificar o seu comportamento.

RAZÕES PARA PEDRO ESTUPRAR JÚLIA	Totalmente improvável	Improvável	Mais ou menos provável	Provável	Totalmente provável
01. O ambiente que Júlia estava era favorável ao estupro.	1	2	3	4	5
02. Pedro não é uma boa pessoa.	1	2	3	4	5
03. Como Júlia não lutou contra o estupro, Pedro achou que ela queria.	1	2	3	4	5
04. Pedro é um animal, alguém sem coração.	1	2	3	4	5
05. Júlia provocou ao aceitar o convite de Pedro.	1	2	3	4	5
06. Júlia também é responsável, não sabendo o que quer.	1	2	3	4	5
07. Pedro é uma pessoa descontrolada.	1	2	3	4	5
08. Júlia sabia desde o início o que Pedro queria, provocando-o.	1	2	3	4	5
09. O desejo sexual de Pedro falou mais alto que tudo.	1	2	3	4	5
10. Pedro é um mau-caráter.	1	2	3	4	5
11. A roupa e a postura de Júlia podem ter provocado Pedro.	1	2	3	4	5
12. Não se justifica a conduta de Pedro, um psicopata.	1	2	3	4	5

POR FIM, GOSTARÍAMOS DE SABER UM POUCO MAIS A SEU RESPEITO:

01. Indique sua idade: _____ anos

02. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

03. Com qual orientação sexual, você tem maior identidade?

☐ Heterossexual ☐ Homossexual ☐ Bissexual ☐ Outro (Especifique:_____)

04. Estado Civil: ☐ Solteiro ☐ Casado ☐ Separado ☐ Outro (Especifique:_____)

05. Se casado, qual a ocupação de seu esposo/esposa: _____

06. Em comparação com as pessoas do seu país, você diria que sua família é da (circule):

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Classe baixa			**Classe média**				**Classe alta**		

07. Qual orientação religiosa/espiritual?

☐ Católica ☐ Evangélica ☐ Espírita ☐ Agnóstico ☐ Ateu ☐ Outra (_____)

08. Indique seu nível educacional:

☐ Ensino fundamental completo

☐ Ensino médio completo

☐ Ensino superior incompleto (curso:_____)

☐ Ensino superior completo (curso:_____)

☐ Pós-graduação (curso:_____)

AGRADECEMOS A SUA PARTICIPAÇÃO!